



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

TERMINOGRAFIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
GLOSSÁRIO DE NUTRIÇÃO

VILMA RODRIGUES CARDOSO

BRASÍLIA/DF

Novembro - 2017



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

TERMINOGRAFIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
GLOSSÁRIO DE NUTRIÇÃO

VILMA RODRIGUES CARDOSO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade de Brasília, para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos da Tradução.
Orientador: Prof. Dr. René Gottlieb Strehler.

BRASÍLIA/DF

Novembro - 2017

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO
TERMINOGRAFIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
GLOSSÁRIO DE NUTRIÇÃO

VILMA RODRIGUES CARDOSO

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre em estudos da tradução.

Banca examinadora formada pelos professores:

Prof. Dr. René Gottlieb Strehler

Prof^ª. Dr^ª. Soraya Ferreira Alves

Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Tuxi dos Santos

Prof^ª. Dr^ª. Cristiane Batista do Nascimento

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R C268t RODRIGUES CARDOSO, VILMA
TERMINOGRAFIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS. GLOSSÁRIO
DE NUTRIÇÃO / VILMA RODRIGUES CARDOSO; orientador René
Gottlieb Strehler. -- Brasília, 2017.
132 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Estudos de Tradução)
Universidade de Brasília, 2017.

1. Libras. 2. Terminologia. 3. Glossário. 4. Nutrição. 5.
Lexicografia . I. Gottlieb Strehler, René , orient. II.
Título.

Ao meu esposo, por todo apoio e confiança.
Aos meus pais, pela minha educação e tanto amor.
Àqueles que utilizam a plenitude das línguas de sinais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus**, pela oportunidade que me foi dada em realizar mais este sonho, e claro, sou grata pelo dom da vida.

Aos meus amados pais. Meu pai, **Heleno Cardoso**, recentemente falecido, que mesmo não entendendo com afinco a importância do mestrado devido a sua idade avançada, vibrava a cada vitória minha. Hoje me acalento na certeza de que ele faz grande festa no céu. À minha inspiração maior e meu exemplo, minha mãe **Marlene Cardoso**, que sempre me motivou com amor e dedicação, acreditando em mim, afirmando que, se eu sonhasse com algo, eu, por mérito, o conquistaria. A vocês, meus pais, meu eterno sentimento de honra e minha gratidão, pois toda minha perseverança é herança de vocês.

À minha avó **Wilma Fleck**, que com tanto carinho e sabedoria me motivou nos estudos. Supriu em sua completude toda a ausência de outros avós que não cheguei a conhecer. Hoje, ela festeja unida ao meu pai.

Ao meu esposo, **Pedro Vidal**, escolhido por Deus para ser o homem da minha vida, e quanta satisfação tenho em ser parte da dele. Muito obrigada por acreditar no meu potencial mais do que eu mesma, por ser tão compreensivo, motivador e paciente neste período árduo. A você, meu eterno respeito e amor.

Ao meu orientador, Professor Dr. **René Strehler**, obrigada pela atenção, confiança e por compartilhar comigo os seus conhecimentos. Estes saberes, que enriqueceram meus estudos, servirão de bases sólidas para meu futuro acadêmico. Muito obrigada por todas as dicas e sugestões.

Aos **professores** do mestrado, grata pelos ensinamentos e pela compreensão. Com vocês, tive uma oportunidade única de aprender. Sigo, tendo os senhores como exemplo para minha atuação.

Às minhas amigas de graduação, **Aline Alkmin, Janaína Carvalho e Luana Gomes**, obrigada por me levantarem quando eu caía no desespero de estar tão compromissada, realizando uma segunda graduação e o mestrado ao mesmo tempo. A vocês, deixo minha sincera amizade.

Às minhas colegas de mestrado, **Daniela Arnold, Flávia Abati, Jackeline Goulart, Julianne Aires, Luciana Lima, Mariana Reis, Verônica Cordeiro** obrigada por caminharmos juntas nessa etapa. Compartilhamos choros e risadas, saberes e intuições, porém, compartilhamos nossas vidas, construindo uma relação promissora. Em especial, muito obrigada **Flávia Abati e Mariana Reis** por tanto apoio durante nossa jornada.

Aos surdos **Maisa Silva e Vinicius Silva**, por terem aceitado participar das filmagens do glossário. Minha gratidão por representarem com tanta disposição e eficácia a comunidade surda.

Às profissionais **Larissa Azevedo e Aline Alkmin** por atuarem com tanto afinco e destreza na elaboração do glossário. Muito obrigada pela disposição e por contribuírem na concretização deste sonho.

RESUMO

Este trabalho está fundamentado na área de Estudos da Tradução e tem como linha de pesquisa a Terminologia e a Lexicografia. O objeto de estudo é a proposta de glossário bilíngue Língua Brasileira de Sinais (Libras) /Português em nutrição, representado por sinais-termo de repertórios lexicográficos já existentes na língua de sinais, porém, que estão destinados a outras áreas. Para elaboração do glossário, foram estabelecidos alguns objetivos específicos, tais como: (a) extrair sinais-termo já existentes nos diversos materiais lexicográficos e terminográficos, e que são condizentes com a área da nutrição; (b) delimitar o corpus; (c) estruturar o modelo de glossário em nutrição numa plataforma e; (d) apresentar à comunidade disponibilizando o material digital em meio virtual. A obra visa contemplar o tradutor e intérprete de Libras, assim como, o consulente surdo bilíngue. O questionamento que guia esta proposta é: como padronizar os sinais-termo que são condizentes com a área da nutrição, de modo a contribuir e atender as necessidades dos usuários da Libras? Para tal, fez-se pertinente a elaboração de um glossário bilíngue Libras/Português em nutrição com a amostragem de um pequeno corpus, sendo assim, não tivemos como intenção a feitura de uma obra terminográfica completa. Os pressupostos encontrados na Lexicologia e Terminologia, além de Políticas Linguísticas das línguas de sinais serviram de aporte teórico deste trabalho; e no fazer prático, utilizamos como referências, saberes da Lexicografia e Terminografia. É possível neste modelo de glossário, visualizar o sinal-termo em língua portuguesa e na Escrita das Línguas de Sinais (ELiS). Em Libras, o consulente poderá visualizar o sinal-termo e um exemplo de uso numa frase. Em língua portuguesa, é possível visualizar o significado, uma estratégia utilizada para interpretação em Libras, e exemplo de uso do sinal-termo. Resultante deste processo, percebemos que em âmbito científico, é necessária a compilação dos termos da área da nutrição em um único material, pois facilita o acesso aos pesquisadores. Concluímos então, que este modelo de glossário na área da nutrição é uma ferramenta útil e promissora, além de tornar possível a concretude na divulgação e reconhecimento dos sinais-termo na área da nutrição.

PALAVRAS-CHAVE: Libras; Terminologia; Glossário; Nutrição; Lexicografia.

ABSTRACT

This work is based on the area of Translation Studies, and has as a research line in Terminology and Lexicography. The object of study is a proposal of a model of a bilingual Brazilian Sign Language(Libras)/Portuguese glossary in nutrition, represented by signs-terms of lexicographic repertoires already existing in sign language, but which are destined to other areas. For the elaboration of the glossary, some specific objectives have been established, such as: (a) extracting already existing signs-term in the various lexicographic and terminographic materials, which are consistent with the area of nutrition; (b) delimit the corpus; (c) structure the glossary model in nutrition into a platform; (d) present to the community by making the digital material available in a virtual environment. The work aims to include the translator and interpreter of Libras, as well as the deaf bilingual consulter. The question that guides this proposal is: how to standardize the signs-term that are consistent with the area of nutrition, in order to contribute and meet the needs of the users of Libras? One hypotese found was the elaboration of a bilingual Libras/Portuguese glossary in nutrition with the sampling of a small corpus, therefore, we did not intend to make a complete terminographic work. The assumptions found in Lexicology and Terminology, as well as Linguistic Policies of sign languages served as a theoretical contribution of this work; and in practice, we use as references the knowledge of Lexicography and Terminography. It is possible in the glossary model to visualize the signs-term as word in Portuguese and in the writing of the signal language (EliS). In Libras, the consulter can visualize the signs-terms and an example of use in a sentence. In Portuguese, it is possible to visualize the interpretation, a strategy for interpretation in Libras, and a example of use of the sign-term. Resulting from this process, we identify that the compilation of the terms of the nutrition area in a single material is necessary in the scientific field, because it facilitates the access to researchers. We conclude that this model of glossary in the area of nutrition is a useful and promising tool, in addition to making it possible to disseminate and recognize the signs-term in the area of nutrition.

KEYWORDS: Libras; Terminology; Glossary; Nutrition; Lexicography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeiro modelo de glossário citado por Strehler e Gorovitz.	26
Figura 2 - Segundo modelo de glossário citado por Strehler e Gorovitz.	26
Figura 3 - Terceiro modelo de glossário citado por Strehler e Gorovitz.	27
Figura 4 – Alfabeto de Juan Pablo Bonet.	32
Figura 5 – Letras do alfabeto de Juan Pablo Bonet.	33
Figura 6 - A luva de George Dalgarno.	34
Figura 7 – Espaço de sinalização por Gilbert Austin.	35
Figura 8 - Espaço de Sinalização em ‘Chironomia’ - plate 9 (In: Austin, 1806).	35
Figura 9 - Mimografia por Roche Ambroise Bébien.	36
Figura 10 – Espaço de sinalização por Albert M. Bacon.	37
Figura 11 - Livro ilustrativo Refugium Infirmorum.	38
Figura 12 - La véritable manière d’instruire les sourds et muets - 1789.	39
Figura 13 - Livro ilustrativo Iconographia dos Sinais dos Surdos-Mudos.	40
Figura 14 - Livro ilustrativo Linguagem das Mãos 1969.	41
Figura 15 - Trecho do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Libras.	43
Figura 16 - Versão digital do Dicionário Enciclopédico.	43
Figura 17 - Dicionário de Libras Ilustrado disponível apenas na versão digital.	44
Figura 18 - Enciclopédias da Língua de Sinais Brasileira.	45
Figura 19 - Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais.	45
Figura 20 - LIBRAS Língua Brasileira de Sinais - A imagem do Pensamento.	47
Figura 21 - Sinal de LARANJA e SÁBADO - A Imagem do Pensamento.	47
Figura 22 - Sinal da palavra ESPERAR - A Imagem do Pensamento.	48
Figura 23 – Imagem do DEIT-LIBRAS.	49
Figura 24 - Tríade Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais.	50
Figura 25 - Ficha Catalográfica. Glossário de termos da eletrotécnica em Libras.	52
Figura 26 - Passo a passo para uso do Glossário pelo acesso ao site da UFSC.	53
Figura 27 - Acesso do glossário de Biologia pelo site do EPEEM.	54
Figura 28 - Acesso pelo YouTube do Dicionário Específico: Vida Saudável.	55
Figura 29 - Apresentação do glossário em LSB e LP.	56
Figura 30 - Glossário ilustrado do meio ambiente: Libras/Português.	56
Figura 31 - Acesso ao site do Manuário Acadêmico e Escolar do INES.	57
Figura 32 - Vídeo como sinal de Aristóteles.	57
Figura 33 - Configuração de dedos segundo Barros (2008).	60
Figura 34 - Orientação da Palma segundo Barros (2008).	61
Figura 35 - Ponto de Articulação segundo Barros (2008).	62
Figura 36 - Movimento segundo Barros (2008).	63
Figura 37 - Escrita em ELiS da palavra BONITO, por Barros (2016).	64
Figura 38 - Tela de um editor de textos do SW, o SignEdit.	66
Figura 39 - CMs.	76
Figura 40 - Configuração de Mão para o termo NUNCA.	77
Figura 41 - Configuração de mãos: alfabeto manual brasileiro.	78

Figura 42 - Espaço de sinalização do PA.	79
Figura 43 - Sinal do termo APRENDER.....	80
Figura 44 - Sinal do termo LARANJA.....	80
Figura 45 - Sinal do termo SORRIR.	81
Figura 46 - Sinal do termo CHORAR.	82
Figura 47 - Sinal do termo DESCULPAR.	82
Figura 48 - Sinal do termo GOSTAR.....	83
Figura 49 - Sinal da expressão AJUDAR VOCÊ(S).	84
Figura 50 - Sinal da expressão ME AJUDAR.....	84
Figura 51 - Sinal da expressão OBEDECER alguém ou algo.....	85
Figura 52 - Sinal da expressão OBEDECER a mim.	85
Figura 53 - Sinal do termo LIMÃO.....	86
Figura 54 - Sinal do termo SÁBADO.	86
Figura 55 - Apresentação inicial do GLOSSNUTRI.....	111
Figura 56 - Opção “Tutorial” do GLOSSNUTRI.....	111
Figura 57 - Opção "Sobre" do GLOSSNUTRI.	112
Figura 58 - Texto informativo da opção "Sobre" do GLOSSNUTRI.	113
Figura 59 - Página “Contato” do GLOSSNUTRI.	114
Figura 60 - Aba "Sinal" do GLOSSNUTRI.	115
Figura 61 - Aba "Exemplo de Uso" do GLOSSNUTRI.....	115
Figura 62 - Aba "Descrição do Sinal" do GLOSSNUTRI.	116
Figura 63 - Modelo do verbete do GLOSSNUTRI.	117
Figura 64 - Descrição fonológica dos sinais-termo do GLOSSNUTRI.....	118
Figura 65 - Busca por sinal-termo no GLOSSNUTRI.	119
Figura 66 - Busca por caracteres no GLOSSNUTRI.	120
Figura 67 - Aba "Contato" do GLOSSNUTRI.....	122

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Adaptação das categorias do MO propostos por Brito (1990).....	81
Quadro 2- Adaptação das categorias do MO propostos por Brito (1990).....	81
Quadro 3 - Sinais-termo para o modelo de glossário em nutrição.	99
Quadro 4 - Fotografia da tradução/interpretação feita por SILVA, M. C.	102
Quadro 5 - Fotografia da tradução/interpretação feita por SILVA, M. C.	103
Quadro 6 - Fotografia da tradução/interpretação feita por SILVA, M. C.	104
Quadro 7 - Fotografia da tradução/interpretação feita por SILVA, V. R.....	105
Quadro 8 - Fotografia da tradução/interpretação feita por SILVA, V. R.....	106
Quadro 9 - Fotografia da tradução/interpretação feita por SILVA, V. R.....	107

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Coleta de dados inicial – termos na área nutricional.....	93
Tabela 2 – Sinais existentes para os termos da área nutricional.....	96

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CL - Classificador
CLs - Classificadores
CM - Configuração de mão
CMs - Configurações de mão
ELiS – Escrita das línguas de sinais
ENM - Expressões não manuais
L1 - Primeira língua
L2 - Segunda língua
Libras - Língua de Sinais Brasileira
LO - Língua oral
LP - Língua Portuguesa
LS - Língua de Sinais
LSB - Língua de Sinais Brasileira
MO - Movimento
ONU - Organização das Nações Unidas
PA - Ponto de articulação
TILS - Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais
TILSP - Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais

Sumário

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 – DISCUSSÃO TEÓRICA	21
1.1 Terminologia.....	21
1.2 Terminografia e lexicografia	23
1.3 Tipos de glossários.....	25
1.4 Histórico das obras lexicográficas em LS.....	30
1.4.1 Alfabeto de Juan Pablo Bonet	32
1.4.2 A luva proposta por George Dalgarno.....	33
1.4.3 Espaço de sinalização por Gilbert Austin.....	34
1.4.4 ‘Mimografia’ por Roche Ambroise Bébian.....	36
1.4.5 Espaço de sinalização por Albert M. Bacon.....	36
1.5 Os principais dicionários da língua brasileira de sinais.....	37
1.5.1 Dicionários de Libras nas áreas de especialidades.	50
1.5.2 Repertórios lexicográficos de língua de sinais em andamento	54
1.6 O sistema de escrita das línguas de sinais ELiS.....	Erro! Indicador não definido.
1.6.1 ELiS por Mariângela Estelita Barros.....	59
CAPÍTULO 2 – CARACTERIZANDO A LÍNGUA DE SINAIS.....	67
2.1 Métodos educacionais para surdos	67
2.1.1 Método Oralista.....	67
2.1.2 Comunicação Total	70
2.1.3 Bilinguismo e direitos linguísticos dos surdos	71
2.2 Aspectos fonológicos: os parâmetros de Libras.....	73
2.2.1 O parâmetro configuração de mão (CM).....	75
2.2.2 O parâmetro ponto de articulação (PA).....	78
2.2.3 O parâmetro movimento (MO).....	80
2.2.4 O parâmetro orientação (O).....	83
2.2.5 O parâmetro expressões não manuais (ENM).....	85
2.3 Termos de especialidades na educação de surdos: a nutrição sob a perspectiva de uma constante necessidade.....	87
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA EMPREGADA NO GLOSSÁRIO BILÍNGUE DE NUTRIÇÃO: LIBRAS/PORTUGUÊS	91
3.1 Procedimentos metodológicos para criação do glossário.....	91
3.2 Etapas desenvolvidas para a organização dos dados	92
3.2.1 Seleção de termos na área da nutrição.....	92

3.2.2 Extração do Corpus: busca de sinais para os termos	94
3.2.3 Compilação dos sinais-termo	97
3.3 Busca de definição para os sinais-termo em dicionários de especialidade	99
3.4 Escolha de um exemplo de uso para os sinais-termo.....	99
3.5 Escrita dos sinais-termo em ELiS	100
3.6 Organização dos sinais-termo em fichas lexicográficas na LP.....	100
3.7 Execução de filmagens e registro na plataforma	108
3.7.1 Filmagem da apresentação inicial, dos sinais-termo e exemplos de uso.....	108
CAPÍTULO 4: CARACTERÍSTICAS DO GLOSSNUTRI.....	110
4.1 Macro e micro estrutura do glossário	110
4.1.1 Macroestrutura do GLOSSNUTRI.....	110
4.1.2 Microestrutura do verbete	114
4.2 O verbete	116
4.3 Descrição fonológica dos sinais-termo.....	117
4.4 Mecanismos de busca pelos sinais-termo	118
4.4.1 Buscando por termos listados.....	118
4.4.2 Buscando por caracteres da LP	119
4.4.3 Buscando pelo sistema ELiS	121
4.5 Registro de dados na plataforma digital	122
4.6 Acesso ao glossário	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126

INTRODUÇÃO

Este trabalho está fundamentado na área de Estudos da Tradução e tem como linha de pesquisa a terminologia e lexicografia. O objetivo deste estudo é a proposta de um modelo de glossário bilíngue em Língua Brasileira de Sinais (Libras) /Português em nutrição, representado por sinais-termo de dicionários já existentes, porém, que são destinados a outras áreas. A expressão “sinal-termo” foi criada pela professora Enilde Faulstich para designar dois conceitos expressivos: a de sinal e a de termo. De acordo com Faulstich (2014), essa expressão é um termo adaptado do português para representar conceitos de áreas especializadas do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira. A expressão sinal-termo pode representar então, conceitos de linguagem especializada assim como pode denotar também conceitos de palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas.

Para executar tal proposta, foram estabelecidos alguns objetivos específicos, tais como: (a) extrair sinais-termo já existentes dos diversos materiais lexicográficos e terminográficos, e que são condizentes com a área da nutrição; (b) delimitar o corpus que irá compor a amostragem; (c) estruturar o modelo do glossário bilíngue Libras/Português em nutrição e; (d) apresentar à comunidade disponibilizando o material digital em meio virtual. A obra visa contemplar o tradutor e intérprete de língua de sinais, assim como o consulente surdo. O questionamento que guia esta proposta é: como padronizar os sinais-termo que são condizentes com a área nutricional de modo a contribuir e atender às necessidades dos usuários de Libras?

Uma solução encontrada foi a elaboração deste modelo de glossário com a amostragem de um pequeno corpus, sendo assim, não tivemos como intenção a feitura de uma obra terminográfica e lexicográfica completa. Serviram de aporte teórico os pressupostos encontrados na Lexicologia e Terminologia, além de Políticas Linguísticas; e no fazer prático, utilizamos como referências saberes da Lexicografia, Terminografia e referências que se adequem as especificações das línguas de sinais. A natureza metodológica deste trabalho foi quantitativa com objetivos de pesquisa exploratória.

É possível, neste modelo de glossário, visualizar o sinal-termo traduzido na língua portuguesa, na escrita das línguas de sinais ELiS, e em Libras. O consulente poderá também visualizar a tradução e interpretação do sinal-termo com seu significado e um exemplo de uso, assim como o significado e exemplo de uso do sinal-termo em língua portuguesa. Embora as imagens sejam essenciais para a compreensão dos conceitos nas línguas de sinais, os sinais-

termo deste glossário não acompanham ilustração, por tratar de termos de especialidade em nutrição, sendo suas imagens bastante abstratas, não acarretando uma interpretação clara.

A princípio, o glossário intitulado GLOSSNUTRI, encontra-se disponível na internet, podendo ser baixado no computador do usuário através do link: <https://github.com/laazevedo/GLOSSNUTRI>. É possível ainda acessá-lo através da página do Youtube no link: https://www.youtube.com/watch?v=uTK_-8olfvo.

A terminologia se torna essencial na aquisição do saber científico e os glossários de áreas de especialidades podem ser vistos com um portal de acessibilidade aos surdos. Segundo Barros (2004), a terminologia se dedica ao estudo científico dos termos e conceitos, termos estes que são utilizados nas linguagens de especialidades. Nas línguas de sinais, muitas vezes é necessária uma sistematização da terminologia específica nas diversas áreas do conhecimento, afinal os surdos passaram a ter um acesso considerável aos cursos superiores, o que incorre na necessidade de sistematização de sinais específicos para diversos termos.

Na falta de sinais, os profissionais TILS (Tradutores e Intérpretes da Língua de Sinais), dispõem de um empréstimo linguístico da Língua Portuguesa (2ª língua para os surdos), mas que também se tornou instrumento valioso no aprendizado da língua de sinais, que é chamado de datilologia, ou ainda soletração manual, que demanda a realização de cada letra da palavra em questão. Pode se dizer que a datilologia é um sistema manual de representação das letras e da ortografia dos alfabetos das línguas orais, sendo considerada simbólica e também icônica. Na datilologia, é possível perceber configurações de mãos que correspondem às letras e os números de uma língua escrita.

Todavia, a comunicação em Libras se dá pela realização de sinais e não por princípios baseados na datilologia. Isso desmistifica uma maioria desconhecadora, pois o recurso da datilologia, embora seja parte da língua, é mais utilizado para traduzir nomes próprios e de palavras que ainda não possuem um sinal. Mesmo quando os surdos são alfabetizados em Libras, ou seja, sua primeira língua (L1), o uso da datilologia realizado por várias vezes, seja por repetição visando uma melhor compreensão, ou por serem várias as palavras sem um sinal, é algo que fragmenta a tradução e retarda o entendimento e aprendizado dos surdos. A datilologia não é também uma representação na íntegra do português, e sim uma representação manual de sua ortografia, mas isso será detalhado no Capítulo 2 intitulado: *Caracterizando a língua de sinais*.

Assim, os sinais contextualizam a conversação e é importante citarmos que, durante a tradução do par Libras/português, por exemplo, é preciso considerar a cultura e regionalidade.

Do mesmo modo que os ouvintes conhecem e utilizam inúmeras palavras no cotidiano, “[...] os utentes das línguas de sinais conhecem também milhares de sinais. Associar o sinal com o seu significado correspondente faz com que as pessoas identifiquem os sinais da língua” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 87). Essa associação não ocorre tão facilmente quando se trata de sinais-termo de áreas de especialidade e normalmente os sinais são criados na modalidade de “combinados” entre surdo e tradutor/intérprete, no intuito de facilitar a comunicação momentânea. No entanto, isso acarreta na problemática da falta de padronização dos sinais-termo, afinal, em sua maioria não foram criados nem validados com base nos termos da ISO 704:2000 (documento internacional de normalização de trabalho terminológico), que serve atualmente como uma das referências para os surdos no ato de criar sinais. Desse modo, estes sinais-termo ficam restritos a pequenos locais e sofrem ínfima divulgação. A criação de sinais está se expandindo nos meios acadêmicos, nas instituições que atuam com Libras, de fato, uma iniciativa importante, porém, que deve ser realizada com cautela, visto que não há ainda um método ou uma bancada única responsável pela aprovação e concretização de novos sinais, apenas referências.

A escolha da temática de nutrição para esta proposta de glossário se deu tanto pelo fato de não termos conhecimento da existência de tal material, quanto por ser tema de relevância e muito debatido na atualidade. Devido à convivência com o público surdo, percebemos que há muitas dúvidas no tocante ao âmbito nutricional, afinal, faz parte do cotidiano do surdo, seja na vida pessoal, acadêmica ou profissional. No dia a dia, o surdo se depara com termos que são comuns aos ouvintes e que muitas vezes eles desconhecem por se tratarem de palavras complexas. A ausência de conhecimento dos sinais que se inserem nessa temática, pode interferir diretamente na qualidade de vida dos surdos, como é o caso em uma consulta nutricional em que, é possível que estes saiam com dúvidas e questionamentos diante de terminologias específicas que são soletradas por TILS mediadores, ou que fazem sinais desconhecidos para tais termos. É nesse foco, que se insere a necessidade de um glossário na área nutricional, em que os sinais poderão através da compilação em único material, serem devidamente divulgados e se tornarem aplicadamente conhecidos.

Há diversos materiais lexicográficos sendo divulgados nas mídias eletrônicas, como por exemplo, nas áreas de Biologia, Matemática, Física, Mecânica, e às vezes, há um sinal-termo ou outro que diz respeito à área da Nutrição. Assim, aqui se faz uma organização sistemática de alguns sinais-termo na tentativa de chegar a uma padronização, afinal, os registros lexicográficos contribuem para a aquisição do conhecimento linguístico e social.

Para, além disso, os dicionários, glossários e afins auxiliam na transmissão de conteúdos, mantendo e fortalecendo o léxico.

Quanto à estruturação do trabalho, o capítulo primeiro, “*Discussão Teórica*” apresenta as abordagens bases que sustentaram a tese, tais como, terminologia e lexicografia, adentrando também aos níveis de análise da Libras. Trazemos um histórico das primeiras obras lexicográficas em língua de sinais, falamos sobre as escritas mais conhecidas no Brasil e sobre os principais dicionários sinalizados.

O segundo capítulo, “*Caracterizando a Língua de Sinais*”, expõe um pouco da gramaticalidade da Libras, assim como os aspectos fonológicos e morfológicos que compõem os sinais, o que torna relevante para uma melhor compreensão da proposta que expomos do glossário bilíngue Libras/Português em nutrição. São expostas também algumas referências sobre as propostas metodológicas mais utilizadas no ensino de surdos: oralismo, comunicação total e o bilinguismo. Incitamos por fim, um olhar sob a relevância da lexicografia em língua de sinais, tratando dos termos de especialidades na área da nutrição.

No terceiro capítulo, “*Procedimentos metodológicos adotados no glossário bilíngue Libras/Português em nutrição*”, explicamos com detalhes a metodologia empregada para tal proposta. Exemplificamos as etapas desenvolvidas na coleta de dados, a escolha dos sinais-termo para compor o modelo do glossário, o processo de filmagem e registro de dados na plataforma virtual.

O quarto e último capítulo, “*Características do GLOSSNUTRI*”, apresenta o glossário ao leitor. Exemplifica macro e micro estrutura do software desenvolvido e faz uma reflexão a luz da acuidade visual dos surdos, fornecendo dados que auxiliam o leitor no uso da plataforma através de ilustrações. É explicado o passo a passo de como utilizar o glossário, seus meios de busca, a apresentação na página inicial, o modelo dos verbetes, entre outras informações contidas no GLOSSNUTRI.

Finalmente, após exposição dos quatro capítulos, apresentamos as considerações finais e as referências utilizadas. Cabe destacar que este trabalho não é conclusivo, afinal, trata-se de uma proposta de um modelo de glossário terminográfico, que servirá de auxílio para os usuários de Libras.

CAPÍTULO 1 – DISCUSSÃO TEÓRICA

No intuito de posteriormente explorar detalhes do glossário bilíngue Libras/Português em nutrição, este capítulo trata de algumas premissas básicas para uma compreensão mais plena desta proposta. Veremos então um pouco sobre os aspectos terminológicos e lexicográficos, em que faremos algumas reflexões sobre os repertórios lexicográficos de língua de sinais, dentre elas, sobre a inclusão de uma língua escrita de sinais. Mostramos alguns dos primeiros métodos utilizados para registrar a escrita de sinais e trazemos também um histórico documentado dos principais dicionários de língua de sinais, além da influência da França no surgimento do primeiro dicionário de Libras no Brasil. Fazemos algumas reflexões sobre a relevância dos dicionários existentes observando a necessidade da criação de dicionários nas áreas de especialidades e apresentamos as duas escritas mais citadas no Brasil: ELiS e SignWriting.

1.1 Terminologia

Enquanto campo de investigação, a terminologia se entrelaça com a lexicologia e lexicografia, e para visualizarmos melhor estes aspectos na Libras, é pertinente antes, uma breve explicitação da língua comum, língua geral e linguagens de especialidade. A língua geral pode ser compreendida como um sistema de signos constituídos pelo falante por meio da cultura, em que ele “conhece e domina apesar da diversidade e heterogeneidade do sistema [...]” (GIL, 1996, p. 114). Já a língua comum, para Cabré (1993, p. 128), é um conjunto de “regras, unidades e restrições” que são utilizadas em comum aos falantes de um mesmo sistema linguístico. Por linguagem de especialidade, entendemos como um sistema de comunicação utilizado por especialistas em dada área particular do conhecimento, ou ainda, por um público interessado em saberes específico.

Na realidade, a língua apresenta uma linguagem geral, comum a todos os falantes de inúmeras linguagens especializadas, sejam regionais, profissionais, sociais, técnicas ou científicas. Essas linguagens especializadas constituem um conjunto de subcódigos que, evidentemente, mantêm coincidências parciais com o código e subcódigos da língua comum, caracterizando-se por algumas peculiaridades, específicas de cada uma delas. Talvez seja ocioso lembrar que, tanto os discursos relativos às diferentes normas linguísticas gerais quanto os discursos das linguagens especializadas, utilizam-se das unidades lexicais que, no seu conjunto, constituem universo lexical da língua. (ANDRADE apud ISQUERDO, 2001, p.193).

Tendo este trabalho um interesse particular nas línguas de especialidade, acrescentamos que, para Gil (1996), seu conceito está relacionado às chamadas “línguas

científicas”, “línguas técnicas”, “línguas profissionais” e ainda “temas de interesse”. Os vocabulários de línguas de especialidades contêm então, um léxico que abrange tipos específicos de domínios e que variam de acordo com o interesse científico, o que requer um nível de conhecimento de base. As línguas de especialidade se caracterizam pelo emprego da terminologia, e podemos esclarecer que a diferença principal entre um texto de língua geral e um texto de língua especializada, está no uso de termos específicos de determinada área, dado seu grau de especificidade.

Cabré (1999) afirma que as linguagens de especialidade são instrumentos essenciais para a comunicação entre especialistas. Para Aubert (2001, p. 25), as linguagens de especialidade são marcas lexicais, sintáticas, e ainda discursivas que “tipificam” o uso linguístico em meio social. São atualmente consideradas partes da língua geral e que se caracterizam em níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos.

Então, como tratamos da elaboração de um glossário com termos em nutrição, resultando num conteúdo em nível de especialidade, é bom esclarecermos que os sinais das línguas de sinais são referentes às palavras ou os itens lexicais das línguas orais, e o léxico, de acordo com Strehler e Gorovitz (2011), é constituído por uma lista de unidades lexicais ou terminológicas de uma área específica. Desse modo podemos definir o léxico como um sistema que possui um vocabulário.

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos [que] abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. (BIDERMAN, 1978, p. 139).

A terminologia atualmente é considerada uma disciplina independente e está relacionada com a lexicografia, que além de ser a ciência que estuda a teoria e a prática da elaboração de dicionários é também uma técnica científica que estuda os princípios que regem essa elaboração. Sager (1990) concebe, em suas pesquisas, o conceito de terminologia como sendo um conjunto de práticas que envolvem a criação, coleta, explicação e apresentação de repertórios. Pavel e Nolet (2001, p.17), em *Manual De Terminologia*, traduzido por Enilde Faulstich, afirmam que, a palavra *terminologia* significa um “conjunto de palavras técnicas pertencentes a uma ciência, uma arte, um autor ou grupo social”. No que concerne aos seus objetivos, a terminologia visa a padronização e normalização dos termos.

É cabível então, afirmarmos que cabe à terminologia organizar a coleta de termos, analisá-los e registrá-los. Essa atividade gera dados terminológicos, e como a terminologia

representa o componente lexical das diferentes áreas, o resultado pode ser favorável àqueles especialistas que fazem o seu bom uso.

1.2 Terminografia e lexicografia

A terminografia ocupa-se dos termos. Cabré (1995) define o *termo* em três diferentes âmbitos, sendo estes na linguística, na filosofia e para disciplinas técnico-científicas. Para a linguística, os termos se referem ao conjunto de signos linguísticos que possuem um subconjunto dentro do componente léxico da gramática de determinada pessoa, ou seja, designa a sabedoria. Já para a filosofia, os termos designam o conhecer, sendo o conjunto de unidades cognitivas que representam determinado conhecimento. Referente às disciplinas técnico-científicas, a Terminografia compreende um conjunto de unidades de comunicação que permitem transferir um pensamento em área de especialidade, sendo, portanto, resultante na forma de se comunicar.

A lexicografia tem por bases teóricas os princípios da organização e estruturação de obras lexicais, como por exemplo, os dicionários e glossários, e vista por uma vertente mais prática, a lexicografia refere-se à produção dessas obras. Pode ser definida também como uma disciplina acadêmica dedicada à produção e escrita de dicionários e glossários, que visa o ensino dos métodos e técnicas na execução destes. Os repertórios lexicográficos auxiliam exatamente no que concerne à descrição do léxico, buscando descrevê-los e organizá-los a nível geral e de especialidade. O léxico geral é selecionado para estudo da lexicologia, que corresponde ao estudo do componente lexical geral das línguas, e também da lexicografia, que pode ser definida como arte ou técnica de compor dicionários. Já aos léxicos especializados cabem como tarefa da Terminologia/Terminografia.

Quanto ao histórico que permeia a lexicografia, Biderman (1984) afirma que a esta se iniciou nos tempos modernos, pois no passado as obras lexicográficas se resumiam a glossários que pouco caracterizavam valor linguístico ou científico, mas se baseavam em concepções místicas, o que era na verdade uma documentação cultural da concepção de mundo da Idade Média.

Quando o homem renascentista começou a ampliar os seus horizontes culturais abandonando de vez a sua reclusão medieval dentro de sua própria cultura, descobriu a necessidade de aprender línguas, evidentemente as línguas européias mais faladas na época (século XVI). Além da consciência adquirida da distância entre o latim e as línguas vernáculas do seu tempo, o homem renascentista precisava de outros instrumentos de intercâmbio lingüístico num mundo que se abria para um novo diálogo e trocas entre as jovens nações européias. Assim, multiplicam-se os

dicionários bilingües na Espanha, na França, na Itália, em Portugal, bem como as gramáticas de cada uma das línguas que se tornaram oficiais para as nações-estado da Europa no século XVI. Os dicionários seicentistas eram cheios de lacunas e os dicionaristas da época copiavam-se uns aos outros. (BIDERMAN, 1984, p. 2)

Com efeito, aos poucos a lexicografia monolíngue se desenvolveu e, no século XIX, a linguística se tornou mais específica, possibilitando certa distinção diante da lexicologia. Kleparski e Odarczyk-Stachurska (2008), afirmam que a lexicografia era responsável pela compilação de vocabulário, que por sua vez, era resultado das pesquisas advindas da lexicologia, pois esta se destinava ao estudo das palavras. Os manuais de lexicografia surgiram a partir do século XX, consolidando o conhecimento em caráter mais científico e, com isso, as técnicas foram aperfeiçoadas surgindo o modelo de enciclopédia, dicionários, e, nosso alvo, os glossários.

No que se refere à metodologia, Andrade apud Isquierdo (2001), afirma que na preparação de uma pesquisa lexicográfica é pertinente seguir algumas topicalizações, igualmente como ocorre nas pesquisas terminológicas. Essas topicalizações ou procedimentos lexicográficos se referem em: determinar a área de pesquisa; ter conhecimento do tema; delimitação da amplitude e profundidade da pesquisa; delimitação dos objetivos; ter um plano de trabalho; ter acesso a uma documentação preliminar; fazer sondagens e pesquisas; organizar fichas de pesquisas; constituir o corpus e ordenar esse corpus por partes.

Quanto ao corpus, este deve ser representativo do campo de estudos e de seus subcampos, e cabe ao pesquisador o cuidado com seu levantamento, pois este é que dará o devido valor ao léxico e ao trabalho final. Ainda de acordo com Andrade apud Isquierdo (2001), o corpus deve ter certo grau de homogeneidade e o pesquisador deve recolher o maior número possível de dados para que depois ele possa fazer uma seleção que seja condizente com a proposta do trabalho.

O corpus na terminologia é basicamente “[...] formado por um conjunto de fontes orais e escritas que se referem ao campo tratado. Este conjunto será utilizado para estabelecer uma nomenclatura e submetê-la a um tratamento determinado.” (AUGER; ROUSSEAU 1987, p.21-22). É justamente esse tratamento que damos ao corpus deste trabalho, pois recolhemos um grande número de termos que se encaixam na área da nutrição e posteriormente foram feitas algumas seleções, pois nem todos correspondiam com a proposta almejada como, por exemplo, termos que ainda não possuíam sinais para lhes representar.

1.3 Tipos de glossários

Faulstich (2010, p.178) esclarece que o glossário é um documento terminográfico destinado a atender um público que busca por informações lexicais precisas e que visam melhorar o desempenho linguístico, afinal, nele são encontrados termos específicos de determinada área, que são por vezes apresentados em ordem sistêmica ou alfabética, “seguidos de informação gramatical, definição, remissivas, podendo apresentar ou não o contexto de ocorrência do termo”. Para Correia (2009), o glossário é restrito a um determinado domínio do conhecimento, sendo este constituído por regionalismos, arcaísmos, neologismos, etc. “O glossário distingue-se do dicionário não apenas pelo número reduzido de entradas, mas também pela possibilidade de reduzir as informações apresentadas.” (CORREIA, 2009, p. 31).

Welker (2004, p.25) explica que as unidades que o lexicógrafo seleciona dizem respeito a um corpus e neste material se “deve recuperar, armazenar e compilar palavras-ocorrências [...] extraídas de um único discurso concretamente realizado”. Muitas vezes, principalmente se esse discurso for muito técnico, é comum encontrarmos glossários no final dos livros, esclarecendo o significado de palavras ou de determinadas expressões. Strehler e Gorovitz (2011, p. 37) explicam o histórico do glossário no ocidente, ressaltando que há “ao menos quatro tipos de repertórios chamados glossário”.

Na Idade Média surgiu o primeiro modelo de glossário formado pelo agrupamento de glosas.

Cabe lembrar que as glosas surgem a partir de unidades lexicais raras ou desconhecidas. Ainda hoje, tal é a característica desse tipo de repertório que reúne apenas as unidades lexicais ou terminológicas raras ou de difícil compreensão. Os termos são usualmente apresentados em ordem alfabética e acompanhados de uma definição. No final de alguns livros, o autor pode listar num glossário os termos que ele julga de difícil compreensão. (STREHLER; GOROVITZ, 2011, p. 38).

Nos estudos de Libras, o uso de glosa aparece em trabalhos acadêmicos a partir de 1984 em traduções de outras línguas para o português, e atualmente já é bastante utilizada por autores, principalmente pela sua facilidade de interpretação. MARINHO (2014, p. 37), esclarece que as glosas são muito utilizadas por linguistas quando estes “efetuam análises no nível sintático ou discursivo das línguas de sinais”. No momento em que as glosas são utilizadas, os conceitos dos sinais são transpostos por meio das palavras da língua oral utilizando caracteres maiúsculos, e quando há mais de uma palavra, estas são separadas por hífen.

Strehler; Gorovitz (2011) trazem como exemplo de glosas nesse primeiro modelo de glossário das línguas orais, a tradução francesa de um trecho do romance “Os Tambores de São Luís de Josué Montello” (*Les Tambours noirs*, ed. Flammarion, Paris, 1987), traduzido por Jacques Thiérot, Marie-Pierre Mazeas e Monique Le Moing:

Figura 1 - Primeiro modelo de glossário citado por Strehler e Gorovitz.

<i>Agogô: Instrument de percussion, d'origine africaine, composé de deux clarines de fer, qu'on frappé avec une baguette également en fer.</i>
<i>Angico: arbre da la famille des mimosacées, du genre piptadenia, fournissant du bois de construction .</i>
<i>Ariri: variété de palmier.”</i>

Fonte: Retirado de Manual do RepLET, por Strehler e Gorovitz (2011, p. 38).

O segundo modelo de glossário, de acordo com Strehler e Gorovitz (2011), fornece contextos de usos para cada unidade lexical da nomenclatura, o que deve priorizar a qualidade na escolha desses contextos. É possível neste modelo que seja seguida uma ordem alfabética ou sistemática, informando também a categoria gramatical de cada entrada. Os autores citam um exemplo em que no glossário, são inseridos dois contextos de uso para uma entrada:

Figura 2 - Segundo modelo de glossário citado por Strehler e Gorovitz.

Encapsuler v. t.
<i>Dans Visual Basic vous pouvez dorénavant créer vos propres sources de données, soit comme controles ou classes utilisateur, pour encapsuler des règles d'entreprise ou des structures de données propriétaires.</i>
<i>À l'aide de nouvelles fonctionnalités telles que les propriétés <code>DataBindingBehavior</code> et <code>DataSourceBehavior</code> du module de classe, vous pouvez encapsuler les méthodes, propriétés et événements nécessaires à la création d'une source ou d'un utilisateur de données qui accéderont aux données à partir de n'importe quel type de base de données.</i>

Fonte: Retirado de Manual do RepLET, por Strehler e Gorovitz (2011, p. 39).

No terceiro modelo de glossário, que comumente segue a ordem sistemática, encontra-se a definição da unidade lexical, a informação gramatical, e os verbetes possuem remissivas e ainda há um contexto de uso referente ao termo. Igualmente exposto no exemplo a seguir:

Figura 3 - Terceiro modelo de glossário citado por Strehler e Gorovitz.

CheckBox n.f.
Controle intrínseco de muitas linguagens de programação permitindo ao usuário a escolha de uma ou mais opções entre as que são propostas.
As propriedades CheckBox que têm o mesmo nome das propriedades Button funcionam mais ou menos da mesma maneira.
<i>ComboBox; ListBox.</i>

Fonte: Retirado de Manual do RepLET, por Strehler e Gorovitz (2011, p. 40).

Já no quarto e último tipo de glossário não há limites de termos raros, e a apresentação pode ser tanto em ordem alfabética quanto sistemática. Ele possui a entrada, uma definição e as remissivas, o que torna mais fácil imaginar sua estrutura com base nos exemplos citados anteriormente, principalmente do primeiro modelo que se assemelha com mais exatidão nas características.

Geralmente, os repertórios lexicográficos monolíngues e bilíngues são bastante úteis para aprendizes de uma L2, seja segunda língua ou língua estrangeira. Já os semi-bilíngues ou são bastante comuns na Libras, pois contemplam geralmente o usuário tanto em sua língua materna quanto na língua que está aprendendo, assim como é comum encontrarmos o uso das glosas para emitir as intenções e especificações das LS (Línguas de Sinais). Strehler e Gorovitz (2011) fazem a distinção entre repertórios lexicográficos monolíngues e bilíngues/multilíngues, sendo o primeiro composto por definições das unidades lexicais e o segundo tem por objetivo dar equivalências às unidades lexicais e não defini-las. Salles (2007, p. 122) complementa que:

Em termos tipológicos, eles constituem uma fusão entre os monolíngues para aprendizes e os bilíngues, pois um mesmo verbete reúne a palavra-entrada, a definição e o exemplo na segunda língua, e a(s) equivalência(s) na língua materna do usuário. Se por um lado os dicionários semi-bilíngues não podem ser equiparados aos bilíngues puros, pois fornecem menos equivalências, sendo muito comum haver somente uma equivalência por acepção, por outro lado, seu aspecto monolíngue faz com que o usuário obtenha informações mais precisas e detalhadas sobre o significado e o uso da palavra-entrada [...].

Contudo, existem ainda vários outros tipos de dicionários/glossários, tais como os enciclopédicos, etimológicos, temáticos, históricos, etc. Podem ser impressos ou em formato

digital, disponibilizados em CD-ROM, na internet on-line ou off-line o que geralmente gera algum custo para o consulente.

Quanto aos dicionários em CD-ROM, suas características são muito parecidas com as dos dicionários *online*. Num primeiro momento, eles se distinguiam pelo fato de não poderem ser atualizados; isto é, tendo adquirido um CD e querendo uma versão mais recente, o usuário tinha que comprá-la; contudo, hoje algumas editoras oferecem a possibilidade de o comprador atualizar, via internet, o CD que adquiriu. Uma outra diferença é que, nos dicionários em CD-ROM, existe muitas vezes a possibilidade de o usuário constituir seu próprio dicionário, no qual junta e modifica verbetes de seu interesse. (WELKER, 2004, p. 226).

Strehler e Gorovitz (2011) definem a organização geral dos dicionários em macroestrutura, sendo a apresentação, abreviações e correspondência para nomenclatura de verbetes. Welker (2004, p. 81) utiliza uma estratégia para nos auxiliar na identificação e caracterização de macroestrutura de um repertório lexicográfico, sugerindo que façamos os seguintes questionamentos: “O arranjo das entradas é temático ou alfabético? Os verbetes têm todos o mesmo formato? Há ilustrações gráficas e/ou tabelas no meio dos verbetes? Informações sintáticas ou outras estão colocadas fora do bloco do verbe?”.

Os dicionários terminológicos contemplam as linguagens de especialidade que condizem com termos técnicos de áreas científicas e especializadas, ao contrário dos dicionários de língua geral. Strehler e Gorovitz (2011, p. 33) esclarecem que os dicionários se distinguem também por serem descritivos ou prescritivos. Descritivos quando representam os signos linguísticos por marcas de uso (abreviações na entrada), e prescritivos que seguem as normas escolar ou oficial.

A maioria dos dicionários e glossários apresenta também em sua macroestrutura uma base introdutória que define o tema e as características principais da obra. Há explicações ao consulente sobre o público-alvo para qual é destinada a obra, assim como seus objetivos e esclarecimento sobre a terminologia especializada. É importante citarmos que neste modelo de glossário em nutrição, em sua modalidade virtual, a apresentação introdutória se dá em Libras, dada a especificidade em atender o público-alvo de sinalizantes.

Sobre microestrutura, podemos definir por cada unidade da nomenclatura que constitui um verbe. “A **nomenclatura** é a lista das palavras que figuram no repertório; assim, ao invés de dizer que um dicionário contém 50.000 palavras ou 50.000 entradas, pode-se dizer que ele possui uma nomenclatura de 50.000 unidades lexicais” (STREHLER; GOROVITZ, 2011, p.35, grifo dos autores). Biderman (1999, p.131) afirma que esta nomenclatura é geralmente o primeiro problema que os lexicógrafos e terminógrafos enfrentam diante da elaboração de uma obra, pois “[...] o tamanho desse índice de palavras é fator de algumas

coordenadas: em primeiro lugar, o público a que se destina. Tal será o destinatário desejado, tal o numerário”.

Diante de microestrutura, segundo Barros (2004), três elementos devem ser considerados: o número de informações transmitidas pelo enunciado lexicográfico, a constância do programa de informações dos verbetes num mesmo repertório e a ordem de sequência das informações acima dita. Cada verbete, para Almeida (2006), apresenta informações obrigatórias e informações não-recorrentes, também conhecidas como informações sistemáticas e informações não-sistemáticas. No caso das sistemáticas, é possível encontrarmos a entrada, classe morfológica, equivalência em outra língua, definição, contexto e remissivas. Nas informações não-sistemáticas encontramos informações enciclopédicas, e sinônimos.

O verbete, desde o mais simples, terá, de acordo com Borba (2003), três níveis de informação, sendo a classe de palavra, a definição (equivalência sinonímica) e a abonação. No entanto, o mais comum é o verbete que contém quatro/cinco níveis de informações, sendo eles: a classe, subclasse, complementação, definição e abonação. Como no exemplo citado por Borba (2003, p. 322 – 323, grifos do autor): “DEDETIZAÇÃO Nf [Abstração de ação] pulverização com inseticida; desinfecção: *mobilizamos 15 mil servidores... fazendo a detetização em 968 municípios (JK-O) [...]*”. O autor esclarece ainda, que no caso de uma estrutura completa é possível obter o verbete, seis níveis de informação: a classe, subclasse, complementação, registro de uso, definição e abonação.

Na microestrutura, Borba (2004) fornece informações sobre a “cabeça do verbete” que são relevantes para este glossário bilíngue Libras/Português em nutrição, em específico no que diz respeito às marcas de uso. Para o autor, a cabeça do verbete, ao compreender o lema, compreende também as informações anteriores à definição “[...], a saber, variantes ortográficas, a pronúncia, a categoria gramatical, informações flexionais e/ou sintáticas, a etimologia, marcas de uso.” (BORBA, 2004, p. 110 – 111). Esse conceito “cabeça do verbete” empregado por Borba, ou como outros autores preferem “lema”, ou ainda Houaiss (2004) usa como sinônimo de “entrada” e “unidade léxica” se torna essencial no caso de lexemas polissêmicos, pois permite diferenciar as informações do verbete.

Ao que nos diz respeito, as marcas de uso estão presente em alguns dos sinais-termo contidos neste modelo de glossário, pois percebemos que há variações dos sinais de uma região para outra, de modo social e espacial. De acordo com as definições de Borba (2004), é possível identificarmos essas variações como diacrônicas, dadas de modo temporal e

diatécnicas, por ser tratar de termos de especialidade na área da nutrição, e mais ainda, principalmente considerarmos como diatópicas visto que se justifica eventualmente com a relação que se dá nas diferenças geográficas da língua de sinais. Mas o importante é que essas marcas de uso não impedem uma comunicação eficaz em língua de sinais, pois há o conhecimento das variações, mas os sinalizantes fazem escolhas, seja por região ou por identificação com determinado sinal.

Borba (2003) ressalta a importância da descrição de uso numa obra lexicográfica, explicando a fonética como informações sobre a prosódia e ortografia, a morfologia informações de plurais, femininos irregulares, conjugação de verbos, etc. Há ainda informações sintáticas, semânticas e pragmáticas. Claramente de acordo com o objetivo da nossa obra, é pertinente a seleção de alguns itens, pois neste modelo de glossário, priorizamos a descrição fonética dos sinais-termo, no intuito de transmitir mais clareza e compreensão na realização dos sinais.

Em resumo, baseado em Faulstich (2001), os elementos que compõem um verbete são: entrada [**ent.**], categoria gramatical [**cat.**], gênero [gên.], variante [**var.**], definição [**def.**] e contexto [**cont.**]. A entrada, ou seja, o **termo** é a unidade linguística que possui na linguagem de especialidade, o conteúdo semântico. A categoria gramatical indica na gramática da língua alvo a categoria a que pertence o termo, podendo também, indicar sua estrutura sintática e semântica. Temos s = substantivo, v = verbo, st = sintagma terminológico, utc = unidade terminológica complexa, etc. Já o gênero a que pertence o termo, é indicado por m = masculino e f = feminino. A variante pode ser terminológica linguística e terminológica de registro, e elas correspondem às possibilidades existentes de denominação para um mesmo referente. A definição é a descrição dos conceitos dos termos, podendo haver distinções recíprocas. E, por fim, o contexto, que demonstra como o termo é usado na linguagem de especialidade.

1.4 Histórico das obras lexicográficas em LS

Os dicionários de línguas de sinais atualmente são inúmeros, sendo impressos ou em formatos digitais, fabricados por surdos, instituições de ensino que capacitam profissionais na língua de sinais ou por iniciativas privadas. É uma realidade necessária diante da complexidade dos sinais e, além disso, é também, através deles que se torna possível manter a padronização durante a conversação ou atuação dos profissionais TILS.

Estes dicionários descrevem informações fonológicas, gramaticais e semânticas referente aos sinais e as palavras, que de fato facilitam e permitem melhor compreensão do sinal pesquisado. Nos dicionários impressos, é possível percebermos variações quanto às formas encontradas, tais como: foto, descrição dos sinais, escrita de sinais, glosa, ilustrações e tradução para a língua oral. Já nos dicionários digitais, há possibilidade de busca por ordem alfabética do português ou pela configuração de mão, em que os sinais são representados por filmagens, contendo assim sua descrição e definição.

Há uma forte preocupação no que diz respeito às obras lexicográficas que são criadas por profissionais não lexicógrafos, e quando isso acontece, pode haver uma inadequação terminológica dos sinais. Para tal, é fundamentalmente importante que o profissional interessado na criação destes materiais não trabalhe sozinho, e sim tenha uma parceria efetiva com uma gama de profissionais, tais como: surdos bilíngues atuantes, operador de câmera, programador de software, profissional da área de especialidade visada, professores, TILS, entre outros.

Geralmente, os repertórios que possuem alguma escrita de sinais, o têm apenas como tradução do verbete. Isso ocorre devido ao fato de não termos ainda, uma ortografia instituída em língua de sinais, embora existam vários sistemas de notação que são utilizados, nenhum é ainda totalmente aceito pelos usuários. Mesmo assim, o avanço da comunidade surda e sua imersão no contexto científico têm provocado o interesse no aprendizado das diversas áreas, inclusive no aprendizado das escritas de sinais, no qual os dicionários e glossários contribuem significativamente.

Salles alerta que:

No que diz respeito ao uso do dicionário em contextos didáticos, mais especificamente na aprendizagem formal de português-por-escrito como segunda língua por surdos-aprendizes, trata-se de um suporte bastante relevante tanto no trabalho em sala de aula quanto fora dela, mas, sobretudo nesta última situação, em que o aluno muitas vezes precisa solucionar sozinho suas dúvidas. Nem todo dicionário, porém, satisfaz às necessidades do aprendiz de modo adequado. O grau de adequação de uma obra lexicográfica reside na relação entre o perfil do público-alvo e a natureza da obra. (2007, p.121).

Não sendo então a língua de sinais uma língua ágrafa, há duas escritas que são mais citadas no Brasil: SignWriting e ELiS. Contudo, antes de adentrarmos as línguas escritas, iremos traçar um panorama dos registros iniciais em LS. Este panorama foi baseado em pesquisas feitas por Sofiato (2005:7-30), em seu estudo iconográfico sobre a Libras, e também por Aguiar e Chaibue (2015:3-24), que levantaram um histórico das escritas de LS. Em face da relevância das pesquisas, os estudos serão explicitados.

1.4.1 Alfabeto de Juan Pablo Bonet

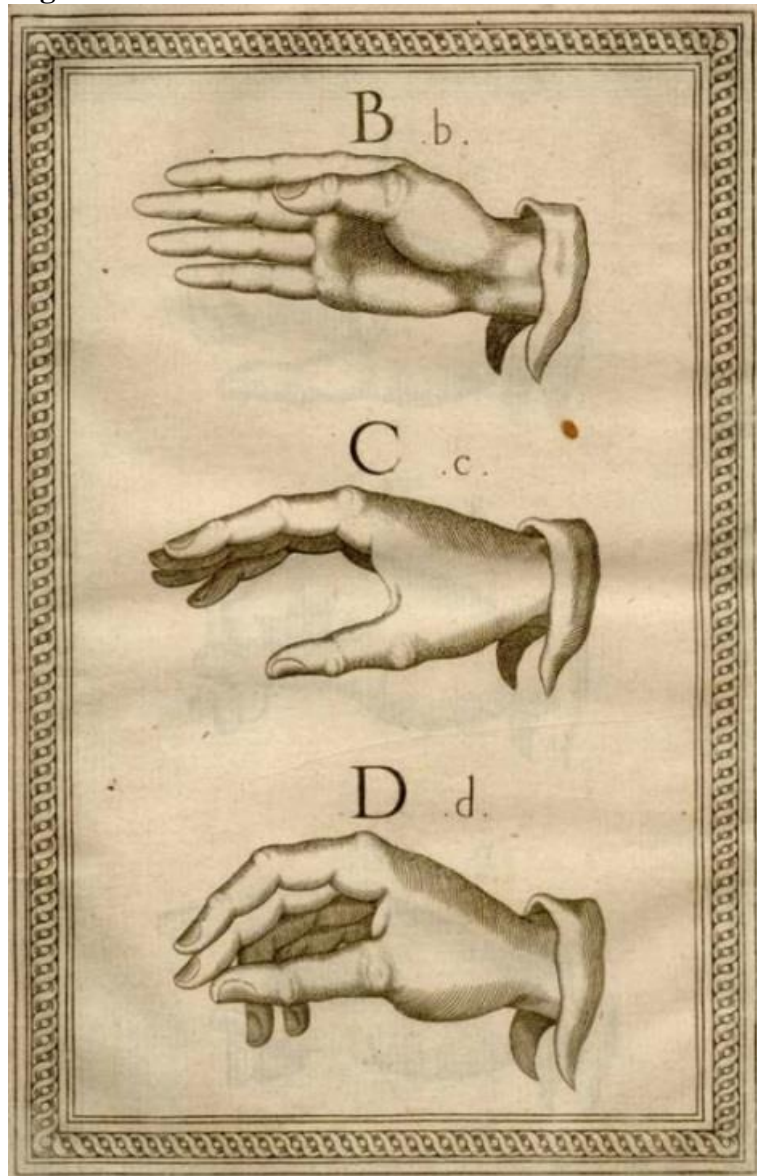
Bonet (1579-1633), em meados de 1620, propôs alguns métodos para ensinar surdos após descoberta de que a escrita não estava relacionada à audição, e para representar as letras do alfabeto, ele fez uso de diferentes CMs (Sofiato, 2005:14). Sua obra foi publicada como *Reducción de las letras y arte para enseñar hablar a los mudos*.

Figura 4 – Alfabeto de Juan Pablo Bonet.



Fonte: <https://historiaragon.com/2017/01/05/juan-de-pablo-bonet/>. Acesso em 06/09/2016.

Figura 5 – Letras do alfabeto de Juan Pablo Bonet.



Fonte: https://howlingpixel.com/wiki/Juan_Pablo_Bonet. Acesso em 06/09/2016.

1.4.2 A luva proposta por George Dalgarno

Em 1680, o professor escocês George Dalgarno sugeriu que as pessoas fizessem uso “[...] de uma luva dactilológica com as vogais nas pontas dos dedos e as consoantes dispostas nas falanges da mão, um alfabeto bimanual. O indicador da mão ativa apontava as letras na luva, calçada na mão passiva” Nascimento apud Sofiato (2009, p.131).

Figura 6 - A luva de George Dalgarno.

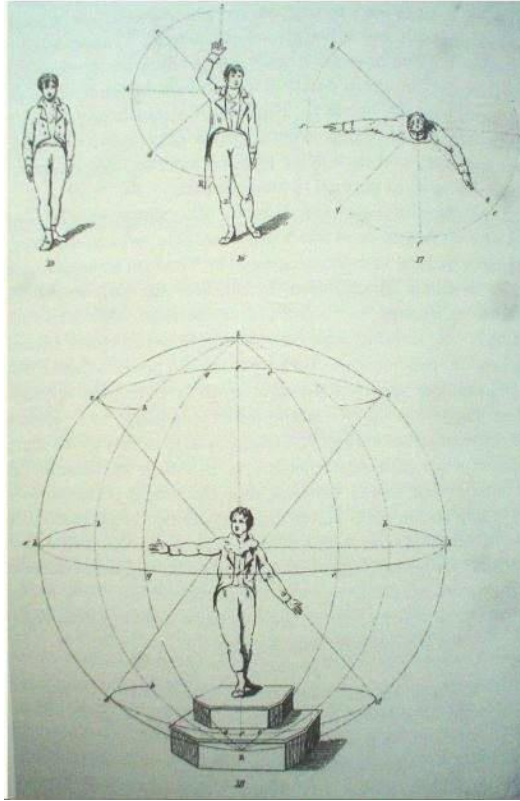


Fonte: NASCIMENTO, 2009, p.131.

1.4.3 Espaço de sinalização por Gilbert Austin

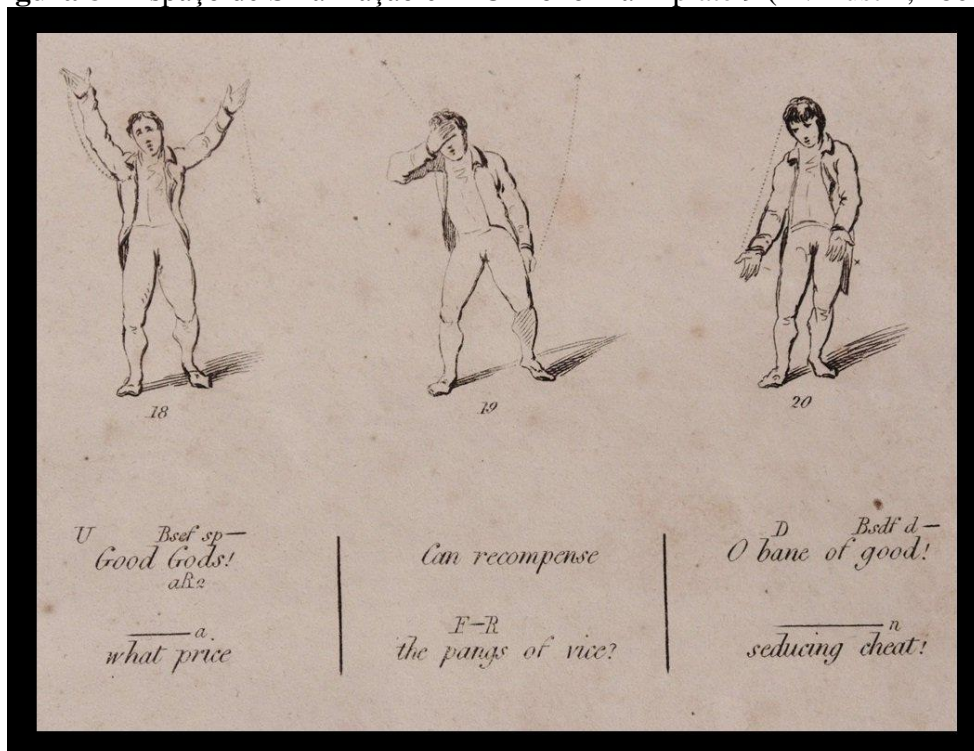
Em 1806, Austin elaborou o método quironômico que representa em volta do emissor um globo espacial, em que vários são os pontos para se classificar as letras. De acordo com Nascimento (2009), esse globo remete a imaginação de um espaço gestual à volta do falante em que as letras se referem aos pontos de latitude e longitude em sua superfície.

Figura 7 – Espaço de sinalização por Gilbert Austin.



Fonte: https://new.liveauctioneers.com/item/41533327_austin-chironomia-1806-1st-ed. Acesso em 07/09/2016.

Figura 8 - Espaço de Sinalização em 'Chironomia' - plate 9 (In: Austin, 1806).

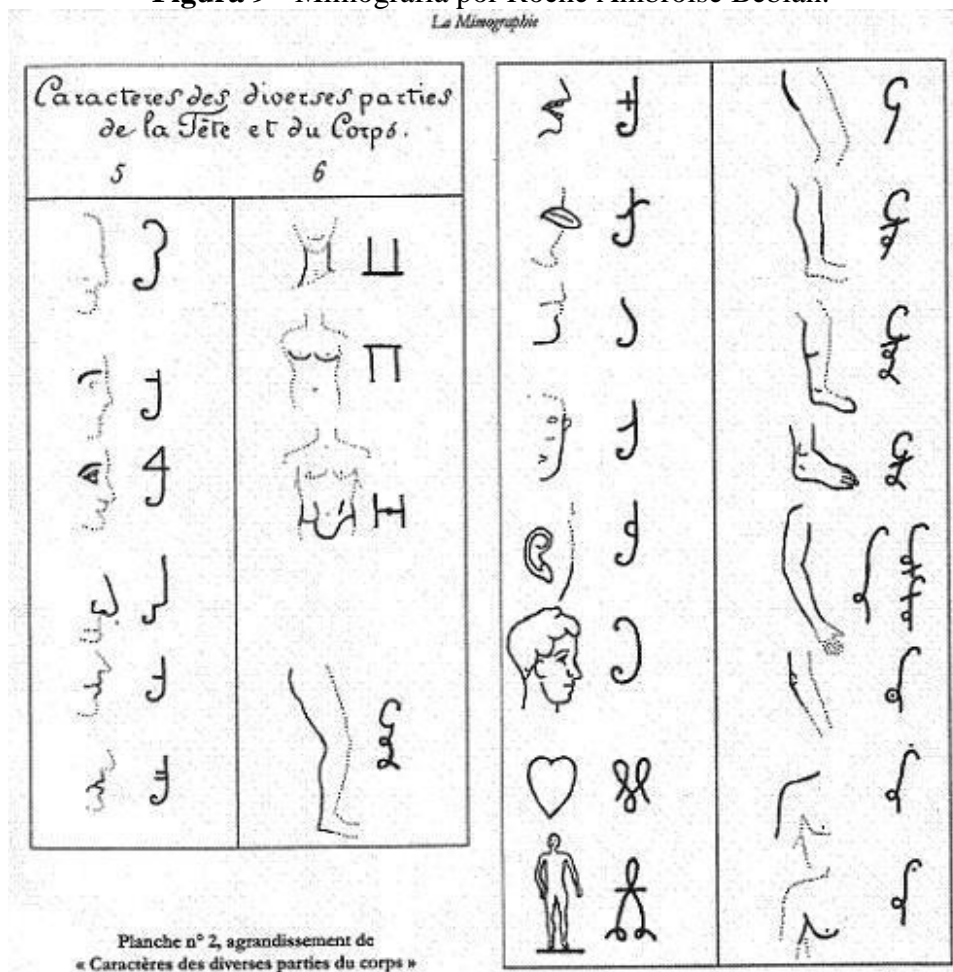


Fonte: https://new.liveauctioneers.com/item/41533327_austin-chironomia-1806-1st-ed. Acesso em 07/09/2016.

1.4.4 ‘Mimografia’ por Roche Ambroise Bébian

Em 1817, Bébian propôs este método para representar o sistema de escrita da língua de sinais francesa, descrevendo os caracteres na mesma ordem dos gestos contendo 190 símbolos. Sobre estes símbolos, Aguiar; Chaibue (2015, p.5) afirmam que são “[...] escritos da esquerda para a direita, a maioria deles icônicos para que fossem facilmente recordados e baseados em quatro componentes principais das LS: Forma e Orientação da Mão, Movimento, Lugar e Expressão Facial”.

Figura 9 - Mimografia por Roche Ambroise Bébian.

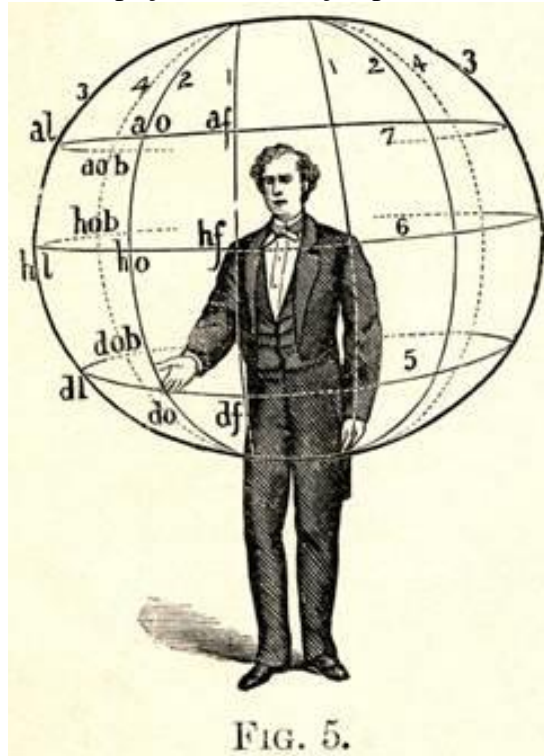


Fonte: SOFIATO, 2005 apud NASCIMENTO, 2009, p. 134. Acesso em 07/09/2016.

1.4.5 Espaço de sinalização por Albert M. Bacon

Bacon, em 1875 usou, assim como Austin, de uma esfera imaginária para registrar e localizar os gestos.

Figura 10 – Espaço de sinalização por Albert M. Bacon.



Fonte: http://psicolinguistica.letas.ufmg.br/wiki/index.php/Imagem:Clip_image005.jpeg. Acesso em 07/09/2016.

1.5 ¹Os principais dicionários da língua brasileira de sinais.

Por volta de 1560, Melchor de Yebra, um monge franciscano de Madrid, foi o primeiro a escrever um livro ilustrado com um alfabeto manual. Este livro foi a primeira iniciativa após Girolamo Cardano (1501-1576), médico e filósofo, afirmar que seria um crime não instruir os surdos, pois eles eram capazes de desenvolver a aprendizagem, Veloso e Maia, (2009). Antes disso, Bartollo Della Marca d’Ancora, advogado e escritor do século XIV, havia feito alusão ao fato de que o surdo poderia ser instruído por meio da língua de sinais ou da língua oral, porém, nesta época os surdos eram ainda, bastante discriminados. A representação do alfabeto manual foi chamado de *Refugium Infirmorum* e sua produção foi para fins religiosos, com intuito de facilitar aos surdos a compreensão das disciplinas espirituais e foi publicado somente sete anos após a morte de Yebra.

¹ Cf. Os itens 1.6 e 1.6.1 foram extraídos do nosso artigo: Os dicionários da língua brasileira de sinais e suas contribuições, publicado na revista Sinalizar – UFG em 2017.

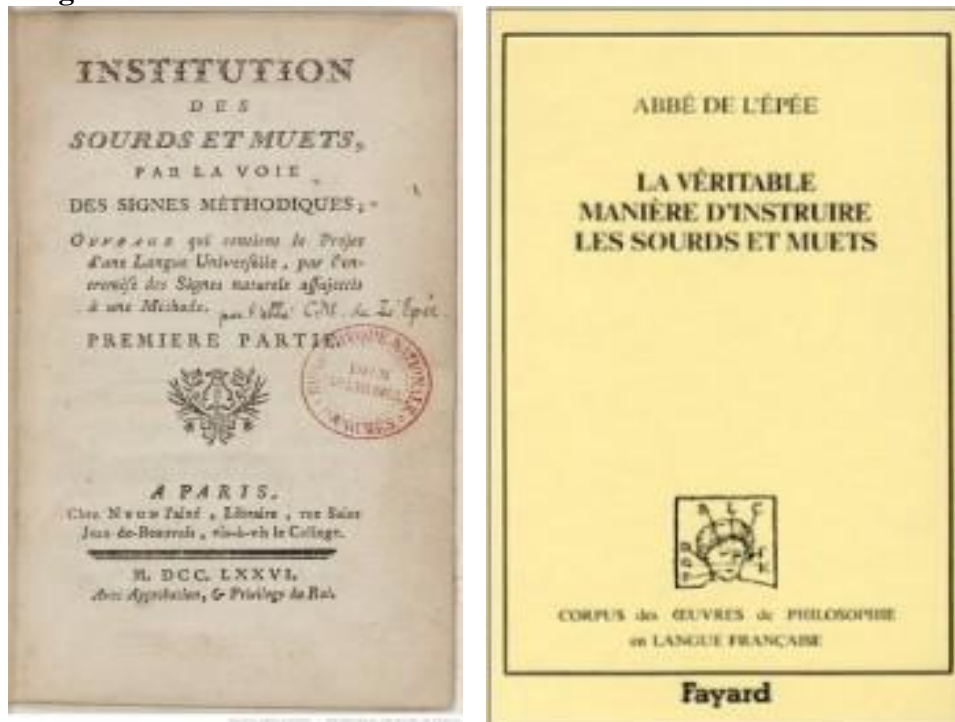
Figura 11 - Livro ilustrativo Refugium Infirmorum.



Fonte: <http://www.cultura-sorda.org/refugium-infirmorum/> (Acesso 03/06/2016).

De acordo com Veloso e Maia (2009), no ano de 1579, um aluno surdo chamado Saboureux de Fontenay criou o termo “dactilologia”. A partir daí, expandiram-se as manifestações dos alfabetos manuais em diversos países, modificadas de acordo com a estrutura linguística e gráfica destes. O primeiro dicionário registrado na França (em 1776), foi criado pelo abade Charles Michel de L’Epée intitulado *L’institution des sourds et muets, par la voie des signes méthodiques*.

Figura 12 - La véritable manière d'instruire les sourds et muets - 1789.



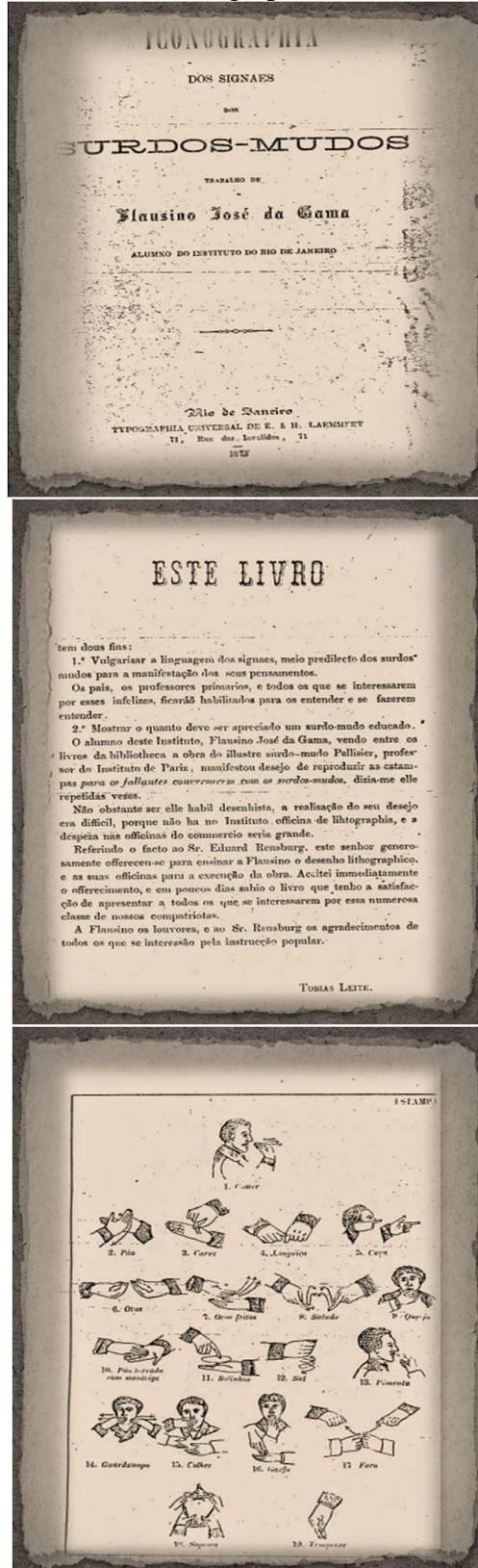
Fonte: <http://www.fnsf.org/etre-sourd/>. (Acesso 04/06/2016).

No Brasil, em 1875, segundo Felipe (2001), Flausino José da Gama, hábil desenhista surdo, criou o primeiro dicionário de Libras com 399 sinais, sob forte influência do dicionário de L'Épée. Ele era ex-aluno do Instituto dos Surdos-Mudos, atualmente conhecido como INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). O diretor do instituto àquela época, Tobias Rabello Leite, publicou o dicionário como a *Iconografia dos Sinais dos Surdos-Mudos*, afirmando: “em poucos dias saí o livro que tenho a satisfação de apresentar a todos os que se interessarem por essa numerosa classe de nossos compatriotas” (LEITE apud GAMA, 1875, p.14). O livro apresentava ilustrações que eram separadas por algumas categorias, tais como animais, objetos, vestuário, entre outros. Foi, de fato, a obra que ganhou notoriedade, tendo ainda grande relevância. Alguns dos sinais criados são utilizados até os dias atuais, como por exemplo, as formas dêiticas (o termo “dêítico” deriva da palavra grega “dêixis”), que fornecem significado pleno ao discurso, como as palavras “aqui” ou “agora”.

A função dêitica em língua de sinais, como na língua de sinais brasileira e na ASL, é marcada através da apontação propriamente dita. Os referentes são introduzidos no espaço à frente do sinalizador, através da apontação em diferentes locais. As formas verbais para pessoa são estabelecidas através do início e fim do movimento e da direção do verbo, incorporando estes pontos previamente indicados no espaço para determinados referentes. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.112).

É possível encontrar a obra de Flausino José da Gama em formato PDF/imagem pela Editora Arara Azul e ainda na Bibliothèque Nationale da França através do link: gallica.bnf.fr.

Figura 13 - Livro ilustrativo Iconographia dos Sinais dos Surdos-Mudos.



Fonte: http://www.editora-arara-azul.com.br/flausino_gama.pdf. (Acesso 04/06/2016).

Em 1961, Eugênio Oates, um padre americano que veio atuar como missionário nos estados do Amazonas e Pará publicou no Brasil *No Silêncio da Fé*, obra que continha algumas orações do catolicismo expressas em português e em gestos. Veloso e Maia (2009) informam que, em 1969, mesma época em que a Universidade de Gallauded adotou a Comunicação Total, a obra *Linguagem das Mãos* foi finalizada, contendo 1258 sinais fotografados. Oates possuía experiência com instituições educacionais que eram ligadas à surdez nos Estados Unidos e trouxe então contribuições para os surdos brasileiros com o intuito de que pudessem ter acesso às mensagens cristãs, embora os sinais contidos na obra constituam forte influência dos sinais americanos.

Apesar de certa liberdade da língua de sinais, os sinais eram usados de acordo com a estrutura da língua falada. Essa fase também é marcada pelo bimodalismo, o inglês sinalizado, e no caso do Brasil, português sinalizado, que se caracteriza pelo uso simultâneo dos sinais e da fala. Isso se tornou um problema, pois a estrutura das línguas de sinais é completamente diferente da estrutura das línguas orais. No entanto, trataremos com mais afinco sobre esta fase mais adiante.

Figura 14 - Livro ilustrativo *Linguagem das Mãos* 1969.



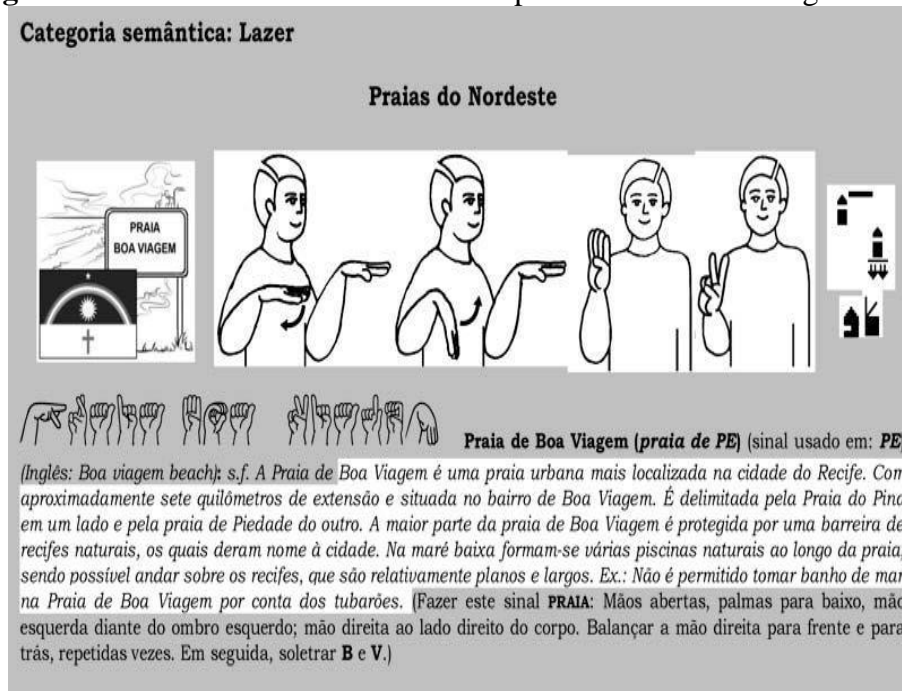
Fonte: <https://www.skoob.com.br/linguagem-das-maos-123276ed136805.html>. (Acesso 06/06/2016).

Os surdos foram se tornando visíveis socialmente e a sua história avançou, tornando-se plena em novas conquistas. Em 1977, um grupo de profissionais ouvintes fundou a

primeira instituição de reabilitação para deficientes auditivos, a FENEIDA (Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos). Com fervor, filmes foram criados e até estrelados por atores surdos. Livros sobre a surdez e com depoimentos dos próprios surdos começaram a ser escritos e vendidos com mais fluidez. Legendas foram inseridas nos programas de televisão, estudos e pesquisas tiveram considerável avanço e qualidade, cursos de ensino de Libras e de capacitação para TILSP foram criados e ampliados por todo Brasil. Em 1997, a FENEIDA foi reestruturada e foi criada a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos), no Rio de Janeiro. Em vários estados, associações de TILSP e de surdos foram criadas, tornando-se referências e desempenhando um papel fundamental na área da surdez.

Então, em 2001 foi publicado o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua de Sinais Brasileira*, do professor Fernando César Capovilla e da psicóloga Walkiria Duarte Raphael, contendo 9.500 verbetes em versão impressa e na versão digital (CD-ROM). Capovilla e Raphael organizaram a obra em dois grandes volumes, o primeiro contendo sinais de A até L e, o segundo, de M até Z. Bem descritivo, representa de forma detalhada como o sinal é realizado, retratando a configuração das mãos (CM), o ponto de articulação (PA), a localização (LO), o movimento (MO) e as expressões não manuais (ENM). Além da descrição dos sinais, é possível visualizar na obra lexicográfica a tradução em português, em inglês e na escrita da língua de sinais americana: *Sign Writing*, definida por Capovilla e Raphael (2001), como um sistema de escrita visual em sinais capaz de transcrever as propriedades sublexicais das línguas de sinais por meio de visemas, que correspondem aos fonemas nas línguas orais.

Figura 15 - Trecho do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Libras.



Fonte: <http://e-ipol.org/sinalizando-o-nordeste/>. (Acesso 06/06/2016).

Figura 16 - Versão digital do Dicionário Enciclopédico.



Fonte: <http://e-ipol.org/sinalizando-o-nordeste/>. (Acesso 06/06/2016).

A Libras foi legalizada em 24 de abril de 2002, no governo de Fernando Henrique Cardoso, sendo reconhecida como a primeira língua do surdo (L1) e a língua portuguesa, sua segunda língua (L2). Nesse mesmo ano foi criado pela Secretaria de Educação do Governo de São Paulo o *Dicionário de Libras Ilustrado*, com disponibilidade em CD-ROM, contendo 43.606 verbetes. O dicionário é um banco de dados com recursos gráficos, legendas em língua portuguesa e palavras ilustradas com imagens, para facilitar a compreensão do leitor. O CD

foi distribuído gratuitamente, com o intuito de se tornar uma ferramenta de apoio na alfabetização de surdos e também para alunos ouvintes, divulgando e disseminando a Libras.

Figura 17 - Dicionário de Libras Ilustrado disponível apenas na versão digital.



Fonte: <http://www.ame-sp.org.br/>. (Acesso 12/06/2016).

Outras iniciativas digitais foram criadas por instituições de ensino e de capacitação em alguns estados do Brasil, e também disseminadas e utilizadas nessas regiões. Após o sucesso de sua primeira obra, Capovilla e Raphael lançaram, em 2005, a *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira - O mundo do surdo em Libras*, com 19 volumes na versão impressa e três na versão digital (CD-ROM). A obra tem como objetivo documentar os sinais nas diversas áreas e cada volume destina-se a áreas específicas.

Figura 18 - Enciclopédias da Língua de Sinais Brasileira.



Fonte: <http://www.senai.br/portaldelibras/FreeComponent5283content32539.shtml/> (Acesso 15/06/2016).

Em 2005, surgiram também vários tradutores eletrônicos de Libras entre softwares, DVDs interativos, dispositivos portáteis multimídias, redes sociais digitais, legendas *Close Caption* off-line e on-line. Com o uso dessas novas tecnologias, foi criado o *Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais* por Tanya Amara Felipe de Souza e Guilherme de Azambuja Lira (INES/RJ). Nesse dicionário, o consulente pode fazer buscas por ordem alfabética, por palavra ou por assunto. Após a busca, é possível ter acesso à classe gramatical da palavra, origem, acepção, exemplos em português e em Libras. Também é possível visualizar o vídeo com a demonstração de como é feito o sinal. O dicionário, com 5.863 sinais, encontra-se disponível em CD-ROM e também pela Internet, com acesso gratuito pelo site do INES, conforme demonstrado abaixo.

Figura 19 - Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais.



Fonte: http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm. (Acesso 15/06/2016).

No site da FENEIS, é possível também encontrar *softwares* capazes de facilitar o acesso à língua de sinais, como por exemplo, o player Rybená, que é um equipamento que converte um texto escrito em português para a Libras. O Torpedo Rybená, é também outro tipo de serviço em que é possível receber e enviar mensagens de texto na Libras. Em 2009, Catarina Kiguti Kojima e Sueli Ramalho Segala dispuseram da coleção: *LIBRAS Língua Brasileira de Sinais – A imagem do Pensamento*, comercializada em forma de volume único ou na condição de cinco volumes separados e facilmente distintos por cores. Segala é surda de nascença com uma considerável gama de surdos na família, entre eles, pais e irmãos. É professora, atriz e intérprete de Libras. Kojima é também arte-educadora e pedagoga especializada em Educação de Surdos.

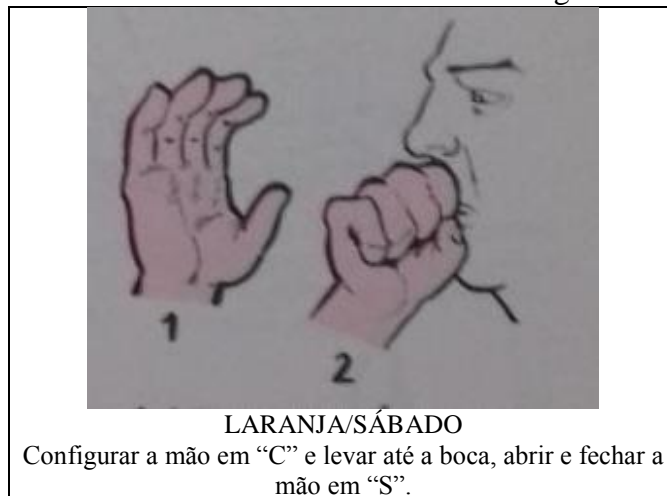
As obras contêm uma gama de verbetes sinalizados e separados por item de configuração das mãos, por exemplo, palavras que contenham configuração das mãos em “S” ou “8”: amor, adorar, ônibus, entre outros. Os sinais são dispostos através de ilustrações e da explicitação gramatical de Libras através da língua portuguesa. Na introdução de cada volume são apresentados conceitos referentes à comunicação dos surdos, da legalização, da gramática, do alfabeto manual internacional (há ilustração do alfabeto manual em vários países), e vários outros itens que auxiliam o leitor na compreensão da língua e cultura surda.

Figura 20 - LIBRAS Língua Brasileira de Sinais - A imagem do Pensamento.



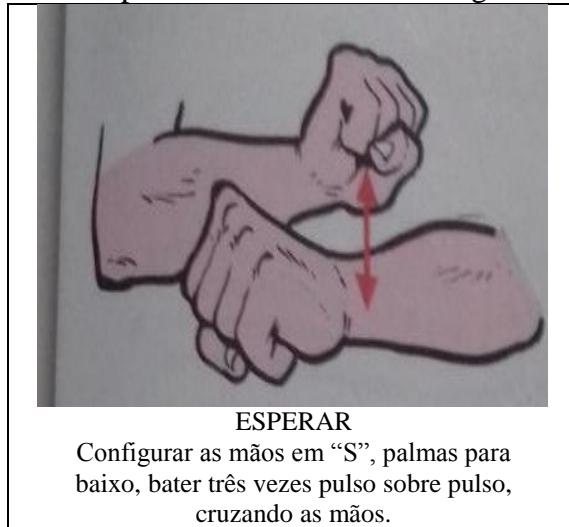
Fonte: http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm.

Figura 21 - Sinal de LARANJA e SÁBADO - A Imagem do Pensamento.



Fonte: KOJIMA e SEGALA, *LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais - A Imagem do Pensamento*. 2008. Volume 1. (Acesso 17/06/2016).

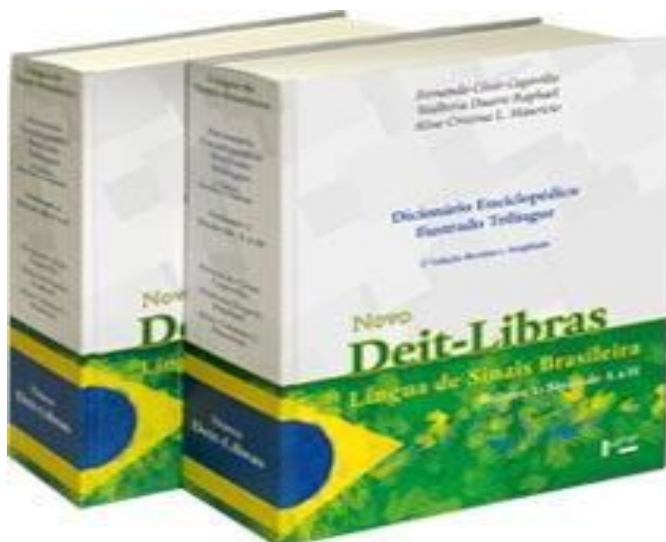
Figura 22 - Sinal da palavra ESPERAR - A Imagem do Pensamento.



Fonte: KOJIMA e SEGALA, *LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais - A Imagem do Pensamento*. 2008. Volume 1. (Acesso 17/06/2016).

A seguir, em 2009, novamente Capovilla e Raphael lançam o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira – DEIT-LIBRAS*, com 9.021 verbetes, desta vez, juntamente com Aline Cristina L. Maurício, também psicóloga. É uma extensão do pioneiro Dicionário da Língua de Sinais Brasileira (Libras), sendo uma versão ampliada e condizente com o novo acordo ortográfico. A obra apresenta um índice que agrupa os verbetes por temas com descrição da forma e do significado dos sinais. Possui ilustrações gráficas dos verbetes e exemplos de uso dos mesmos, e ainda a escrita em *SignWriting*. Conta também com a descrição de verbetes indexados em português (com soletração digital em Libras) e inglês.

Figura 23 – Imagem do DEIT-LIBRAS.



Fonte: <http://escritadesinais.wordpress.com/2010/09/01/novo-deit-libras-dicionario-enciclopedico-ilustrado-trilingue-da-lingua-de-sinais%C2%A0brasileira/> (Acesso 17/06/2016).

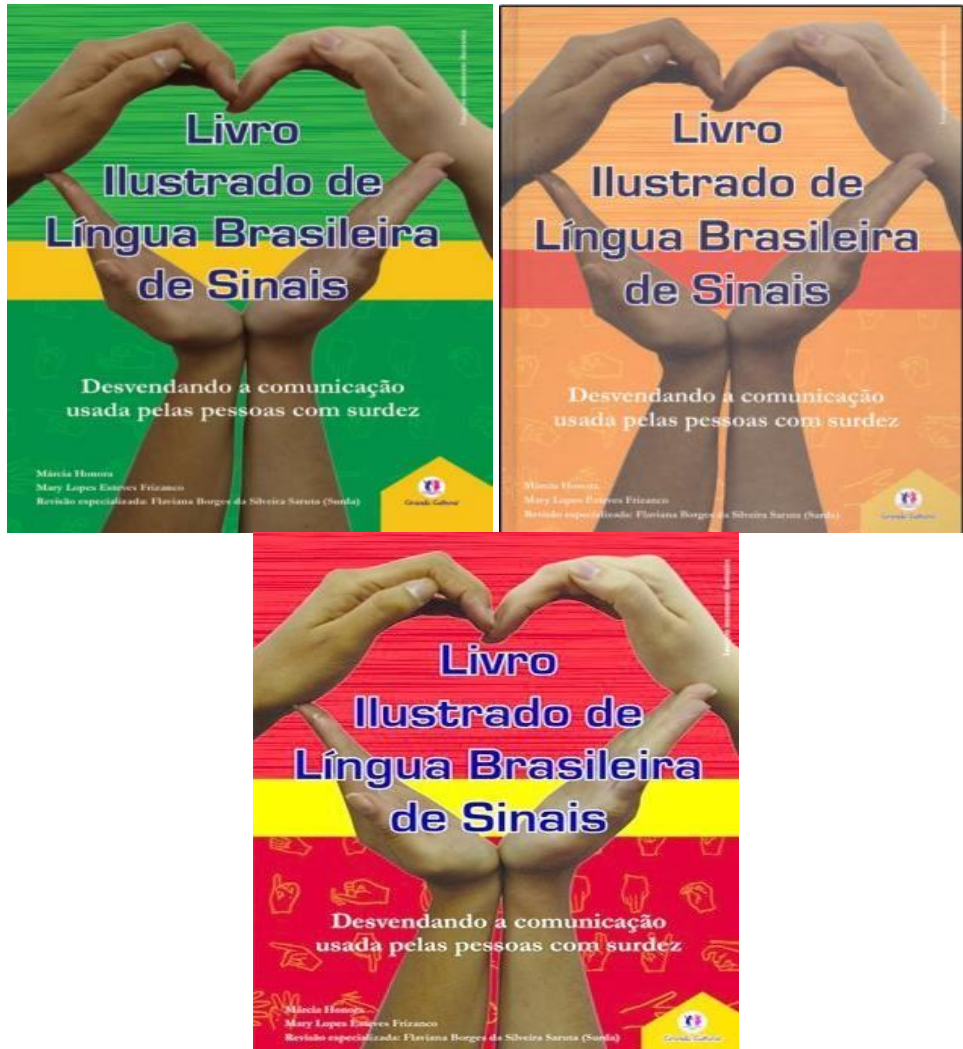
No ano de 2009, em São Paulo, Marcia Honora (fonoaudióloga e professora universitária) e Mary Lopes Esteves Frizanco (pedagoga e psicopedagoga) elaboraram a obra: *Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. A obra é separada por três volumes, distintos por cores, e de modo impresso trazem como referência os parâmetros usados na Libras de forma visual e elucidativa. As obras têm o intuito de cerrar barreiras entre ouvintes e surdos, facilitando o aprendizado e auxiliando na comunicação.

A primeira obra da coleção possui capa verde e faz uma introdução a historicidade dos surdos, esclarecendo as três principais metodologias utilizadas no ensino de surdos: Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo. Faz também um breve panorama das leis de Libras e uma explicitação da gramática da mesma. Insere os sinais básicos para uma conversação inicial, tais como: alfabeto, numerais e vestuário, documentos, entre outros sinais do cotidiano. Ao final, faz sugestões de filmes, sites e livros que abordam a questão da surdez.

Na segunda obra, cuja capa é da cor laranja, são destacados os aspectos gramaticais de Libras, as variações linguísticas, a iconicidade e arbitrariedade, léxico, datilologia, parâmetros, entre outros fatores que são essenciais para a compreensão de sua amplitude gramatical. No tocante aos sinais, sendo estes expressos da mesma forma que na primeira obra, são descritos sinais sobre personagens de histórias infantis, marcas de carro, times de futebol, profissões, economia entre outros sinais de áreas mais específicas. A terceira, de capa vermelha, possui sinais de alimentos variados, lugares, enxoval, calçados, valores humanos,

profissões entre outros. É possível afirmar que as três obras possuem um sumário remissivo que facilita consideravelmente a busca do leitor.

Figura 24 - Tríade Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais.



Fonte: HONORA e FRIZANCO, *Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. 2010. Volumes 1, 2 e 3. (Acesso 17/06/2016).

1.5.1 Dicionários de Libras nas áreas de especialidades.

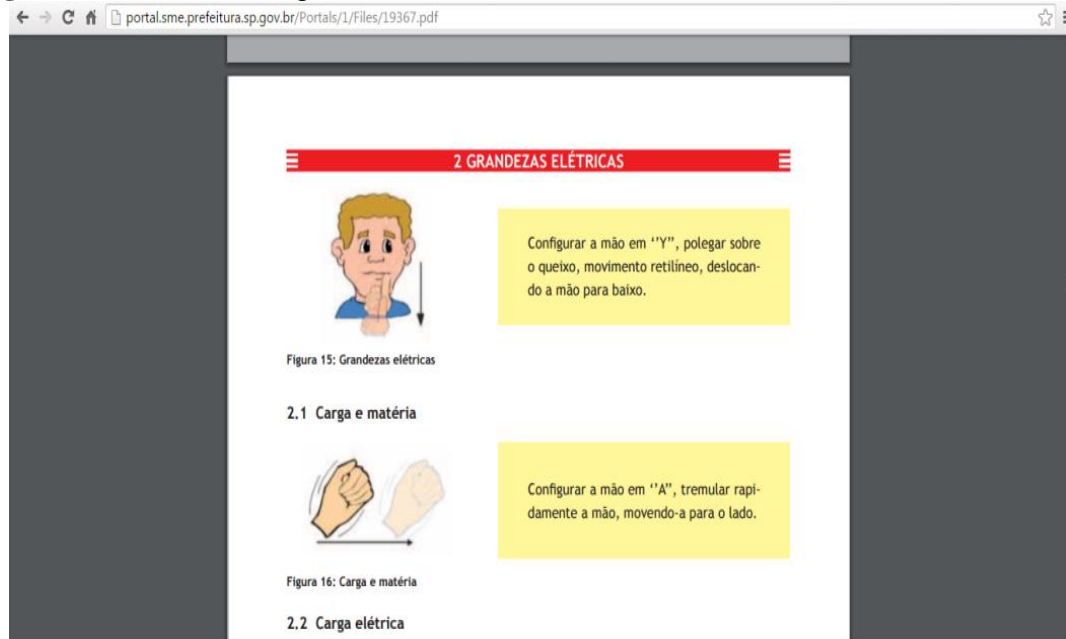
A ausência de sinais em áreas de especialidade é uma realidade na atuação dos TILSP e de professores de surdos. Muitas são ainda as palavras sem um sinal, seja em áreas da Biologia, Matemática, Mecânica, Química e também Nutrição. Embora este modelo de glossário em nutrição se insira num contexto de sinais já existentes, a ausência de sinais para termos dessa área ainda é latente. Na ausência de sinais, geralmente, criam-se sinais “combinados” pelos surdos e pelos profissionais que ali atuam, com intuito de evitar a excessiva repetição da datilologia e de diminuir assim o processo de tradução/interpretação.

Marinho (2007) faz uma análise diante das problemáticas enfrentadas pelos surdos diante da escassez de sinais para termos de especialidade em Libras. Essa ausência claramente dificulta o acesso ao conteúdo e fica a cargo do TILS a incansável tarefa de explicar o que significa determinada palavra soletrada toda vez que for necessária sua tradução. É possível encontrar vários sinais para uma mesma palavra e, ao mesmo tempo, muitos a desconhecem. Isso ocorre por conta destes “combinados” ou pela pouca divulgação de um sinal que de fato foi criado. Claro, a convenção e a concretização de um sinal criado demandam tempo e uso, assim como qualquer palavra criada nas línguas orais, sejam estas dicionarizadas ou apenas do senso comum, como as gírias.

Infelizmente, a maioria das escolas em que os surdos estudam possuem materiais didáticos voltados para a língua oral, no entanto as que possuem algum material inclusivo geralmente tratam do léxico comum. Por experiência de atuação, podemos afirmar que nas escolas bilíngues para surdos há ainda muito que se elaborar no que diz respeito aos termos de especialidades que são ensinados aos alunos nas disciplinas de humanas e exatas. No entanto, é mais comum que as iniciativas de feitura de materiais lexicográficos ocorram nas universidades, pois ali são compilados os sinais-termo que já existem nas áreas de especialidade e que, por serem pouco utilizados, se tornam às vezes desconhecidos. Alunos de graduação, surdos e ouvintes, costumam desenvolver glossários sinalizados para organizar os sinais-termo mais utilizados durante o curso: nome de autores, dados, terminologias específicas, siglas, teorias principais, entre outros. Esses materiais ficam armazenados na biblioteca da universidade em CD-ROM, e são também divulgados por meio do canal do YouTube ou pelo próprio site da universidade.

Em Brasília, por exemplo, no ano de 2011, Telasco Pereira Filho (SENAI) organizou uma *Ficha Catalográfica. Glossário de termos técnicos em Libras: eletrotécnica*, com 45 páginas ilustradas, divulgada nacionalmente em todas as unidades da empresa. Em versão impressa e digital, pode ser pesquisada gratuitamente pelo site da prefeitura de São Paulo.

Figura 25 - Ficha Catalográfica. Glossário de termos da eletrotécnica em Libras.



Fonte: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/19367.pdf>. (Acesso 17/06/2016).

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) dispõe de um glossário em Libras, contendo alguns sinais em três áreas: Letras/Libras, arquitetura e cinema. Os sinais são realizados através de vídeos, sendo possível a busca pelo português, inglês ou do sinal: escolhe-se a configuração de mão, configuração de mão no grupo e a localização do sinal, resultando na demonstração do sinal escolhido.

Figura 26 - Passo a passo para uso do Glossário pelo acesso ao site da UFSC.

Passo 1.

The first screenshot shows the homepage of the 'Glossário LIBRAS' website. The URL is www.glossario.libras.ufsc.br. The page features a navigation menu with 'Envie sinais', 'Contato', 'Equipe', 'História', and 'Admin'. Below the menu, there are three main categories: 'Letras LIBRAS', 'Arquitetura', and 'Cursos', each with a corresponding icon. A search bar is visible on the right side.

Passo 2.

The second screenshot shows the search results page. The URL is www.glossario.libras.ufsc.br/letraslibras. The page displays a video of a person signing. To the right of the video, there are three search filters: 'Busca pelo SINAL', 'Busca pelo PORTUGUÊS', and 'Busca pelo INGLÊS'.

Passo 3.

The third screenshot shows the search results page for the word 'Fonética'. The URL is www.glossario.libras.ufsc.br/pesquisa/libras/pesquisaresultado. The page displays a video of a person signing. To the left of the video, there are three search filters: 'Busca pelo SINAL', 'Busca pelo PORTUGUÊS', and 'Busca pelo INGLÊS'. Below the filters, there are three steps for searching: '1 Grupo configuração de mão', '2 Configuração de mão no grupo', and '3 Localização do sinal'.

Passo 4.

The fourth screenshot shows the detailed view of the word 'Fonética'. The URL is www.glossario.libras.ufsc.br/exibirsinal/exibirsinal/id/61. The page displays a video of a person signing. Below the video, there are two sections: 'Sinal' and 'Definição'. The 'Sinal' section shows a video of the sign. The 'Definição' section shows a video of the sign. Below the videos, there are two sections: 'Exemplo' and 'Configuração da mão esquerda'. The 'Exemplo' section shows a video of the sign. The 'Configuração da mão esquerda' section shows a video of the sign.

Fonte: <http://www.glossario.libras.ufsc.br/>. (Acesso 17/06/2016).

Outras iniciativas atuam diretamente com a ausência de sinais e com o processo de criação. É o caso do EPEEM: Grupo de Estudos de Pequenas Empresas e Empreendedorismo, que atua no setor metal-mecânico da região do estado do Paraná e divulgou em 2016 inúmeras palavras e sinais-termo da área de Biologia. O projeto foi desenvolvido por uma equipe multidisciplinar que inclui alunos surdos voluntários do ensino médio, com objetivo de auxiliar os professores e TILSP no processo de ensino-aprendizagem nos conteúdos de Biologia do ensino médio para alunos surdos.

Figura 27 - Acesso do glossário de Biologia pelo site do EPEEM.



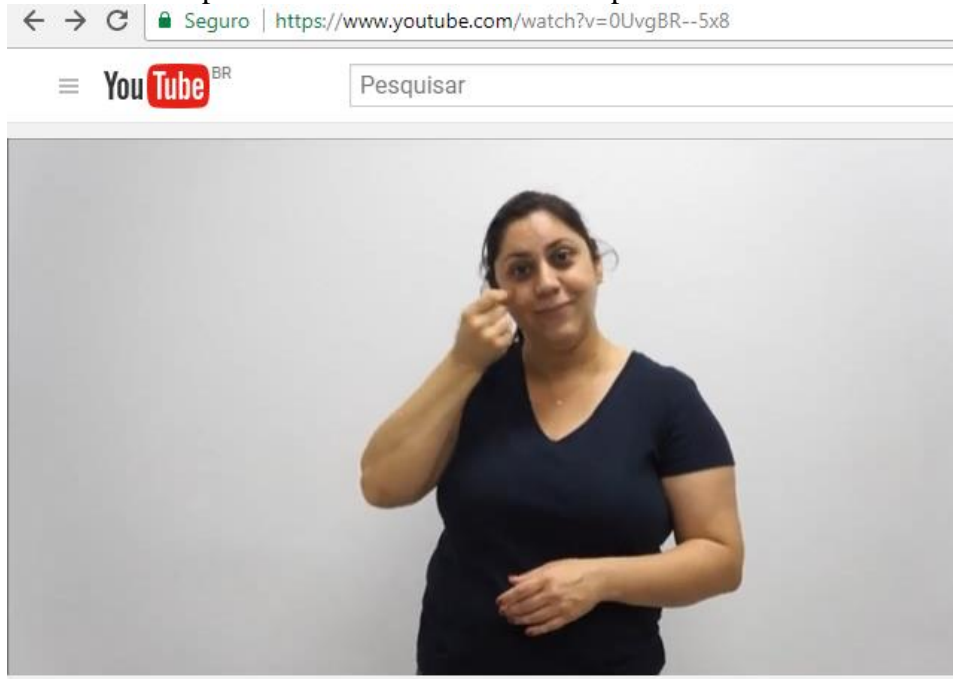
Fonte: http://epeem.cp.utfpr.edu.br/site/?page_id=8. (Acesso 17/06/2016).

1.5.2 Repertórios lexicográficos de língua de sinais em andamento

Os projetos desenvolvidos pelas universidades têm o intuito de facilitar a comunicação para os discentes surdos, haja vista que estes estão cada vez mais imersos no meio científico e acadêmico e necessitam de sinais específicos para termos de suas referidas áreas. No Brasil, por exemplo, até início da década de 1990, esse tipo de produção se restringia aos dicionários com ilustrações dos sinais. A evolução que precede os projetos e repertórios lexicográficos em língua de sinais é de suma importância para a comunidade surda, afinal, durante todo o período educacional os surdos são submetidos ao saber formalizado em que se prevalece à língua portuguesa.

Em Goiânia, graduandas do curso de bacharelado: Formação de Tradutores e Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa, da UFG (Universidade Federal de Goiás), juntamente com professores, viabilizaram também, a criação de sinais na área da nutrição. O mesmo foi intitulado *Dicionário Específico: Vida Saudável*, e foram criados quatro sinais no ano de 2014, sendo eles: carboidrato, fibra, metabolismo e proteína. Estes quatro sinais fazem parte do corpus coletado para o nosso modelo de glossário em nutrição.

Figura 28 - Acesso pelo YouTube do Dicionário Específico: Vida Saudável.



Dicionário: Vida Saudável

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=0UvgBR--5x8>. Acesso em 25/08/2017.

Na UnB (Universidade de Brasília) há um grupo dedicado à pesquisa científica e técnica de pós-graduados: o Lexterm – Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos. Este grupo realiza pesquisas dirigidas à resolução de problemas linguísticos e de comunicação. Desenvolve estudos na área do Léxico comum e léxico de especialidade de Língua de Sinais Brasileira, oferecendo condições de pesquisa para produção de teses, dissertações, e iniciação científica. Em específico, disponibiliza alguns trabalhos de autores nacionais e internacionais para os interessados em leituras sobre as línguas de sinais. Citamos como exemplo a tese de doutorado desenvolvida por Tuxi (2017) no Lexterm e no Laboratório de Linguística de Língua de Sinais (LabLibras), intitulada: A terminologia na língua de sinais brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico

em glossário bilíngue. O trabalho teve por objetivo elaborar uma proposta de organização e registro de glossário bilíngue, Língua Portuguesa - LP e Língua de Sinais Brasileira – LSB.

Figura 29 - Apresentação do glossário em LSB e LP.



Fonte: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23754/1/2017_PatriciaTuxidosSantos.pdf. Acesso em 10/12/2017.

Desenvolvida neste mesmo local, temos a tese de Nascimento (2016), intitulada Terminografia em Língua de Sinais Brasileira: Proposta de Glossário Ilustrado Semibilíngue do Meio Ambiente, em mídia digital. Neste glossário proposto o objeto de estudo é a Terminologia do Meio Ambiente na Língua de Sinais Brasileira (LSB), e a criação e validação de novas unidades terminológicas.

Figura 30 - Glossário ilustrado do meio ambiente: Libras/Português.

GLOSSÁRIO ILUSTRADO
DO MEIO AMBIENTE LIBRAS/PORTUGUÊS

Apresentação Tutorial Busca Sobre Contato Admin

Bem-vindo!

Olá! Sejam bem-vindos ao Glossário Ilustrado do Meio Ambiente Libras – Português! Este espaço foi construído para você que tem interesse e curiosidade em saber termos, definições e sinais referentes ao Meio Ambiente. Aqui você encontrará ilustrações, definições, vídeos e outros recursos que facilitarão a pesquisa. Por isso, sinta-se à vontade! Acesse, explore, divirta-se! Nesse Glossário, o conhecimento está sempre disponível para você!

© Copyright 2015 Desenvolvido por Paulo de Tarso | paulo.olnab@gmail.com

Fonte: <http://www.glossariolibrasportugues.com.br/>. Acesso em 10/12/2017.

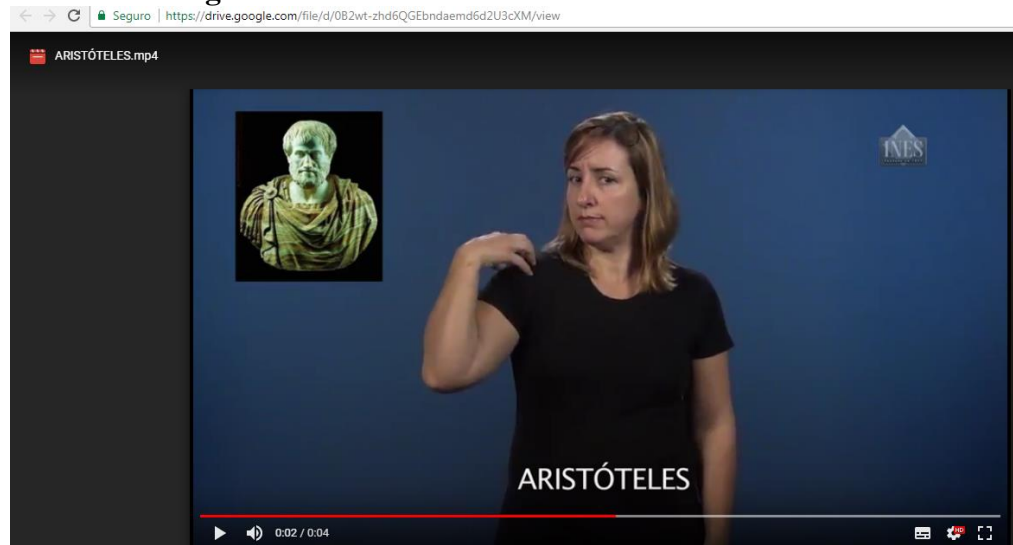
O “Manuário” é um projeto em elaboração desde o início de 2013, no INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), que é um órgão de considerável referência da língua de sinais no país, situado no Rio de Janeiro. O termo “manuário” foi criado por um ex-aluno surdo, que visa à prática um dicionário bilíngue Libras-Português e Português-Libras de termos acadêmicos na área da pedagogia. O site contém inúmeras categorias de sinais-termo, sendo possível a busca por ordem alfabética, tema ou termo. Ao acessar o termo desejado, por exemplo, outra janela se abre representada por um vídeo que contém a sinalização e imagem ilustrativa para melhor compreensão. Como nas imagens abaixo, que, ao selecionar o filósofo Aristóteles, é possível visualizarmos o sinal correspondente.

Figura 31 - Acesso ao site do Manuário Acadêmico e Escolar do INES.



Fonte: <https://www.manuario.com.br/dicionario-onomastico>. Acesso em 18/09/2017.

Figura 32 - Vídeo como sinal de Aristóteles.



Fonte: <http://www.manuario.com.br/dicionario-onomastico>. Acesso em 18/09/2017.

Vale citar os dicionários organizados por Fernando César Capovilla, que contou com vários colaboradores de diversas partes do Brasil para sua composição, Capovilla e Raphael (2001). Outras produções partem de iniciativas independentes, de instituições públicas como as escolas ou instituições que ofertam cursos de Libras e auxiliam na criação e divulgação de novos sinais. Há também universidades que lançam glossários eletrônicos para sanar lacunas de sinais em seus cursos. A saber, embora haja outras, citamos algumas pesquisas brasileiras com base na lexicografia da Libras:

- 1) Universidade de Brasília (2009): Sandra Patrícia de Faria do Nascimento – Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira. Uma proposta lexicográfica.
- 2) Universidade de Brasília (2017): Patrícia Tuxi dos Santos. Terminologia na língua de sinais brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos no meio acadêmico em glossário bilíngue.
- 3) Brasília, Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI (2011). Glossário de termos técnicos em LIBRAS: Eletrotécnica.
- 4) Uberlândia, Minas Gerais. Sinval Fernandes de Sousa e Hélder Eterno da Silveira (2011) – Terminologias químicas em Libras: a utilização de sinais na aprendizagem de alunos surdos.
- 5) Universidade de Brasília (2012): Messias Ramos Costas – Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: Enciclobras (UnB).
- 6) Universidade de Brasília (2012): Rajane Lourêdo Barros – Política Linguística: a terminologia da Libras como veículo de cultura em concursos públicos.
- 7) Universidade de Brasília (2013): Daniela Prometi – Glossário Bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: criação de sinais dos termos da Música.
- 8) 2014: Gláucio de Castro Júnior – Projeto Varlibras.
- 9) Universidade Federal de Goiás (2014): Ednéia Aparecida de Paula Almeida – Uma proposta de Glossário Terminológico para o curso de Letras:Libras da Universidade Federal de Goiás.
- 10) Universidade de Brasília (2015): Saulo Machado Mello de Sousa – Sinais lexicais dos termos cinematográficos: a perspectiva da Língua de Sinais Brasileira no cinema.
- 11) Universidade Tecnológica Federal do Paraná/Londrina (2015): Julio Cesar Correia Carmona – A dicionarização de termos em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para o ensino de biologia: uma atitude empreendedora.

- 12) Universidade de Brasília (2016): Eduardo Felipe Felten – Glossário Sistemático Bilíngue Português-Libras de termos da História do Brasil.
- 13) Universidade de Brasília (2016): Cristiane Batista do Nascimento – Terminografia em Língua de Sinais Brasileira: Proposta de glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente, em mídia digital.

Como foi dito anteriormente, ainda não há, na Libras, uma gama considerável de pesquisa que possa contemplar a diversidade das terminologias científicas que se adentre no âmbito da nutrição. No que diz respeito às demais áreas, ressaltamos que as pesquisas existentes e também citadas respeitaram cuidadosamente o quesito da criação e divulgação dos sinais-termo. É possível compreender que são várias as iniciativas de criação de sinais e não temos pretensão de esgotar aqui essa busca, afinal muitas iniciativas foram impressas e não foram divulgadas de forma midiática. O que incitamos é a necessidade de parcerias entre os falantes de Libras para a concretização dos sinais criados nos diversos estados. Do contrário, a problemática não cessará, pois os sinais criados serão utilizados por uma minoria em um determinado local, e outros, não terão acesso aos novos sinais. Visto que estamos tratando de termos de especialidade das línguas de sinais, seria ideal (ilusório talvez) que houvesse materiais específicos e oficiais, que divulgassem os sinais-termo a nível nacional para que a neologia tivesse, finalmente, considerável êxito.

1.6 O sistema de escrita das línguas de sinais: ELiS

1.6.1 O sistema ‘ELiS’ por Mariângela Estelita Barros

A Escrita das Línguas de Sinais (ELiS), que será utilizada neste glossário bilíngue Libras/Português em nutrição, foi criada no Brasil em 1998 pela professora doutora Mariângela Estelita Barros. Este sistema teve início em sua dissertação de mestrado e uma revisão teórica e prática foi feita durante seu doutorado. Para tal, ela contou com a participação de surdos adultos fluentes em Libras, estudantes do curso de Letras/Libras, resultando, em 2008, na possibilidade de uso e divulgação da ELiS.

Várias são as pesquisas e os trabalhos que utilizam ELiS nos dias atuais, dentre estes, há o livro *ELiS – Sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais* (Barros, 2015), que explica como funciona o sistema através de descrições. Na faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás foi criado, no ano de 2014, um laboratório de Leitura e Escrita

em Línguas de Sinais que desenvolve trabalhos sobre ELiS, como pesquisas, elaboração de material didático em ELiS e ainda material para leituras e traduções.

Barros (2008) esclarece que ELiS é um sistema de escrita das LS de base alfabética, linear e representa os parâmetros dos sinais propostos por Stokoe em 1965. Aguiar e Chaibue (2015, p. 21) esclarecem que Barros propõe uma adaptação na nomenclatura para as línguas de sinais dentro da fonética e fonologia: “Onde fonética passaria a ser chamada de visética, fonologia seria visologia, as letras seriam chamadas visografemas, fonema se tornaria visema e assim por diante”. Assim, ELiS é de base alfabética porque representa os *visemas* das línguas de sinais. É considerada linear, pois os *visografemas* são escritos um após o outro e utiliza os parâmetros das línguas de sinais como base para a formação dos *visografemas*. Simplificando, os termos mencionados e criados por Barros durante sua pesquisa (visemas, visografemas, visograma) correspondem respectivamente ao conceito de fonemas, letras e alfabeto nas línguas orais. Barros (2008, p.14).

O sistema de escrita ELiS é composto por 95 visografemas, os quais são distribuídos em quatro grupos, que formam sua estrutura básica: Configuração de Dedos (CD), com 10 visografemas; Orientação da Palma (OP), com 6 visografemas; Ponto de Articulação (PA), com 35 visografemas; e Movimento (M), com 44 visografemas. Os visografemas de Configuração de Dedos representam posições dos dedos e são combinados entre si para compor um Formato de Mão. (BARROS, 2005, p. 205)







Figura 33 - **Configuração de dedos segundo Barros (2008).**

Dedo Polegar	Posição	Demais Dedos	Posição
.	Fechado	.	Fechado
/	Na palma	∩	Muito curvo
∩	Curvo	∩	Curvo
\	“3D”	\	Inclinado
-	Horizontal		Estendido
	Vertical		

Fonte: Arquivo pessoal.

Com relação à orientação da palma, segundo Barros (2016, p. 205), os visogramas ficam da seguinte forma:

Figura 34 - Orientação da Palma segundo Barros (2008).

	Palma para frente
	Palma para trás
	Palma para cima
	Palma para baixo
	Palma para a medial
	Palma para a distal

Fonte: Arquivo pessoal.

No Ponto de Articulação, os 35 visografemas são organizados por cabeça, tronco, membros e as mãos:

Figura 35 - **Ponto de Articulação segundo Barros (2008).**

Cabeça		Membros
Rosto ☐		Braço inteiro L
Alto da cabeça □		Ombro L
Lateral da cabeça ⊥		Axila ⊥
Orelha ⊥		Braço ⊥
Testa =		Cotovelo ⊥
Sobrancelha ::		Antebraço ⊥
Olho ::		Punho ⊥
Maçã do rosto ^		Perna ⊥
Nariz ⊥		
Buço ⊥		
Boca ⊥		
Dentes ⊥		
Bochecha °°		
Queixo ⊥		
Abaixo do <u>queixo</u> ⊥		
Tronco		Mão
Pescoço ⊥		Palma □
Corpo □		Dorso ⊥
Tórax ⊥		Dedos ⊥
Ao lado do corpo ⊥		Lateral de dedo □
Abdômen ⊥		Intervalo de dedo ⊥
		Articulações ⊥
		Ponta de dedo ⊥

Fonte: Arquivo pessoal.

Os visografemas de movimento são realizados pelos braços, punhos e mãos, além das expressões não manuais (ENM).

Figura 36 - Movimento segundo Barros (2008).

Braço e Punho	Mão	ENM
Para frente ⊥	Abrir ≡	Afirmação com a cabeça ☒
Para trás ⊤	Fechar ≡	Afirmação com a cabeça ◊
Para frente e para trás ⊕	Abrir e fechar ≠	Língua na bochecha →
Para cima ↑	Flex. dedos na base ∩	Língua para fora
Para baixo ↓	Flex. dedos na ponta ∪	Corrente de ar ↻
Para cima e para baixo ⇕	Unir e separar dedos ∞	Vibração dos lábios ≡
Para a direita →	Tamborilar de dedos ≈	Movimento lateral do queixo
Para a esquerda ←	Friccionar de dedos ↷	Murchar bochechas ∞
Para a dir e a esq ↔	Dobrar o punho ⊥	Inflar bochechas ∞
Para o meio +	Mover lateral do punho ⊥	Abrir a boca ⊙
Para fora ++	Girar o punho ⊥	Piscar +
Para cima e à direita ↗	Girar antebraço ⊥	Girar o tronco ⊖
Para cima e à esquerda ↖		
Para baixo e à direita ↘		
Para baixo e à esquerda ↙		
Arco ∩		
Flex/ext. de braço 0		
Circular vertical ∅		
Circular horizontal ⊙		
Circular frontal ≡		

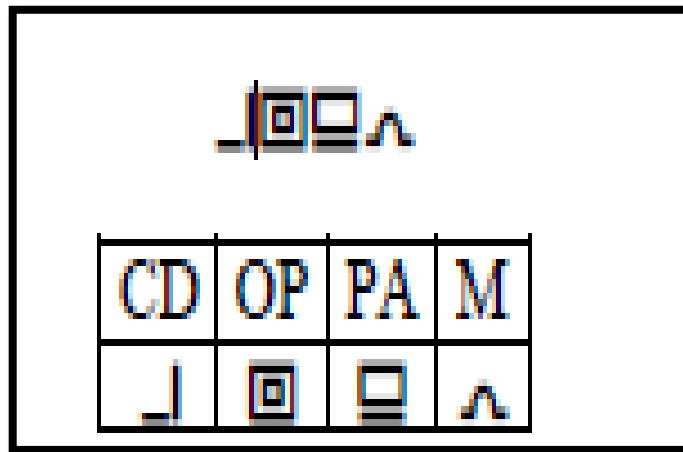
Fonte: Arquivo pessoal.

Através da ordem e seguindo a estrutura inalterável exemplificada acima, é possível escrevermos as palavras usando ELiS, sendo necessário também, saber que existem seis tipos de sinais registrados na mesma, sendo eles: monomanual, bimanual simétrico, bimanual assimétrico, bimanual quase simétrico, com mão de apoio e composto. Barros (2015), explica que o sinal monomanual é realizado com apenas uma das mãos e o bimanual com as duas mãos. No sinal bimanual simétrico, todos os grupos são iguais, diferente do sinal bimanual assimétrico, que os visografemas (CD OP PA M) para cada mão são diferentes nos quatro grupos. No sinal bimanual quase simétrico há no mínimo um e no máximo três grupos iguais. O sinal com mão de apoio corresponde àquele em que a mão não dominante atua apenas

como ponto de articulação. O sinal composto é formado pela justaposição de dois ou mais sinais.

Barros (2016, p. 209) informa que este esquema é fundamental para o desenvolvimento desta escrita, pois: “Saber o que cada visografema representa e compreender os seis tipos de sinais na ELiS são os conhecimentos básicos que uma pessoa precisa ter para poder ler e escrever utilizando a escrita ELiS”. A autora cita como exemplo de sinal monomanual a palavra BONITO, que possui por configuração de dedos o polegar e demais dedos estendidos, a orientação da palma é voltada para trás, o ponto de articulação corresponde à mão à frente do rosto e o movimento é fechar a mão dedo a dedo, ou seja, tamborilar os mesmos sem repetição (BARROS, 2016, p. 207).

Figura 37 - Escrita em ELiS da palavra BONITO, por Barros (2016).



Fonte: Arquivo pessoal.

É possível baixar uma fonte para a escrita de ELiS em qualquer computador. Ela é denominada *True Type* e foi desenvolvida por André de Aquino Peixoto (2007). Seguindo as correspondências das teclas é possível digitalizar normalmente os visografemas sem precisar de um programa específico para sua realização e nem mesmo para a impressão do material. O ensino de ELiS tem se expandido nas universidades brasileiras e também está inserido em alguns cursos que ministram línguas de sinais. Quadros (2016) afirma ainda, que o ensino dessa nova proposta já faz parte da grade curricular em pelo menos cinco Universidades Federais.

As obras lexicográficas destinadas para as línguas de sinais oferecem inúmeras contribuições ao TILS e também ao surdo. Entre elas, possibilita aprender sobre as relações de forma e conteúdo entre as línguas expostas, aprender sobre suas estruturas linguísticas,

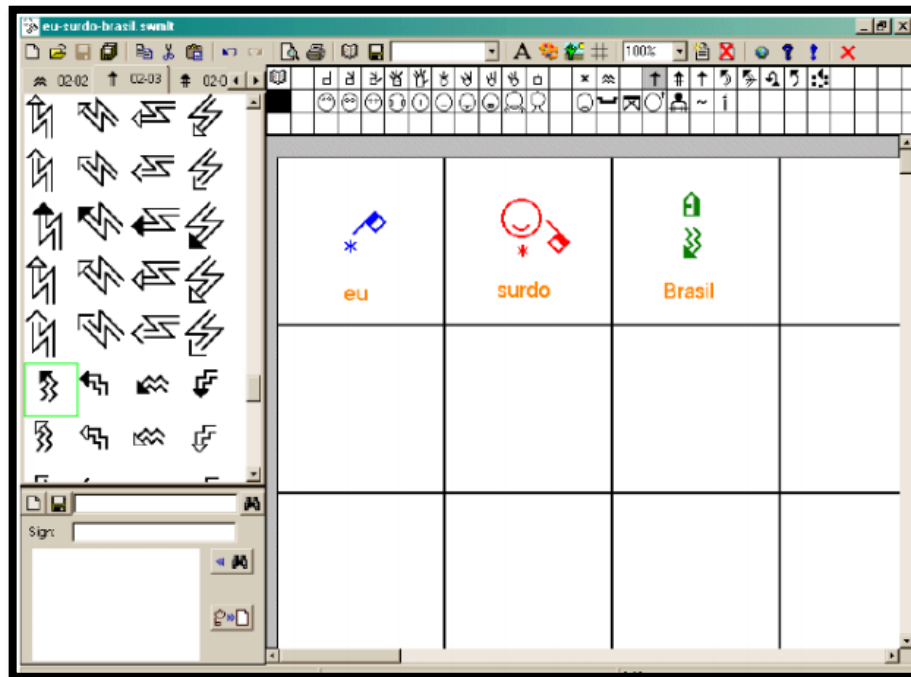
identificar sistematizações distintas e ainda conhecer novos sinais-termo. É necessário que as obras lexicográficas sejam utilizadas cotidianamente no âmbito educacional, principalmente aquelas que contenham alguma língua de sinais escritas, promovendo assim sua divulgação e, conseqüentemente, menos repulsa. No entanto, atualmente, tanto os surdos quanto por professores e TILS possuem uma tendência maior ao uso de obras lexicográficas baseadas nas línguas orais, prevalecendo mesmo no ensino de surdos a língua portuguesa escrita.

Há também o sistema *SignWriting*, que traduzido, significa “escrita de sinais” criado por Valerie Sutton no ano de 1974 nos Estados Unidos. Sutton, uma coreógrafa dinamarquesa a princípio teve a intenção de produzir um sistema para escrever seus espetáculos, com o intuito de descrever os movimentos de dança. Essa escrita despertou a curiosidade dos pesquisadores da língua de sinais dinamarquesa que estavam em busca de uma forma de escrever os sinais. Assim, a Universidade de Copenhagen solicitou a Sutton que registrasse os sinais gravados, naquela época em formato de videocassete.

As primeiras formas foram inspiradas no sistema escrito de danças, *DanceWriting*, e na década 70 houve um período de transição para *SignWriting*, ou seja, da escrita de danças para a escrita de sinais das línguas de sinais. No Brasil, Capovilla e Raphael (2001) fizeram uso dessa escrita em seus dicionários de língua de sinais e definem o SignWriting como um sistema de escrita visual em sinais que torna capaz transcrever as propriedades sublexicais nas línguas de sinais por *visemas*. Esses visemas correspondem aos fonemas nas línguas orais.

No Brasil o sistema chegou graças a equipe de pesquisadores da PUCRS, que em outubro de 1996 através do professor Antônio Carlos da Rocha Costa, entra em contato com Sutton pelo site da referida escrita (<http://www.signwriting.org>). Neste contato o professor relata que começou a usar o programa SignWriter 3 não com objetivos linguísticos, mas sim o desenvolvimento de aplicações computacionais orientadas a LS e Cultura Surda. O projeto se chama “Processamento de Língua de Sinais” que é a aplicação e adaptação de técnicas de inteligência artificial no processamento de línguas naturais, usando-se LS. (AGUIAR; CHAIBUE, 2015, p.18).

Figura 38 - Tela de um editor de textos do SW, o SignEdit.



Fonte: AGUIAR, T. C; CHAIBUE, K. (2015, p. 20).

SignWriting contém mais de 1900 caracteres, é feita no formato vertical, e escrita numa perspectiva expressiva. Para escrevê-la em editor de textos pelo computador é necessário escrever primeiramente num editor próprio, sendo assim possível a sua transferência para o editor padrão. No entanto, como não será utilizado neste glossário de nutrição, indicamos para maiores informações as bibliografias de STUMPF (2003, 2004, 2005) e SUTTON (2016).

CAPÍTULO 2 – CARACTERIZANDO A LÍNGUA DE SINAIS

Neste capítulo fazemos uma reflexão sobre os principais métodos utilizados na educação de surdos, com o objetivo de levar o leitor a compreender a evolução das línguas de sinais e a importância do bilinguismo contido neste glossário. Nesse raciocínio, chegaremos à estrutura gramatical das línguas de sinais, e que torna este glossário bilíngue de Libras/Português em nutrição um tanto explicativo. Àqueles que demonstram interesse pela composição gramatical das línguas de sinais, este capítulo torna-se essencial, e ainda para uma compreensão plena das partes que compõem a estrutura deste glossário. Incitamos também, uma reflexão diante da necessidade de compilação dos sinais-termo na área da nutrição, com a premissa básica da importância dessa temática na vida dos surdos.

2.1 Métodos educacionais para surdos

2.1.1 Método Oralista

A história dos Surdos é marcada por uma trajetória lenta e sofrida, advinda de desprezo e proibição de sua língua natural. Característicos de um grupo minoritário linguístico, os surdos vêm conquistando seu espaço até os dias atuais, porém, vencendo barreiras e preconceitos no tocante ao seu modo de “falar”. A imposição da fala sempre foi concomitante à proibição do uso de sinais, concretizando assim, em termos terapêuticos o *Oralismo*, que foi a primeira fase constituinte na educação dos Surdos.

De acordo com Honora (2009), a primeira tentativa de ensinar os surdos foi através desse método, imposto por ouvintes que acreditavam que os surdos seriam capazes de reproduzir na íntegra a fala, na intenção baseada na crença de uma ‘cura’ da surdez. Ensinar a língua de sinais para os surdos, era visto como um impedimento e um atraso no processo evolutivo da fala, sendo assim, as línguas de sinais não eram permitidas nem em salas de aula e tão pouco no ambiente familiar. Pautado por enfatizar a língua oral, no oralismo, muitas crianças surdas ao invés de frequentar a escola, transitavam no âmbito da medicina, pois o foco era incitar a voz, corrigir os defeitos da fala e treinamento labial excessivo, atividades conhecidas também, como medicalização da surdez. Os profissionais da área médica e de audiologia não viam a língua de sinais como um sistema linguístico, e as respostas às tentativas de sinalizações eram através de agressões físicas e castigos.

Veloso e Maia (2009) afirmam que a primeira escola para surdos surgiu em um monastério de Valladolid, regida pelo monge beneditino da Onã, Pedro Ponce de León (1520-1594), na Espanha. Havia dois irmãos surdos, filhos de uma família de aristocratas espanhóis

de grande importância na época, que motivaram tal iniciativa. Nessa época, somente surdos oralizados recebiam heranças, e nesta primeira escola, eram ensinados os filhos de nobres que nasciam com surdez ou com alguma deficiência auditiva. Eram ensinados conteúdos de latim, grego, italiano, física e astronomia, através da datilologia, da escrita e da oralização. Conseqüente, os demais países foram criando escolas com o mesmo método. Na Alemanha, Samuel Heinicke (1729-1790), fundou em 1778 a primeira escola de oralismo puro na cidade de Lúpsia. Heinicke é considerado o “pai do método alemão” – oralismo puro – e sua escola contava inicialmente com nove alunos. Em suas palavras: “Meus alunos são ensinados por meio de um processo fácil e lento de fala em sua língua pátria e língua estrangeira através da voz clara e com distintas entonações para aumentar suas habilidades de compreensão” (VELOSO; MAIA, 2009, p. 32). Porém, não havia sucesso no aprendizado dos surdos, devido à modalidade arcaica daquela época.

Os surdos seguiram durante um longo tempo sendo instruídos por métodos ouvintistas, com escassez de profissionais adequados, que conseguissem de fato ensiná-los. Muitos surdos sinalizavam escondidos com outros pares, e dentro de casa com alguns familiares que viam a comunicação fluir através dos sinais. No entanto, não havia liberdade visto que a surdez era considerada uma patologia, e palavras como “reabilitar”, “adestrar”, “imitar” eram frequentes nas tentativas incansáveis de igualar o surdo ao ouvinte. Em meados de 1880, aconteceu o famoso Congresso de Milão, que reuniu professores de surdos. As línguas de sinais foram totalmente banidas e somente por volta de 1940 puderam enfim, “reaparecer”.

Os efeitos produzidos na comunidade surda com esse método oralista, que se intitulava clínico-terapêutico, foram devastadores, e nos dias atuais, há muitos surdos traumatizados no tocante à fala. Jean Marc Gaspard Itard (1774-1838), médico cirurgião e psiquiatra alienista francês, influenciou de forma marcante esta época, na tentativa de descobrir as causas visíveis da surdez. Para ele o surdo somente seria “salvo” se aprendesse a falar e caso sua audição fosse restaurada. Ele escolheu alguns surdos de uma escola e realizou um intenso treinamento auditivo e articulatório para que fosse possível detectar sons, discriminar vogais de consoantes, perceberem o ritmo, altura das sílabas, e etc. Sem sucesso, decidiu então, treinar a fala diretamente. Alguns surdos conseguiam falar, mas não o faziam de modo natural e muito menos, fluente. Itard culpou a insistência dos surdos em usarem a língua de sinais. Para, além disso, de acordo com Veloso; Maia (2009, p. 34), Itard:

1. Dissecou cadáveres de surdos;
2. Aplicou cargas elétricas nos ouvidos de surdos;
3. Furou as membranas timpânicas de alunos (um aluno morreu por este motivo);

4. Fez várias experiências e publicou artigos sobre uma técnica especial para colocar cateteres no ouvido de pessoas com problemas auditivos, tornando-se famoso dando nome à Sonda de Itard;
5. Fraturou o crânio de alguns surdos;
6. Infeccionou pontos atrás de orelhas deles;
7. Usou sanguessugas dentro dos ouvido.

Atualmente, há métodos eficazes para atingir a oralidade, porém, surdos da terceira idade, no qual seus familiares passaram pela etapa do oralismo, demonstram completa aversão a qualquer tentativa de reproduzir a fala. Métodos assim, não são mais utilizados, dada a tendência de empoderamento dos surdos e dada a ineficácia comprovada do oralismo, Skliar (1997, p. 80) é conciso em afirmar esta referência de trauma da comunidade em que, “[...] bastaria oferecer dados informais sobre o estado psicológico de milhares de surdos que sofreram isolamentos comunicativos e verdadeiras privações sociais em sua primeira infância, que foram obrigados a falar e violentados em sua intimidade” Atesta ainda o dito acima, representando o fracasso desse método:

Apesar desta tarefa, quixotesca desenvolvida durante anos, de esconder os surdos e a surdez, de considerar as línguas de sinais e os surdos como uma ameaça social, o modelo oralista fracassou pedagogicamente e contribuiu com o processo de marginalização social no qual se encontram atualmente algumas comunidades de surdos, especialmente aqueles países em vias de desenvolvimento ou subdesenvolvidos. E resulta no mínimo paradoxal que, justamente num âmbito com essas características, as crianças surdas desenvolvam, ao mesmo tempo, dois tipos de identidade cultural: por uma parte adquirem a identidade deficitária – uma vez que a mensagem que lhes é dada é que não são ouvintes -; e por outra parte, a identidade surda – porque estão imersos e compartilham atividades com outras crianças e adultos surdos. (SKLIAR, 1997, p. 81).

Em 1880, o Congresso de Milão contou com representantes da França, Itália, Grã-Bretanha, Estados Unidos, Canadá, Bélgica, Suécia e Rússia, e nele, estava presente apenas um surdo. O congresso, embora não tenha discutido diretamente os métodos de ensino para surdos, reafirmou a necessidade da substituição da língua de sinais pela língua oral. O domínio da língua oral era uma condição de aceitação na sociedade. No entanto, Edward Miner Gallaudet, que estava presente no Congresso, defendeu o uso da língua de sinais. O Congresso definiu que, dada a superioridade incontestável da fala sobre os sinais, o método de articulação deve ter preferência sobre o de sinais quando se tratar da instrução e educação de surdos. E ainda, que o método oral puro deveria ser privilegiado, pois a o uso simultâneo com sinais, prejudica a fala. Após esse evento, o oralismo puro invadiu os países.

Consequente, de acordo com Veloso e Maia (2009), o primeiro Congresso Internacional dos Surdos aconteceu em 1889 em Paris. Com reuniões separadas, pois muitos educadores oralistas não aprovaram a presença dos surdos nas discussões, e muito se falava

sobre o fracasso na educação dos surdos. Muitos outros congressos de surdos foram acontecendo em diversos países, e após anos de oralismo puro, comprovou-se que os surdos não progrediam e que tinham uma fala ininteligível. Além da realidade inquestionável que a comunicação gestual nunca deixou de existir entre os surdos, e com isso, a queda do oralismo trouxe início a um novo processo educativo: a comunicação total.

2.1.2 Comunicação Total

A Comunicação Total, que se expandiu a partir de 1980, era uma filosofia baseada na compreensão do outro, valendo-se de várias formas de realização para se chegar a tal. Nesta fase, os surdos puderam finalmente sinalizar, o que fez disso certo avanço para as línguas de sinais, pois ocorreu uma ampliação lexical. Aqui, toda forma de comunicação era bem vinda, desde que o entendimento pudesse acontecer entre os sujeitos: “fala, leitura orofacial, treinamento auditivo, expressão facial e corporal, mímica, leitura e escrita de sinais”. (HONORA, 2009, p. 15).

Apesar da liberdade de uso dos sinais, estes eram emitidos de acordo com a estrutura da língua falada. Essa fase também é marcada pelo *bimodalismo*, ou ainda, no caso do Brasil, o *português sinalizado*, que é o uso simultâneo dos sinais e da fala, ato que se caracteriza como o problema marcante neste período, afinal, a estrutura das línguas de sinais é completamente diferente da estrutura das línguas orais. O bimodalismo traz alguns questionamentos que fizeram os estudiosos repensar o método, como por exemplo: Qual o melhor método de efetuar a transliteração dessas línguas? Como chegar a um entendimento claro se a tradução for palavra por palavra, sinal por sinal? Isso, de fato, não se torna possível, pois não há um meio de preservar a estrutura de ambas as línguas, além do mais, o parâmetro ENM fica severamente comprometido quando é substituído pela fala.

Contudo, a comunicação total, trouxe alguns sobressaltos para a comunidade surda. Veloso e Maia (2009) destacam alguns eventos inovadores, dentre eles, prêmios de reconhecimento a um escultor surdo pernambucano, e ainda um surdo ser ordenado a padre. Os surdos passaram então, a serem percebidos como sujeitos integrantes na sociedade, sendo inseridos no meio artístico, educacional, profissional entre outros. Com força, a língua de sinais foi se expandindo, e o oralismo foi sendo desvinculado da sinalização, pois se tornou óbvio que o surdo melhor se expressava quando utilizava sua língua nata. Quando as conquistas dos surdos foram se concretizando, consolidou-se também, o direito de usarem a

língua de sinais como primeira língua e, através do Bilinguismo, método utilizado até os dias atuais, a língua de sinais passou a ser respeitada em sua amplitude.

2.1.3 Bilinguismo e direitos linguísticos dos surdos

O Bilinguismo visa à aquisição de duas línguas pelo surdo, sendo a proposta de ensino mais utilizada nas escolas da maioria dos países nos dias atuais. Para Marinho (2007, p.131), bilíngue é aquele que “fala duas línguas”, aquele que “sinaliza em duas línguas”, ou aquele que “fala em uma língua e sinaliza em outra”. O bilinguismo tem como princípio fundamental o uso da língua de sinais como a primeira língua (L1) dos surdos, enquanto a língua oral-auditiva correspondente ao país onde o surdo vive, deve ser adquirida como segunda língua (L2). Com isso, associações foram sendo criadas em prol da educação de surdos, e a surdez passou a ser vista sem o olhar patológico. Os surdos começaram a ser percebidos sem o assistencialismo exagerado, mas como um grupo linguístico minoritário possuidor de uma língua e cultura específica.

Ao compreender que o aprendizado da pessoa surda deve priorizar a ordem língua de sinais, e, por conseguinte, a língua portuguesa, o bilinguismo no Brasil, pode ocorrer de duas formas: o ensino da L2 pode acontecer quase que concomitante a aquisição da L1, ou ainda, a L2 é ensinada somente após a aquisição da L1 pelos surdos. Nesta segunda opção, caso seja interesse da pessoa surda, a aquisição da língua oral-auditiva, se torna possível através da leitura e da escrita com o devido acompanhamento de um profissional fonoaudiólogo, e este deve fazer uso da língua de sinais para melhores resultados.

A política educacional oficial inclui os surdos com pleno direito a uma educação de qualidade, porém, muito ainda tem sido feito para melhorar esse aspecto, pois a língua portuguesa ainda é língua de prestígio nas escolas, sendo esta aprendida por instrução formal. A Libras, ainda não foi totalmente inserida nos currículos escolares de todas as escolas, geralmente, ela existe como disciplina curricular na escola que tem um surdo matriculado. No geral, a realidade escolar dos surdos é uma mescla de alguns que não são fluentes em Libras, e outros que são fluentes apenas em Libras e não dominam o português, havendo ainda, poucos surdos, que são fluentes nas duas línguas. Essa diversidade não contribui para a adoção de um programa único no ensino de português como segunda língua, e tão pouco do ensino de Libras para ouvintes, por isso, há uma luta pela escola bilíngue de surdos. A escola bilíngue busca proporcionar aos seus alunos as competências necessárias para que eles possam utilizar duas ou mais línguas. Nesta escola o professor deve ser bilíngue e no caso do surdo, ele ministra

suas aulas em Libras, a escola deve contar também, com um instrutor surdo e com TILS. Todos na escola, devem se comunicar em língua de sinais.

Embora haja algumas escolas bilíngues no Brasil, estas se configuram em poucas, e os surdos são em sua maioria inseridos em escolas convencionais junto com uma gama maior de ouvintes. Nestas escolas, o TILS viabiliza a permanência dos surdos, pois é ele quem faz toda mediação entre as línguas e ainda faz esclarecimentos sobre o surdo e a surdez. A conquista por um TILS na educação é um direito garantido ao surdo em todo período escolar, desde os anos iniciais até a universidade, e é sem dúvida, bastante difundida essa necessidade. Quando não cedida, o atraso do surdo é visível, e com a força da cultura surda nos dias atuais, a ausência desse profissional não é tão recorrente, pois os surdos se tornam ativos na justiça, nas mídias e apelos sociais.

Nas escolas em que os surdos estão matriculados, várias são as medidas para um aprendizado mais eficaz tanto em Libras quanto em língua portuguesa. Dentre estes, há momentos de atendimento educacional especializado (AEE) em Libras, nas salas de recursos, e também momentos de AEE para o aprendizado do português, além de adentrar as demais línguas quando for o caso. Embora a conjuntura educacional dos surdos seja peculiar, principalmente no domínio da língua portuguesa, àqueles que possuem um grau moderado de conhecimento bilíngue Libras-português fazem o bom uso de obras lexicográficas. Assim, quando o assunto é nutrição, para entender a terminologia os surdos precisam compreender o português escrito para poderem ler os glossários, dicionários ou livros didáticos. Muitos surdos ingressam nas universidades, em mestrados e doutorados devido ao forte domínio do bilinguismo e ao esforço contínuo no aprendizado.

A aquisição da leitura e da escrita é enfatizada no processo de L2 para pessoas surdas porque atende à necessidade do aluno de forma mais autêntica perante a sua própria comunidade e a sociedade de forma geral. Essa razão é observada pelos próprios surdos. O registro apresenta um valor social muito grande e para a pessoa surda o valor é ainda maior, pois a leitura e a escrita são as possibilidades de ter acesso às informações de forma independente em uma sociedade onde ela faz parte de uma comunidade diferente. (QUADROS, 1997, p. 116).

A partir da Lei nº 10.436/02, e da promulgação do Decreto nº 5626.05, os surdos passaram a ter o direito de usar a língua de sinais como sua língua natural, fazendo uso de toda liberdade comunicativa para expressar seus sentimentos, ideais e opiniões. Como está expresso no Capítulo I – Das Disposições Preliminares, no Artigo 2º é considerada como pessoa surda aquele que: “por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por

meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.” Com o reconhecimento da Libras enquanto língua, os surdos conquistaram igualdade nos serviços públicos, acessibilidade nas diversas áreas, e o direito a educação bilíngue. A Libras deve ser incluída como disciplina curricular obrigatória na formação de professores para o exercício do magistério, em todos os cursos de licenciatura, nos cursos de fonoaudiologia e; constituir-se-á como disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e profissional, com base no capítulo II, Artigo 3º. No que diz respeito ao instrutor de Libras, o Artigo 4º informa que as pessoas surdas terão prioridades para lecionar a língua de sinais, e dá outras providências. Brasil (2005).

Com o crescente acesso dos estudantes surdos nas universidades, a Libras tem expandido seu léxico, pois muitos são os sinais criados para denominar os termos em diversas áreas do conhecimento. Os TILS têm trabalhado em parcerias com surdos para tentarem sanar as dificuldades lexicais nos cursos superiores, muitos organizam glossários para compilar os sinais-termo mais utilizados num curso superior, como nome de autores, principais obras, termos de especialidade, etc. Geralmente, estes termos são selecionados pelos TILS que atuam nos mesmos cursos superiores, e perceberam que há uma gama de repetições. Os termos são repassados para professores surdos que identificam a existência ou não de um sinal. Caso existente, os TILS e professores surdos organizam um glossário de sinais-termo, filmam os sinais e arquivam na biblioteca da universidade, para que os alunos surdos que ingressarem no curso possam ter acesso antecipado ao material. Este método tem sido utilizado nas universidades públicas do Brasil, e auxilia muito o TILS, pois o sinal utilizado não causará incômodo no aluno surdo.

2.2 Aspectos fonológicos: os parâmetros de Libras

As línguas de sinais não são nem intrinsecamente concretas, nem primitivas, nem limitadas. De fato nenhuma língua natural o é; pelo contrário, todas têm a potencialidade de expressar o conjunto de significados do mundo interior e exterior de seus usuários. (SKLIAR, 1997, p.91).

A Libras apresenta um conjunto de características próprias de uma língua genuína em relação à sua estrutura gramatical, e embora ela tenha tido origem na Língua de Sinais Francesa, hoje muito se difere da mesma. As línguas de sinais, não são mímicas e tão pouco pantomima (gestos), apenas se inserem em modalidades diferentes das línguas orais, ou seja, são línguas espaço-visuais e não orais-auditivas. São línguas naturais, pois demonstram a necessidade da comunicação e a capacidade de linguagem dos seres humanos, além disso,

“[...] surgiram da mesma forma que as línguas orais – da necessidade específica e natural dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressarem ideias, sentimentos e ações”. (QUADROS, 1997, p.47).

Possuem expressões que diferem de acordo com o regionalismo, apresentando assim, dialetos sociais devido a não universalidade. As comidas típicas são um excelente exemplo a citarmos, pois nas regiões em que determinado alimento é consumido, são criados sinais para estes, mas quando desconhecidos em outras regiões, são desconhecidos também os sinais. Muitos sinais são também modificados com o passar do tempo, conforme se modificam os costumes de determinada comunidade, fazendo com que alguns, caiam em desuso. Para Honora e Frizanco (2010, p.15): “As variações demonstram um modo de agir e pensar em determinado grupo social ou período histórico, e também ajudam a conhecer mais sobre os sujeitos que utilizam esta língua [...]”.

Muitas vezes, aos olhos dos não usuários da Libras, a sua modalidade viso-gestual, transmite um conceito icônico aos sinais, tornando-os mais imagéticos. No entanto, a maioria dos sinais foi criada sem manter qualquer semelhança com seu referente, sendo motivados pela criação arbitrária. Igualmente ocorre também, no aprendizado da Libras, que não se dá somente pela experiência direta com a realidade, mas que se torna possível igualmente, através da linguagem abstrata. “Podemos aprender a partir da advertência verbal de nossos pais que a corrente elétrica existe e provoca choques, sem precisar tocar nela. Terá o surdo que tomar choque para aprender sobre a corrente elétrica?” (BOTELHO, 2005, p. 59).

Quadros (2004, p.34) fornece em sua obra *Língua de Sinais Brasileira, estudos linguísticos*, alguns mitos sobre as LS. Dentre eles, e outros aqui acima citados, o de que “Haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais, que seria derivada das línguas de sinais, sendo um pidgin sem estrutura própria, subordinado e inferior às línguas orais”. Para desmitificar tal questão, a autora afirma que, embora existam sistemas de comunicação criados para fins pedagógicos, em que a estrutura das línguas de sinais, é colocada a favor da língua falada, não há relação da criação das línguas de sinais com base nas línguas orais. Não há então, a possibilidade das línguas de sinais serem inferiores às línguas orais, ou de não possuírem uma estrutura gramatical própria.

Além disso, no que se refere à organização gramatical, há um equívoco da dependência de significado das línguas de sinais em relação à estrutura das línguas orais pelo fato de que é possível – mas inconveniente e não-natural – modelar a estrutura das línguas de sinais na sintaxe e morfologia das línguas orais. Um dos problemas é que os sinais, quando considerados em sequência ou em contexto, não correspondem necessariamente ao sentido literal das palavras das línguas orais. (BATISSON, 1978, apud QUADROS, 2004, p. 34).

Tratando-se especificamente da gramática que compõe a Libras, esta possui também em sua complexidade, características fonológicas, morfológicas e semânticas. Em caráter fonológico, Quadros (2004, p. 81) define que “a fonética e a fonologia das línguas de sinais são áreas da linguística que estudam as unidades mínimas dos sinais que não apresentam significado isoladamente”, ou seja, estudam justamente as unidades propostas pelo pesquisador William Stokoe (1919-2000), na década de 60, chamadas de *parâmetros das línguas de sinais*, e que serão descritos com mais detalhes no item a seguir. Com o passar do tempo, foram acrescentadas mais duas unidades mínimas (fonemas) na Libras, a saber soma-se: configuração de mão (CM), o ponto de articulação (PA), o movimento (MO) orientação da palma da mão (O) e expressões não-manuais (ENM) que englobam as expressões faciais e as expressões corporais.

Em caráter morfológico, Quadros (2004, p.86) caracteriza como “o estudo da estrutura interna das palavras ou dos sinais, assim como das regras que determinam a formação das palavras. A palavra morfema deriva do grego *morphé* que significa forma”. Assim como nas línguas orais, os morfemas livres constituem as palavras ou apenas partes dela, que são chamados de morfemas presos, constituídos por sufixos e prefixos, e em Libras o léxico conta com um sistema de criação de novos sinais em que os significados (morfemas) são combinados.

2.2.1 O parâmetro configuração de mão (CM)

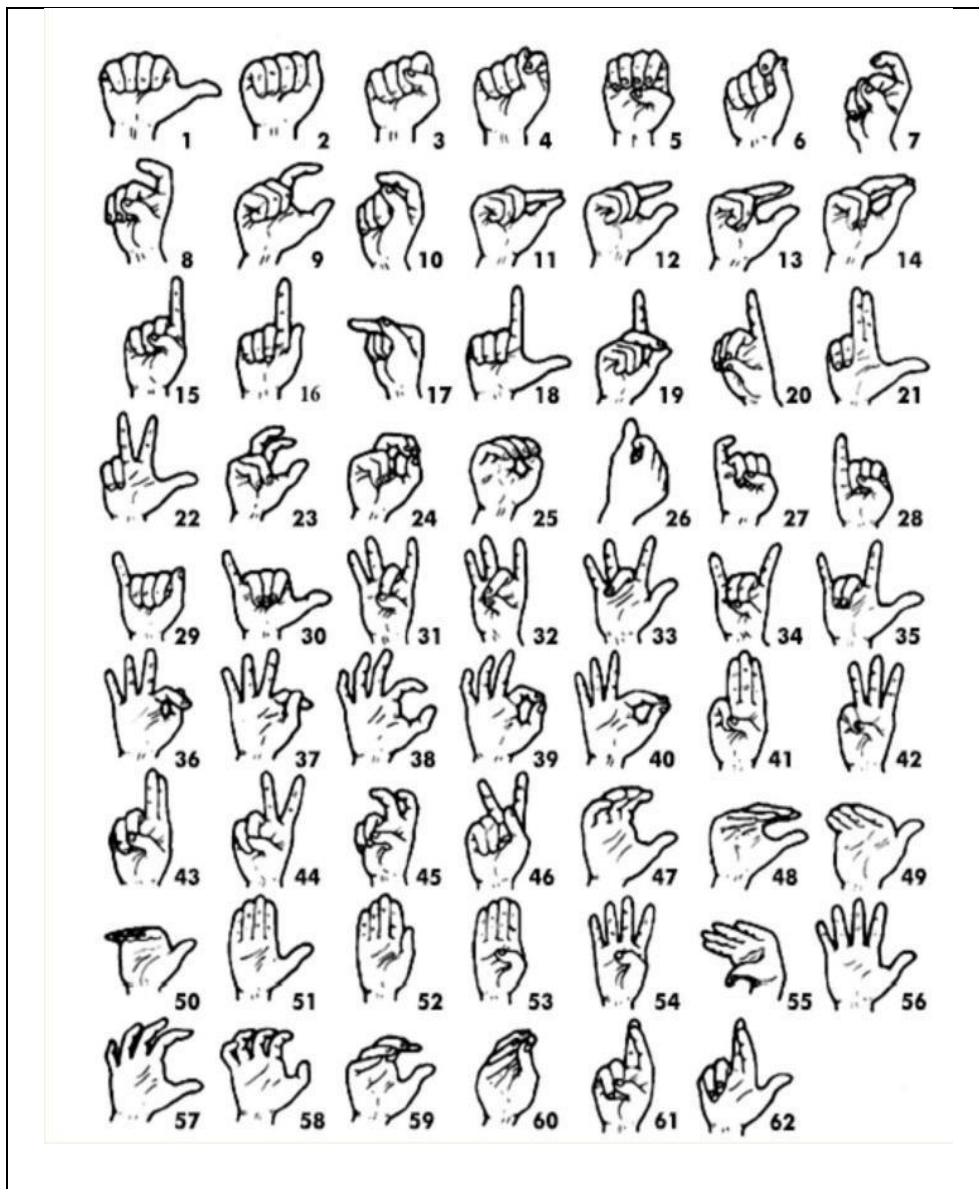
Em torno de 1955 a 1970, enquanto trabalhava na Universidade de Gallaudet, Stokoe (1919-2000) pesquisou a Língua Gestual Americana, resultando em prestígio ao para as línguas de sinais, e ainda nesta época, publicou a obra *Estrutura da Língua Gestual* e foi coautor de um *Dicionário de Língua Gestual Americana*. Este trabalho teve fundamental importância, afinal ele propôs um esquema linguístico estrutural para analisar a formação dos sinais. Como um marco histórico, revelou que a ASL (American Sign Language) tinha valor linguístico semelhante às línguas orais, sendo capaz de expor conceitos concretos e abstratos, atingindo sua completude enquanto língua. Veloso e Maia (2009).

Stokoe observou que os sinais não eram imagens, mas símbolos abstratos complexos, com uma complexa estrutura interior. Ele foi o primeiro, portanto, a procurar uma estrutura, analisar os sinais, dissecá-los e a pesquisar por suas partes constituintes. Comprovou, inicialmente, que cada sinal apresentava pelo menos três

partes independentes (em analogia com os fonemas da fala) – a localização, a configuração de mãos e o movimento – e que cada parte possuía um número limitado de combinações. (QUADROS, 2004, p. 30)

Mas antes disso, de acordo com Veloso e Maia (2009), a primeira tabela de CMs foi trazida para o Brasil pelo surdo Eduard Huet (1822-1882), um professor francês com mestrado em Paris, que chegou com a intenção de criar uma escola para pessoas surdas. A princípio a tabela continha 46 configurações que eram utilizadas na França, através da ASF (Língua de Sinais Francesa). Em seguida, ele partiu devido a problemas pessoais e começou a lecionar para surdos no México, seus sucessores fizeram algumas alterações nas configurações de mãos, o que resultou nas 62 configurações atualmente conhecidas:

Figura 39 - CMs.

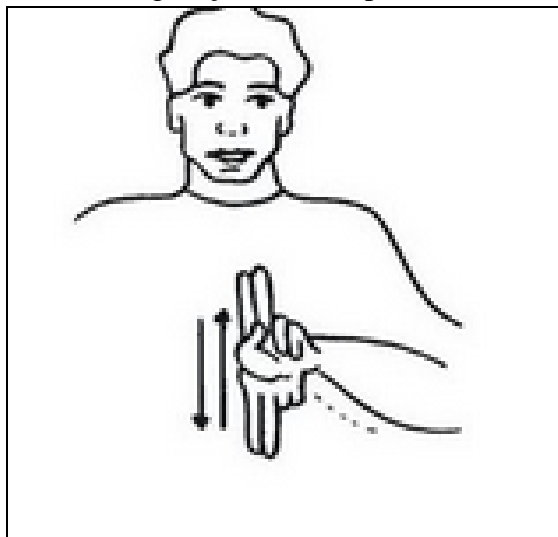


Fonte: <http://3.bp.blogspot.com/-irsT26Lmeww/VknrDDSrEZI/AAAAAAAAAHUo/ZF-duPdMUyI/s1600/co4.jpg>. Acesso em 02/05/2017.

Através do parâmetro configuração de mão (CM), é possível fazermos uso da datilologia, para exemplificar nomes de sujeitos, locais, e outros termos que não contam com um sinal específico; e ainda para auxiliar na intercomunicação entre duas línguas diferentes, pois através da datilologia pode se trazer a explicação de um sinal a um ouvinte ou a explicação de uma palavra em português para um surdo. A datilologia reflete diretamente o português e o bilinguismo dos surdos afinal, assim como a ortografia, ela precisa ser aprendida e treinada, e os surdos que não dominam o português escrito não a utilizam. Mas existem alguns sinais que são basicamente a soletração, como por exemplo, o sinal de “OI”, que é constituído pelo “O” e respectivamente pela letra “I”, ou ainda, a palavra “NUNCA”, no qual o sinal é feito pela datilologia de cada letra: N.U.N.C.A.

O alfabeto manual não é apenas um “mecanismo” alternativo utilizado quando não se tem sinal correspondente na tradução de uma linguagem oral para uma língua de sinais. Tanto quanto as expressões faciais, esse alfabeto faz parte da língua de sinais. Mesmo que no seu início ele tenha tido a função de substituir a fala, aos poucos ele foi sendo constituído parte da língua. Alguns sinais são realizados com a digitação de algumas letras do alfabeto, como o sinal de azul (este constitui-se no sinal do alfabeto digital da letra “a” e da letra “l”). (SANTANA, 2007, p.96).

Figura 40 - Configuração de Mão para o termo NUNCA.



Fonte: <http://librasestudossurdos.blogspot.com.br/2011/04/qual-diferenca-entre-alfabeto-manual-e.html>. Acesso em 20/03/2017.

Figura 41 - Configuração de mãos: alfabeto manual brasileiro.



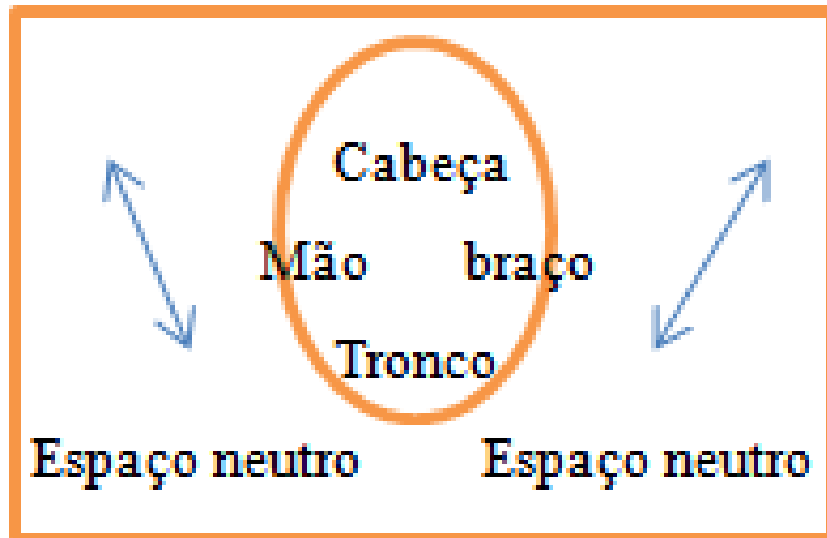
Fonte: <http://librasestudossurdos.blogspot.com.br/2011/04/qual-diferenca-entre-alfabeto-manual-e.html>. Acesso em 20/03/2017.

2.2.2 O parâmetro ponto de articulação (PA).

O ponto de articulação (PA) é basicamente o local no qual são realizados os sinais. Também conhecido como locação (*LO*), e sendo o espaço de enunciação, “[...] é uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados” (QUADROS, 2004, p. 57). Dentro desse espaço, que é considerado o ideal, o ponto de articulação de um sinal pode ser na cabeça: topo da cabeça, na testa, orelha, nariz, boca, bochecha, queixo, orelha e etc. No tórax, envolvendo pescoço, ombro, busto, barriga, braços, antebraço, cotovelo, e etc. Pode ser na mão, especificamente na palma, costas das mãos, lado do indicador, dedos, ponta de dedos, e etc. Há sinais que são feitos no espaço neutro, ou seja, não tocam nenhuma área do corpo em sua execução.

Figura 42 - Espaço de sinalização do PA.

Espaço de sinalização



Fonte: Arquivo pessoal/elaboração própria.

O PA é um parâmetro que diferencia muitas vezes, um sinal que possua todos os outros parâmetros iguais. Os sinais das palavras “aprender” e “laranja”, por exemplo, se diferenciam apenas pelo ponto de articulação, pois possuem mesma CM que é correspondente à letra “C” seguida da letra “S”, mesmo movimento e mesma expressão corporal/facial, conforme ilustração abaixo:

Figura 43 - Sinal do termo APRENDER.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 44 - Sinal do termo LARANJA.



Fonte: Arquivo Pessoal.

3.3.1 O parâmetro movimento (MO)

O deslocamento da(s) mão(s) para execução dos sinais no espaço configura o parâmetro movimento (MO). Alguns sinais podem ter algum movimento ou simplesmente, podem ser estáticos. Os movimentos podem ser diversos: para frente/para trás, para baixo/para cima, para dentro/para fora, aproximar/afastar, fechar e abrir, girar os pulsos, circular, retilíneo, tremular a mão, para os lados opostos, esfregar uma parte do corpo, zigue-zague, etc. Os movimentos ainda, podem se inserir apenas nas expressões faciais como determinantes de um sinal: inflar bochechas, tremer lábios, erguer/contrair as sobrancelhas, sugar as bochechas, cerrar os dentes, entre muitos outros. Eles podem ser definidos por tipo, direcionalidade, maneira e frequência.

Quadros (2004, p.54) esclarece que variações do movimento além de poderem estar relacionadas com a direcionalidade do verbo, como é o caso do verbo OLHAR, alguns movimentos podem indicar também, “variações com relação ao tempo dos verbos, por exemplo, na ASL, o significado do verbo FICAR EM PÉ torna-se FICAR EM PÉ POR MUITO TEMPO, caso se adicione um movimento circular a esse sinal [...]”.

Os sinais das palavras SORRIR e CHORAR são exemplos em que há MO, e com base nas categorias expostas por Ferreira-Brito (1990), exemplifica-se da seguinte maneira:

Quadro 1 - Adaptação das categorias do MO propostos por Brito (1990).

SORRIR	
TIPO	Torcedura do pulso: rotação.
DIRECIONALIDADE	Bidirecional: para dentro e para fora.
MANEIRA	Qualidade, tensão e velocidade: contínuo.
FREQUÊNCIA	Repetição: repetido

Fonte: Arquivo pessoal/elaboração própria.

Figura 45 - Sinal do termo SORRIR.



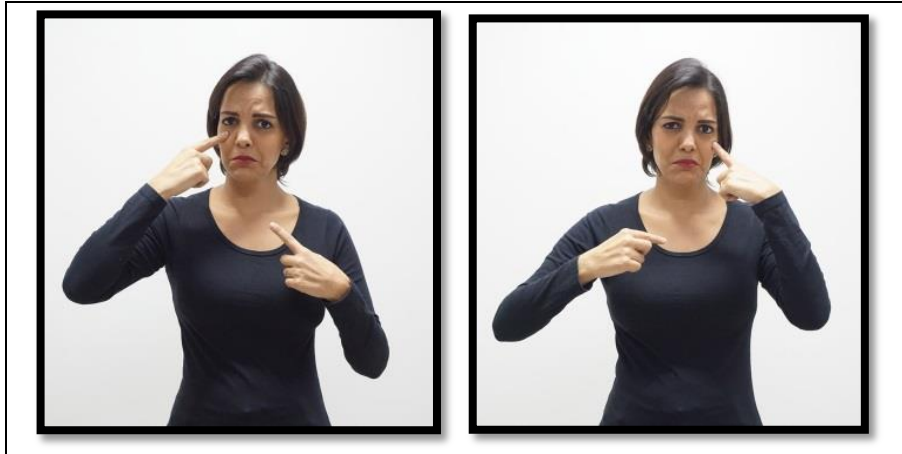
Fonte: Arquivo Pessoal

Quadro 2- Adaptação das categorias do MO propostos por Brito (1990).

CHORAR	
TIPO	Contato: de deslizamento.
DIRECIONALIDADE	Bidirecional: para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda.
MANEIRA	Qualidade, tensão e velocidade: contínuo.
FREQUÊNCIA	Repetição: simples

Fonte: Arquivo pessoal/elaboração própria.

Figura 46 - Sinal do termo CHORAR.



Fonte: Arquivo Pessoal

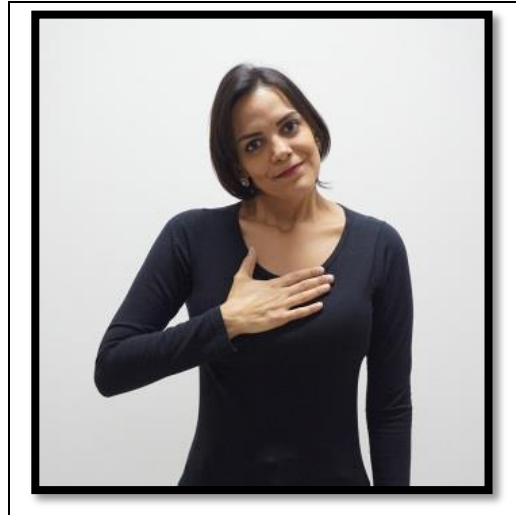
Já os sinais das palavras DESCULPAR e GOSTAR, são estáticos não contendo o MO em sua composição:

Figura 47 - Sinal do termo DESCULPAR.



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 48 - Sinal do termo GOSTAR.



Fonte: Arquivo Pessoal

2.2.3 O parâmetro orientação (O)

A orientação (O), ou ainda declarada também de direcionalidade, é a direção em que as palmas das mãos estão voltadas. Para Ferreira-Brito (1995), há seis tipos de O da palma das mãos em Libras, sendo: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, e para a direita ou esquerda. O exemplo a seguir, altera o significado com base na orientação da palma, ou seja, ajudar alguém e ser ajudado:

Figura 49 - Sinal da expressão AJUDAR VOCÊ(S).



Fonte: Arquivo Pessoal

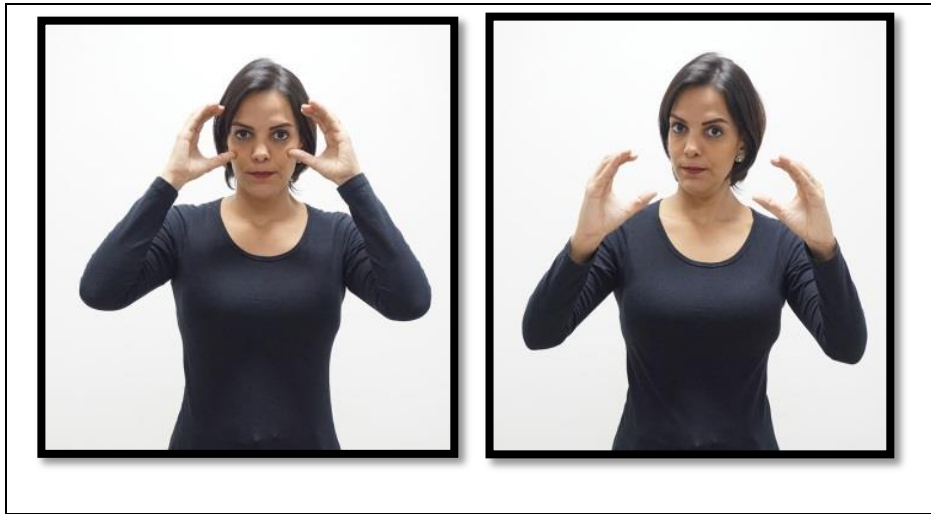
Figura 50 - Sinal da expressão ME AJUDAR.



Fonte: Arquivo Pessoal

Todavia, nem todos os sinais ao ter a direcionalidade da palma contrária, significam significados opostos, como no exemplo acima citado. O sinal de OBEDECER, por exemplo, nada tem relação com o sinal de DESOBEDECER, pois possuem além de parâmetros totalmente diferentes, posição discrepante na palma das mãos. Vejamos:

Figura 51 - Sinal da expressão OBEDECER alguém ou algo.



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 52 - Sinal da expressão OBEDECER a mim.



Fonte: Arquivo Pessoal

2.2.4 O parâmetro expressões não manuais (ENM)

Os sinais precisam de um complemento facial e também corporal para sua completa realização e compreensão, o que se denomina expressões não-manuais (ENM). De acordo com a cultura surda, não se torna coerente, por exemplo, fazer o sinal de *triste* com um largo sorriso no rosto, e tão pouco vice e versa. Muitas vezes, a diferença entre o significado de um sinal é exercida apenas com a intensidade do fator ENM, como no caso da palavra BELO para BELÍSSIMO, o que se altera aqui, são somente as expressões não manuais. As ENM diferenciam também significados de termos diferentes, mas que são realizados com iguais

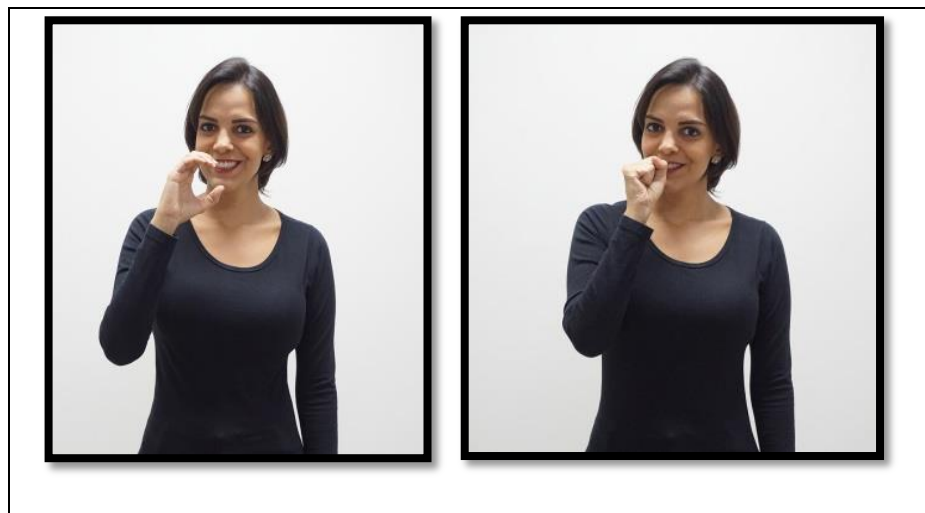
parâmetros, como os sinais do termo LARANJA, que já visualizamos anteriormente, e dos termos LIMÃO e SÁBADO demonstrados a seguir:

Figura 53 - Sinal do termo LIMÃO.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 54 - Sinal do termo SÁBADO.



Fonte: Arquivo pessoal

O parâmetro ENM, além de dar intensidade em alguns sinais, marca também, o grau aumentativo e diminutivo. Além disso, de acordo com Quadros (2004, p. 60) as expressões não manuais exercem duas funções nas línguas de sinais, sendo a primeira caracterizada por: “[...] marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais. As expressões não-manuais que têm função sintática marcam sentenças interrogativas sim-não, interrogativas QU-, orações relativas, topicalizações, concordância e foco [...]” e no caso das ENM que constituem componentes lexicais, “[...] marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio, grau ou aspecto [...]].

Quanto à morfologia de Libras, cabe o estudo da estrutura interna das palavras/sinais. Quadros (2004) esclarece que o nível morfológico da língua se forma através das unidades mínimas com significado, que são chamados de morfemas, e que as palavras são criadas pela derivação, composição e flexão. A autora exemplifica, no caso da língua portuguesa, a derivação trata da prefixação, como por exemplo, “infeliz” (in feliz). Na composição “guarda-sol” (guarda sol), e na flexão o “amando” (amar).

Os sinais podem ser criados com base em um sinal que já existe, mas que por vezes, designam uma classe gramatical diferente. Na derivação, tomemos por base o sinal de “ouvinte”, termo que empregado na língua de sinais designa uma pessoa que não é surda, e é feito sem movimento reduplicado. A reduplicação do movimento caracteriza o sinal-termo para o verbo “ouvir”.

Na composição, os sinais criados com base em sinais já existentes, e a junção de dois morfemas livres com significados independentes podem resultar em um novo sinal-termo, como por exemplo, o sinal da palavra “igreja”. A junção do sinal de “casa” já preexistente, com o sinal de “cruz”, forma através da composição, um novo item lexical.

Quanto à flexão das línguas de sinais, é possível compreendê-la com base em oito pontos diferentes, e Quadros (2004), exemplifica estes sendo: 1 - por pessoa (deixis); 2- por número, podendo ser singular, múltiplo, dual; 3 - por grau, com distinção entre menor, maior, mais próximo e etc; 4 - por modo, com distinção entre os graus de facilidade e dificuldade; 5 - por reciprocidade, indicando a relação ou ação mútua; 6 - por foco temporal, mostrando aspectos temporais como aumento, progresso, consequência; 7 - por aspecto temporal indicando distinções de tempo, se regular, frequente, incessante, e outros; 8 - por aspecto distributivo, com distinções como ‘cada’, ‘para todos’, e etc.

2.3 Termos de especialidades na educação de surdos: a nutrição sob a perspectiva de uma constante necessidade.

A Libras é ainda uma língua que enfrenta muitas barreiras no que se refere a áreas técnicas, seja por ausência de sinais-termo ou pela falta de padronização e divulgação dos já existentes. Embora muitos termos da nutrição se insiram na linguagem comum, há muitos termos que ressaltam sua especificidade permeando a linguagem de especialidades, e quando estes são citados em língua de sinais, uma das dificuldades no ensino e também na tradução, é a assimilação dos termos científicos que compõem a temática. Dada à importância da nutrição

para uma boa qualidade de vida e de gozo à plena saúde, é cabível que os surdos estejam atualizados com este meio como qualquer outro cidadão, e é justamente na tentativa de contribuir com a informatização, inserindo sinais-termo de nutrição, que este modelo de glossário se insere.

De acordo com o artigo 25 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), toda pessoa tem como direito uma alimentação adequada (ONU, 1948), além de ter conhecimento da representatividade benéfica e maléfica dos alimentos para o corpo. Sabemos que para mantermos normais nossas funções fisiológicas, é preciso ingerir uma diversidade de nutrientes essenciais, tais como: proteínas, carboidratos, fibras, vitaminas, cálcio, ferro, entre tantos outros. Ainda em 1847, Gerardus Johannis Mulder (1802-1880), professor de Química em Utrecht na Holanda, que descobriu as proteínas dos alimentos, analisando substâncias que nomeou como “albuminosas”, já levantava uma importante reflexão, que é pertinente até os dias atuais: “Haverá uma questão mais importante a ser discutida que a nutrição da raça humana?”. Foi ele quem estabeleceu os primeiros padrões mínimos sobre o suprimento alimentar, que seria até então, compatível para que o ser humano exibisse uma excelente saúde, fazendo então, algumas recomendações específicas: “[...] os operários deveriam ingerir 100g de proteína por dia; o que executavam um trabalho de rotina, cerca de 60g. Prescreveu 500g de carboidratos na forma de amido e incluiu “alguma” gordura, sem especificar a quantidade”. (MCARDLE; KATCH, 2010, p. 79).

Muitos pesquisadores tais como, Todhunter (1965), Vasconcelos (1988), Ypiranga (1981), e outros de igual relevância, afirmam que a nutrição afeta diretamente no exercício físico e no rendimento diário de afazeres do ser humano, e desde os primeiros estudos, já havia preocupação com o índice de obesidade dada à alimentação que prometia ser cada vez mais industrializada e baixa em nutrientes. Estes pesquisadores perceberam também, que a nutrição e a fisiologia do exercício compartilham um elo natural, e que uma nutrição correta e apropriada proporciona elementos essenciais para reparar as células existentes e sintetizar novos tecidos no corpo humano, além de tudo, uma alimentação balanceada proporciona combustível para uma vida saudável, o que conclui que a nutrição é a base para o desenvolvimento humano.

Um estilo de vida mais saudável é assunto pautável em pleno século XXI, não devendo estar ausentes desse conhecimento os surdos, para tal, é pertinente que eles conheçam as terminologias que compõem os alimentos, como por exemplo, as preocupações

com relação aos ácidos graxos *trans*, ou a tão ressaltada em mídias e rótulos de produtos: gorduras *trans*.

Os **ácidos graxos *trans*** derivam da hidrogenação parcial do óleo insaturado de milho, soja ou girassol. Um ácido graxo *trans* é formado quando um dos átomos de hidrogênio ao longo da cadeia de carbono reestruturada desloca-se de sua posição de ocorrência natural (posição *cis*) para o lado oposto da dupla ligação que separa 2 átomos de carbono (posição *trans*). As fontes mais ricas de gordura *trans* incluem as gorduras vegetais, algumas margarinas, torradas, bombons, biscoitos, alimentos para lanches, alimentos fritos, produtos defumados, temperos para saladas e outros alimentos processados feitos com óleos vegetais parcialmente hidrogenados. (MCARDLE; KATCH, 2010, p. 160).

O conhecimento é a base para que não se cometam erros com o próprio corpo e nem com a saúde, como por exemplo, manter uma dieta rica em produtos industrializados, o que aparentemente nas mídias (sem legenda ou TILS) indicam serem alimentos que suprem as necessidades vitamínicas, mas não indicam a quantidade prejudicial de gordura *trans*. E claro, há muitos outros alimentos que se consumidos diariamente, ou em excesso são prejudiciais à saúde, sendo a gordura *trans*, apenas um exemplo a refletir. Os surdos, assim como ouvintes que não são especialistas em nutrição não são obrigados a estarem atentos a todos estes detalhes, porém, é necessário saber o que fazer para ter uma vida mais saudável. Saber por exemplo, que o consumo de ômega-3, encontrados principalmente nos óleos de peixes e mariscos, ao menos duas vezes na semana, diminui o risco de doença cardíaca e taxa de mortalidade, além da probabilidade de contrair doença de Alzheimer e doenças inflamatórias.

Porém, não objetivamos aqui, detalhar a nutrição em seus aspectos e efeitos no corpo humano, e conseqüente em sua saúde, mas sim trazer a reflexão da importância da terminologia e dos sinais-termo para os usuários da língua de sinais. No ensino médio, em uma aula de Biologia, por exemplo, os surdos dependem, além dos TILS, dos livros didáticos de línguas orais que contenham ilustrações para compreenderem melhor sobre a nutrição e sua função no corpo humano. Já os TILS dependem do auxílio didático dos professores para que possam transmitir com clareza o significado das diversas terminologias. Marinho (2007, p.49) afirma que “Durante a interpretação é possível usar sinônimos para explicar uma palavra desconhecida no português, prescindindo da definição”, e cita como exemplo a definição analítica do sinal de “mar” para o termo “oceano” que seria hipoteticamente desconhecido pelo aluno surdo. No entanto, acreditamos que o vocabulário do surdo deve enriquecer significativamente, e não ser estagnado às possíveis adaptações.

Essa questão do conhecimento de sinais em áreas científicas, também está diretamente ligada ao que diz respeito à formação acadêmica dos surdos, pois geralmente eles escolhem

como curso superior o curso de Letras/Libras disponibilizado em diversas universidades, porque neste curso sempre há um ou mais profissionais TILS que revezam durante o momento da interpretação e já possui uma compilação de inúmeros sinais-termo. Outros surdos que optam por cursos mais específicos, tais como, nutrição, matemática, engenharia, pedagogia, enfrentam batalhas diárias e muitas vezes jurídicas, para ter ou manter um TILS, e quando o tem, este é único e não há revezamento durante a atuação, fator que interfere diretamente na qualidade da sua atuação. Nesses cursos de áreas mais específicas, entram aqueles “sinais combinados” ditos anteriormente, para sanar a ausência de sinais de uma terminologia específica. Na área da nutrição, não se tratando apenas do curso superior, mas no sentido alimentício e de qualidade de vida, há uma gama de sinais já existentes e que são utilizados com frequência, bastando apenas, uma consolidação em sua divulgação, ao qual se insere esta iniciativa aqui proposta.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA EMPREGADA GLOSSÁRIO BILÍNGUE DE NUTRIÇÃO: LIBRAS/PORTUGUÊS

Neste capítulo apresentaremos a metodologia desenvolvida durante o processo de criação deste modelo de glossário. A natureza metodológica se caracteriza como quantitativa visto que foram feitos levantamento de dados (corpus) com uso de dados estatísticos exemplificados em gráficos e tabelas. É uma pesquisa exploratória e de operacionalidade participante, ou seja, em que o pesquisador de acordo com Nicolau (2013), possui contato direto com o fenômeno observado.

Trataremos das etapas na escolha dos termos e na compilação deste corpus que contou com a participação de uma equipe composta por surdos, TILS e nutricionistas. Será exposto passo a passo da escolha de uma definição para os termos, e das dificuldades encontradas por se tratar do uso de um repertório lexicográfico na área da nutrição. Relataremos também, como se deu a filmagem dos sinais-termo e a inserção do material por meio da estruturação numa plataforma que permite o acesso de modo virtual.

Este material é destinado a tradutores e intérpretes de língua de sinais que atuam ou se deparam com termos de especialidade em nutrição. Destina-se também, as pessoas surdas e aos surdos bilíngues que cursam alguma faculdade ou curso de formação na área nutricional. E ainda, àqueles que no geral, se interessam pela temática.

3.1 Procedimentos metodológicos para criação do glossário

O fato de estarmos imersos na comunidade surda e atuarmos como TILS, nos permitiu uma avaliação intensa dos sinais-termo escolhidos, no entanto, contamos também com a participação de uma equipe que auxiliou na escolha dos sinais-termo. A equipe foi constituída por três (03) TILS, seis (06) surdos e duas (02) profissionais nutricionistas. Dos TILS, um (01) atua no curso de Letras/Libras na cidade de Goiânia-Goiás, um (01) atua em Porto Nacional - TO, e uma (01) atua na Universidade de Brasília-DF. Dos surdos, três (03) são graduandos do curso de Letras/Libras na cidade de Goiânia, uma (01) surda é graduanda no curso de Nutrição na cidade de Araguaína – Tocantins, um (01) surdo é graduando no curso de Educação Física na cidade de Itabirito – Minas Gerais, e uma (01) surda é graduada em Educação Física na cidade de Goiânia. As nutricionistas atuam na cidade de Goiânia-Goiás, e contribuíram com a definição dos termos através de sugestões de dicionários específicos em nutrição, e também na criação frasal dos exemplos de uso.

A saber, intencionamos que os surdos e TILS da equipe fossem propositalmente de diversos estados no Brasil, afinal pretendíamos avaliar o uso expandido dos sinais-termo na comunidade sinalizante a nível nacional. No entanto, não conseguimos obter um número de representantes para todos os estados na composição da equipe. Os encontros aconteciam via Skype, e via aplicativo de celular, pois ambos permitiam a visualização e comunicação em Libras, e em horários combinados discutíamos o real uso de alguns sinais entre outros tópicos. Os encontros duraram dois meses, com reuniões periódicas. Utilizamos também como via de informação sobre o uso dos sinais, alguns grupos contidos num aplicativo de celular, esse grupos são compostos por TILS e surdos dos diferentes estados.

Para estruturar o glossário, adotamos algumas etapas:

1. Seleção de termos na área da nutrição obtidos pela equipe;
2. Extração de Corpus: busca por sinais para os termos;
3. Compilação dos sinais-termo;
4. Busca de definição em LP para os sinais-termo, em dicionários de especialidade;
5. Escolha de um exemplo de uso para os sinais-termo em LP;
6. Escrita dos sinais-termo em ELiS;
7. Organização dos sinais-termo em fichas terminológicas na LP;
8. Filmagem da apresentação inicial, dos sinais-termo e exemplos de uso;

3.2 Etapas desenvolvidas para a organização dos dados

3.2.1 Seleção de termos na área da nutrição

Por meio de leituras sobre termos mais utilizados na área da nutrição, pela conversação com a equipe composta para auxílio do GLOSSNUTRI e também, via aplicativo de celular que permitiam a comunicação com outros usuários de Libras, obtivemos inicialmente 43 termos que correspondiam com a área da nutrição.

Tabela 1 - Coleta de dados inicial – termos na área nutricional.

Nº	ÍNDICE ALFABÉTICO	TERMO
1.	A	AÇÚCARES
2.		ALIMENTO INTEGRAL
3.		ALIMENTO LIGTH
4.	B	BACTÉRIA
5.	C	CARBOIDRATO
6.		COLESTEROL
7.	D	DESIDRATAÇÃO
8.		DESNUTRIÇÃO
9.		DIABETES
10.		DIGESTÃO
11.		DISTÚRBIOS NUTRICIONAIS
	E	
12.	F	FIBRA
13.		FITNESS
14.	G	GORDURA TRANS
15.		GORDURA 1
16.		GORDURA 2
17.	H	HORMONIO
18.	I	INSULINA
19.		ISOTÔNICO
	J	
	K	
20.	L	LACTOSE
21.		LIPÍDEOS
22.	M	METABOLISMO
23.		MACRONUTRIENTES
24.		MICRONUTRIENTES
25.		MÚSCULO
26.		N
27.	NUTRIÇÃO	
28.	NUTRICIONISTA	
29.	NUTRIENTE	
30.	O	OBESIDADE
31.		ORGANISMO
32.	P	PESTICIDA
33.		PRODUTO DIETÉTICO
34.		PROTEÍNA
35.	Q	QUEBRA DE ALIMENTOS
36.	R	RAÍZES
37.	S	SOBREPESO
38.		SUBSTÂNCIA
39.	T	TEIA ALIMENTAR
40.	U	URINA
41.	V	VITAMINAS
	X	
42.	W	WHEY PROTEIN
	Y	
43.	Z	ZINCO

Fonte: Arquivo pessoal/elaboração própria.

3.2.2 Extração do Corpus: busca de sinais para os termos

Vários são os glossários de Libras que compreendem diferentes áreas do conhecimento, no entanto, frisamos que até o presente momento de execução deste trabalho, não tivemos conhecimento de um material específico com sinais-termo na área da nutrição. Visto que não trabalhamos com a criação de sinais, para compor este glossário, buscamos sinais-termo que são da área nutricional, mas que se encontravam em glossários temáticos destinados a outras áreas. Muitos foram encontrados em glossários de biologia, e o principal utilizado aqui, foi o *Dicionário de Libras – Biologia*, já citado no item 1.6.2 Repertórios lexicográficos de língua de sinais em andamento.

Eles empenharam-se em dicionarizar os principais termos de biologia presentes em livros didáticos do ensino médio, selecionando os conceitos biológicos utilizados na disciplina, o que resultou em 367 sinais. Estes sinais-termo são bastante utilizados pelos TILS e por surdos, que divulgam o material através da mídia e fazem uso do aplicativo no celular, chamado *Glosslibras*, CARMONA (2016, p.65). O material pode ser encontrado no site: <http://epeem.cp.utfpr.edu.br/>. Pode ser visualizado também, no canal do YouTube do EPEEM – Grupo de Estudos de Pequenas Empresas e Empreendedorismo: https://www.youtube.com/channel/UCP_FCqS6iCIFaHbGaSZ9cKQ/videos.

Outros sinais-termo foram retirados do trabalho intitulado também citado no item 1.5.1 deste trabalho, que é o vocabulário *Vida Saudável: Libras*, que foi uma iniciativa de uma graduanda TILS com uma professora surda, e em parceria com três alunas ouvintes do curso de bacharelado: Formação de Tradutores e Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa da UFG (Universidade Federal de Goiás). A ideia surgiu devido ao fato de que uma dessas alunas atuava como intérprete no ensino médio, e levantou algumas problemáticas diante da ausência de sinais na área da biologia. Os problemas em sua atuação iam desde a repetição da datilologia, até conseguir transmitir com eficácia o significado do termo. Ela percebia que os alunos surdos tinham muita dificuldade em expressar com clareza o que haviam compreendido. Processo diferente ao que acontecia com termos de especialidade que já possuíam sinais, pois os surdos demonstravam estar familiarizados com os mesmos.

A proposta dos quatro sinais criados foi apresentada em novembro do ano de 2014, no 4º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) na cidade de Florianópolis.

Os sinais foram aceitos positivamente pela cultura surda e por TILSP e está em fase de divulgação. É possível acesso ao mesmo através do site do evento: <http://www.congressotils.com.br/anais/2014/2952.pdf>. O material pode ser encontrado também, no canal do YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=0UvgBR--5x8>.

Com base nos termos anteriormente selecionados, procuramos em sites e também por meio de conversas com a comunidade surda e TILS, sobre a existência dos sinais, e chegamos à seguinte conclusão:

Tabela 2 – Sinais existentes para os termos da área nutricional.

Nº	ÍNDICE ALFABÉTICO	SINAL-TERMO	LOCAL DO REGISTRO DE CRIAÇÃO
1.	A	AÇÚCARES	EPEEM
		ALIMENTO INTEGRAL	<i>Sem registros da existência do sinal.</i>
		ALIMENTO LIGTH	<i>Sem registros da existência do sinal.</i>
2.	B	BACTÉRIA	EPEEM
3.	C	CARBOIDRATO	UFG
4.		COLESTEROL	EPEEM
5.	D	DESIDRATAÇÃO	EPEEM
		DESNUTRIÇÃO	<i>Sem registros da existência do sinal.</i>
6.		DIABETES	EPEEM
7.		DIGESTÃO	<i>EPEEM e outros</i>
		DISTÚRBIOS NUTRICIONAIS	<i>Sem registros da existência do sinal.</i>
8.	F	FIBRA	<i>UFG e outros</i>
9.		FITNESS	EPEEM
	G	GORDURA TRANS	<i>Sem registros da existência do sinal.</i>
10.		GORDURA 1	EPEEM
11.		GORDURA 2	EPEEM
12.	H	HORMONIO	<i>EPEEM e outros</i>
13.	I	INSULINA	<i>EPEEM e outros</i>
14.		ISOTÔNICO	EPEEM
15.	L	LACTOSE	EPEEM
		LIPÍDEOS	<i>Sem registros da existência do sinal.</i>
16.	M	METABOLISMO	<i>UFG e outros</i>
		MACRONUTRIENTES	<i>Sem registros da existência do sinal.</i>
		MICRONUTRIENTES	<i>Sem registros da existência do sinal.</i>
		MÚSCULO	<i>Sem registros da existência do sinal.</i>
17.	N	NÉCTAR	EPEEM
18.		NUTRIÇÃO	EPEEM
19.		NUTRICIONISTA	<i>EPEEM e outros</i>
20.		NUTRIENTE	<i>EPEEM e outros</i>
21.	O	OBESIDADE	<i>EPEEM e outros</i>
22.		ORGANISMO	EPEEM
23.	P	PESTICIDA	EPEEM
		PRODUTO DIETÉTICO	<i>Sem registros da existência do sinal.</i>
24.		PROTEÍNA	<i>UFG e outros</i>
25.	Q	QUEBRA DE ALIMENTOS	EPEEM
26.	R	RAÍZES	<i>EPEEM e outros</i>
	S	SOBREPESO	<i>Sem registros da existência do sinal.</i>
27.		SUBSTÂNCIA	<i>EPEEM e outros</i>
28.	T	TEIA ALIMENTAR	<i>EPEEM e outros</i>
29.	U	URINA	EPEEM
30.	V	VITAMINAS	EPEEM
	W	WHEY PROTEIN	<i>Sem registros da existência do sinal.</i>
	Z	ZINCO	<i>Sem registros da existência do sinal.</i>

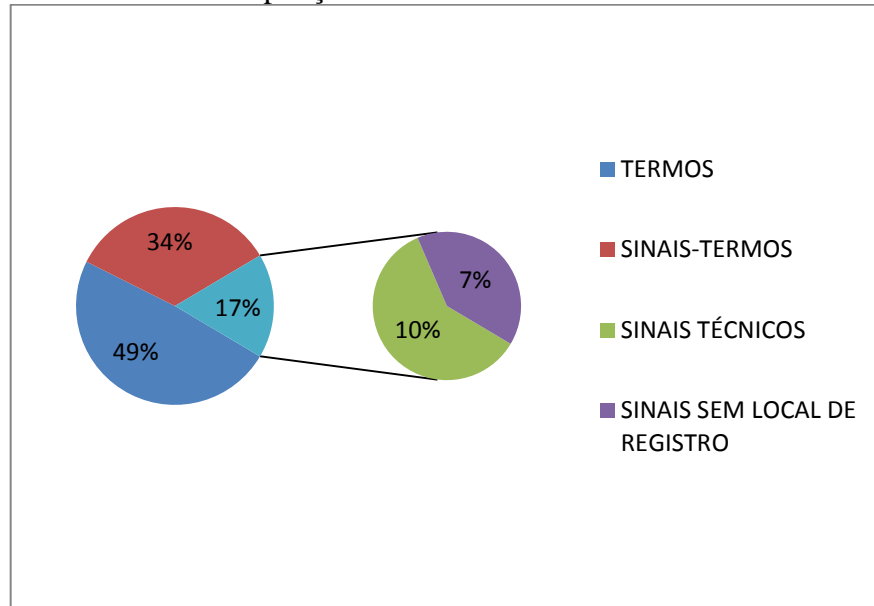
Fonte: Arquivo pessoal/elaboração própria.

3.2.3 Compilação dos sinais-termo

Com posse da existência de registro de sinais para os termos, o processo de compilação teve como referência Bauer (2001), e priorizamos a delimitação por relevância entre os falantes da Libras, com sinais-termo menos técnicos, visto que o público alvo são de usuários da Libras e não especificamente profissionais nutricionistas. Dentro desse contexto, através de pesquisas e reuniões com os componentes da equipe e também pelo contato com a comunidade surda via aplicativo de celulares, foram apresentadas diversas frases em que os sinais eram utilizados. Naturalmente surgiu a conversação informal em que principalmente os surdos, demonstravam quais sinais-termo realmente eram mais relevantes e menos técnico para este primeiro modelo de glossário, ou seja, quais sinais-termo faziam parte do seu vocabulário. Por fim, neste mesmo método de conversação e pesquisa, percebemos que havia dois, ou até mesmo três sinais para um único termo. Assim, em consenso com a equipe e demais participantes surdos, optamos por priorizar àqueles sinais que possuíam um local de registro e criação destes sinais. Esta escolha assegura de certo modo, a validação dos sinais-termo e, além disso, o local de registro é essencial visto a modalidade deste trabalho que é de cunho acadêmico e científico.

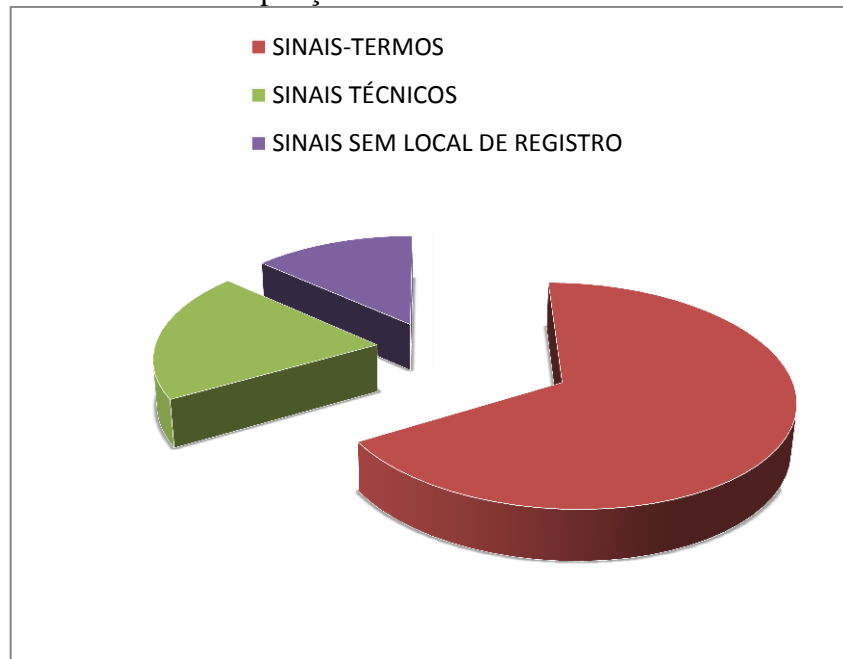
Desse modo, dos quarenta e três (43) termos selecionados inicialmente, treze (13) eram ausentes de sinais, sendo excluídos da pesquisa. Dos trinta (30) sinais-termo restantes, vinte e um (21) eram muito específicos e técnicos na área da nutrição o que não condiz com uma amostragem a princípio. Em resultado, dos nove (9) sinais-termo, três (3) possuíam mais de dois sinais para um único termo e não possuíam local de registro. Restaram então, seis (6) sinais para o modelo de glossário, que são representados pelos gráficos abaixo seguidos da tabela final:

Gráfico 1 - Compilação inicial dos termos e dos sinais.



Fonte: Arquivo pessoal/elaboração própria.

Gráfico 2 - Compilação final dos termos e dos sinais.



Fonte: Arquivo pessoal/elaboração própria.

Quadro 3 - Sinais-termo para o modelo de glossário em nutrição.

Nº	ÍNDICE ALFABÉTICO	SINAL-TERMO	LOCAL DO REGISTRO DE CRIAÇÃO
1.	C	CARBOIDRATO	UFG
2.	F	FIBRA DIETÉTICA	UFG
3.	H	HORMONIO	EPEEM
4.	I	INSULINA	EPEEM
5.	M	METABOLISMO	UFG
6.	P	PROTEÍNA	UFG

Fonte: Arquivo pessoal/elaboração própria.

3.3 Busca de definição para os sinais-termo em dicionários de especialidade

Os repertórios lexicográficos específicos da nutrição foram de extrema relevância para que conseguíssemos as definições pertinentes aos termos. Com o auxílio das profissionais nutricionistas, que além de indicar autores renomados, indicaram obras com definições acessíveis. Contamos com a participação das nutricionistas também, para elaborarmos os exemplos de uso em que os termos estavam contextualizados, e que foram descritos nas fichas léxico-terminológicas. Foram utilizados os seguintes autores: Aoki (1972), Krause (2012), Torres (2011) e Veronez (2017).

3.4 Escolha de um exemplo de uso para os sinais-termo

Se pensarmos num público de pessoas leigas que não são especialistas na área da nutrição, e que necessariam o glossário, a maioria das definições encontradas para os termos, retiradas de dicionários de especialidade, exercem uma função bastante técnica com palavras que emitiriam mais dificuldade de compreensão do que esclarecimentos. Visto que o público que almejamos é diversificado e em sua maioria não são especialistas em nutrição, pelo contrário, são TILS, surdos e interessados na nutrição de um modo geral, optamos por incluir os exemplos de usos, e que estes fossem mais comuns ao cotidiano dessas pessoas.

Nascimento (2016) apresenta um glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente em mídia digital, e nesta obra de referência, as definições para os termos em língua portuguesa foram reformuladas, de modo a tornar mais acessível à compreensão dos surdos e

da faixa etária visada. Isto nos serviu como modelo nas escolhas das frases para exemplo de uso, mas quanto à definição dos termos, optamos por enquanto, pela original retirada dos dicionários.

3.5 Escrita dos sinais-termo em ELiS

A tradução dos verbetes para a escrita das línguas de sinais (ELiS) foi feita por uma graduanda do curso de bacharelado da UFG: Formação de Tradutores e Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa. A discente possui conhecimento e atua com ELiS, além disso, contou com a supervisão de uma professora da mesma universidade. A administradora do programa também possui conhecimento da língua escrita e fez uma revisão da tradução.




3.6 Organização dos sinais-termo em fichas lexicográficas na LP

Com base em Faulstich (2010) e Lima (2014), elaboramos fichas léxico-terminológicas, porém de modo mais simples, mas que serviram como recurso na organização dos verbetes da plataforma virtual, atuando como um mapa estrutural do glossário. As imagens foram retiradas da fonte original responsável pela criação dos sinais-termo, no entanto, não foram utilizadas posteriormente no modelo do glossário em nutrição, pois, para ilustrar e realizar os sinais na plataforma optamos por imagens de sinalizantes surdos devido a naturalidade emitida. As fichas então contêm especificadamente:

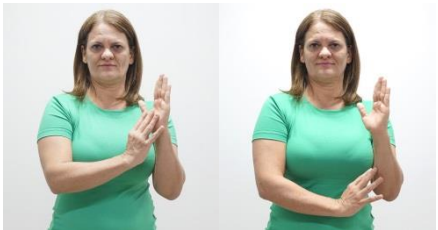


- 1) Numeração e título: indica o número de registro e o projeto proposto.
- 2) Termo: refere-se ao termo listado no glossário em LP.
- 3) Categoria: informam a classe gramatical e gênero dos verbetes, sendo adj. Para adjetivo, s. para substantivo ou v. para verbo; quanto ao gênero, m. indica masculino e f. feminino.
- 4) Escrita das línguas de sinais – ELiS: o termo está escrito em (ELiS).
- 5) Definição em português: contém o significado do termo seguido da fonte embasada em dicionários, com referência na área da nutrição.
- 6) Estratégia para interpretação em Libras: possui uma explicação em LS, que foi utilizada para que os atores surdos sinalizassem os conceitos.

- 7) Imagem do sinal: ilustra o sinal por partes que se alteram os parâmetros, mostrando as configurações de mãos e desenvolvimento do sinal.
- 8) Fonte (origem do sinal): fornece acesso ao link do qual foi retirado o sinal original dos sinais-termo.
- 9) Sinal-Termo em Libras: fornece acesso ao link que mostra a realização do sinal-termo em Libras.
- 10) Exemplos de uso em português: fornece em língua portuguesa um exemplo de frase que inclui o sinal-termo.
- 11) Exemplos de uso em Libras: fornece acesso a um link que permite a visualização em LS de um exemplo frasal em que o sinal-termo está incluso.
- 12) Descrição dos parâmetros fonológicos da mão esquerda: essa seção indica a características que exercem as mãos na realização do sinal, sendo pela configuração de mãos (CM), ponto de articulação (PA), movimento (MO), orientação das palmas (OP) e expressões não manuais (ENM).
- 13) Descrição dos parâmetros fonológicos da mão direita: essa seção indica a características que exercem as mãos na realização do sinal, sendo pela configuração de mãos (CM), ponto de articulação (PA), movimento (MO), orientação das palmas (OP) e expressões não manuais (ENM).




Quadro 4 - Fotografia da tradução/interpretação feita por SILVA, M. C.

<i>Nº 1</i>	FICHA TERMINOLÓGICA DO GLOSSÁRIO BILÍNGUE LIBRAS/PORTUGUÊS EM NUTRIÇÃO			
<i>Termo</i>	CARBOIDRATO			
<i>Categoria e gênero</i>	S. m.			
<i>ELiS</i>	_†\□□□-→̄̄.:_†\□□□□□-←̄̄			
<i>Definição em português</i>	Os carboidratos são produzidos pelos vegetais e são uma importante fonte de energia na dieta, compondo cerca da metade do total de calorias. Os carboidratos são compostos de carbono, hidrogênio e oxigênio em uma proporção C: O : H 2. (KRAUSE, p. 32, 2012).			
<i>Estratégia para interpretação em Libras.</i>	Carboidrato responsável principalmente fornecer energia corpo humano. Exemplos carboidratos: doces, massas: açúcar, mel, balas, arroz e macarrão. Carboidratos muito açúcar precisa evitar.			
<i>Imagem do Sinal-Termo:</i>	 <p data-bbox="555 1106 1401 1160">Fonte: Print screen do sistema operacional Windows Media Player. Acesso em 26/09/2017.</p>			
<i>Fonte: origem do sinal.</i>	https://www.youtube.com/watch?v=0UvgBR--5x8			
<i>Sinal-Termo em Libras</i>	https://www.youtube.com/watch?v=owpypLtYmdY			
<i>Exemplo de uso em português</i>	Ingerir carboidratos é importante para o corpo humano, pois é através deles que podemos obter energia e disposição. No entanto, é necessário cautela, pois em excesso, pode acarretar no ganho de peso.			
<i>Exemplo de uso em Libras</i>	https://www.youtube.com/watch?v=wJXCRYirWwY			
<i>Descrição dos parâmetros fonológicos na mão esquerda:</i>				
CM: Passiva 	PA: Dorso e dedos.	M: -	OP: Para medial.	ENM: Murchar bochechas.
<i>Descrição dos parâmetros fonológicos na mão direita:</i>				
CM: Ativa 	PA: Ponta dos dedos.	M: Para direita – fechar Para esquerda – fechar Para cima - fechar	OP: Para distal, medial e para baixo.	ENM: Murchar bochechas.

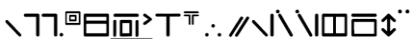



Quadro 5 - Fotografia da tradução/interpretação feita por SILVA, M. C.

Nº 2	FICHA TERMINOLÓGICA DO GLOSSÁRIO BILÍNGUE LIBRAS/PORTUGUÊS EM NUTRIÇÃO			
<i>Termo</i>	FIBRA DIETÉTICA			
<i>Categoria e gênero</i>	S. f.			
<i>ELiS</i>	//_I□□□-↓~:			
<i>Definição em português</i>	As fibras insolúveis, tais como a celulose, aumentam a capacidade de retenção de água do material não digerido, levando ao aumento do volume fecal, ao aumento da frequência de evacuações diárias e ao trânsito intestinal diminuído. Por outro lado, as fibras solúveis formam géis, desaceleram o tempo de trânsito gastrointestinal, ligam outros nutrientes, tais como colesterol e sais minerais, e diminuem a sua absorção. (KRAUSE, 2012, p. 40).			
<i>Estratégia para interpretação em Libras.</i>	Fibras ajudar intestino. Possível encontrar fibra dentro frutas, também cereais integrais: arroz, trigo, aveia. Ter fibras dentro legumes, verduras, também dentro feijões, lentilha, grão de bico, ervilha.			
<i>Imagem do Sinal-Termo:</i>	 <p data-bbox="555 1252 1402 1312">Fonte: Print screen do sistema operacional Windows Media Player. Acesso em 26/09/2017.</p>			
<i>Fonte: origem do sinal.</i>	https://www.youtube.com/watch?v=0UvgBR--5x8			
<i>Sinal-Termo em Libras</i>	https://www.youtube.com/watch?v=6CKf3HEu9fw			
<i>Exemplo de uso em português</i>	As fibras são importantes para o bom funcionamento intestinal. Os cereais, frutas e verduras são ricos em fibras.			
<i>Exemplo de uso em Libras</i>	https://www.youtube.com/watch?v=SiZp9_hViq0			
<i>Descrição dos parâmetros fonológicos na mão esquerda:</i>				
CM: Passiva 	PA: Palma da mão.	M: -	OP: Para medial.	ENM: -
<i>Descrição dos parâmetros fonológicos na mão direita:</i>				
CM: Ativa 	PA: Ponta dos dedos.	M: Para baixo – tamborilar os dedos.	OP: Para medial.	ENM: Vibração dos lábios.

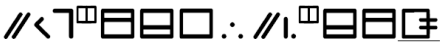


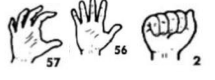
Quadro 6 - Fotografia da tradução/interpretação feita por SILVA, M. C.

Nº 3	FICHA TERMINOLÓGICA DO GLOSSÁRIO BILÍNGUE LIBRAS/PORTUGUÊS EM NUTRIÇÃO			
<i>Termo</i>	HORMÔNIO			
<i>Categoria e gênero</i>	S. m.			
<i>ELiS</i>	//\ \ \ \ \ \ \ \ \ \ \			
<i>Definição em português</i>	O sistema endócrino é constituído por glândulas e tecidos orgânicos responsáveis pela secreção interna de substâncias químicas que controlam funções biológicas denominadas de hormônios . Os hormônios influenciam praticamente todas as funções metabólicas do corpo humano. São substâncias responsáveis por regular as atividades entre as células, tecidos e órgãos do corpo, coordenando-as por meio do inter-relacionamento de vários tipos de mensageiros químicos. VERONEZ (2017, p. 02).			
<i>Estratégia para interpretação em Libras.</i>	Corpo humano natural produzir hormônios , depois liberar dentro células, distribuir partes diferentes corpo humano. Cada hormônio função diferente corpo, exemplo: crescimento, sono, fome, desejos, ansiedade, estresse, disposição, etc.			
<i>Imagem do Sinal-Termo:</i>	 <p>Fonte: Print screen do sistema operacional Windows Media Player. Acesso em 26/09/2017.</p>			
<i>Fonte: origem do sinal.</i>	https://www.youtube.com/watch?v=L2vZTWTgvh8			
<i>Sinal-Termo em Libras</i>	https://www.youtube.com/watch?v=oWWyNUzWTqs			
<i>Exemplo de uso em português</i>	Quando os hormônios estão regulados no corpo humano, é possível que haja um controle melhor do sono, da fome, do estresse, do desejo sexual, entre outros. No entanto, caso os hormônios não estejam de acordo com o ideal, a saúde pode ficar comprometida por diversos fatores.			
<i>Exemplo de uso em Libras</i>	https://www.youtube.com/watch?v=v1zCFZt12js			
<i>Descrição dos parâmetros fonológicos na mão esquerda:</i>				
CM: Ativa 	PA: Ponta dos dedos: polegar, anelar e médio.	M: Para cima e para baixo – alternado.	OP: Para medial.	ENM: -
<i>Descrição dos parâmetros fonológicos na mão direita:</i>				
CM: Ativa 	PA: Ponta dos dedos: dedos polegar, anelar e médio.	M: Para cima e para baixo – alternado.	OP: Para medial.	ENM: -

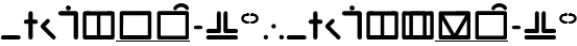



Quadro 7 - Fotografia da tradução/interpretação feita por SILVA, V. R.

Nº 4	FICHA TERMINOLÓGICA DO GLOSSÁRIO BILÍNGUE LIBRAS/PORTUGUÊS EM NUTRIÇÃO			
<i>Termo</i>	INSULINA			
<i>Categoria e gênero</i>	S. f.			
<i>ELiS</i>				
<i>Definição em português</i>	A insulina é um hormônio liberado das células do pâncreas que permite às células metabolizar e armazenar glicose e outros combustíveis. KRAUSE (2012, p.765).			
<i>Estratégia para interpretação em Libras.</i>	Corpo humano produz natural insulina . Insulina controlar níveis açúcar corpo. Corpo usa açúcar dentro sangue porque ter energia, insulina é muito importante. Algumas pessoas ter diabetes, ‘S-I’ pâncreas problema produzir insulina, então precisa injetar insulina.			
<i>Imagem do Sinal-Termo:</i>	 <p data-bbox="639 1055 1449 1106">Fonte: Print screen do sistema operacional Windows Media Player. Acesso em 26/09/2017.</p>			
<i>Fonte: origem do sinal.</i>	https://www.youtube.com/watch?v=TuGOE4yJ0Mo			
<i>Sinal-Termo em Libras</i>	https://www.youtube.com/watch?v=8AoLBkuRvy8			
<i>Exemplo de uso em português</i>	As pessoas diabéticas às vezes fazem uso de medicamento oral ou insulina .			
<i>Exemplo de uso em Libras</i>	https://www.youtube.com/watch?v=v1Lk5yeFBxY			
<i>Descrição dos parâmetros fonológicos na mão esquerda:</i>				
CM: Ativa 	PA: Ponta dos dedos polegar, anelar e médio.	M: Para cima e para baixo – alternado.	OP: Para medial.	ENM: Murchar bochechas.
<i>Descrição dos parâmetros fonológicos na mão direita:</i>				
CM: Ativa 	PA: 1. Ponta dos dedos: polegar e indicador. 2. Abdômen. 3. Ponta dos dedos: polegar, anelar e médio.	M: Para esquerda – fechar dedos. Para cima e para baixo – alternado.	OP: Para medial.	ENM: Murchar bochechas.

Quadro 8 - Fotografia da tradução/interpretação feita por SILVA, V. R.

Nº 5	FICHA TERMINOLÓGICA DO GLOSSÁRIO BILÍNGUE LIBRAS/PORTUGUÊS EM NUTRIÇÃO			
<i>Termo</i>	METABOLISMO			
<i>Categoria e gênero</i>	S. m.			
<i>ELiS</i>				
<i>Definição em português</i>	O metabolismo é a soma de todas as alterações físicas e químicas que ocorrem nas células vivas, incluindo as reações de obtenção e gasto da energia proveniente do alimento. TORRES (2011. p. 136).			
<i>Estratégia para interpretação em Libras.</i>	Metabolismo capaz rápido ou lento é troca energia dentro corpo humano. Pode acontecer acúmulo energia, também liberar energia células.			
<i>Imagem do Sinal-Termo:</i>	 <p data-bbox="555 1126 1401 1182">Fonte: Print screen do sistema operacional Windows Media Player. Acesso em 26/09/2017.</p>			
<i>Fonte: origem do sinal.</i>	https://www.youtube.com/watch?v=0UvgBR--5x8			
<i>Sinal-Termo em Libras</i>	https://www.youtube.com/watch?v=4ICcwEhaMgc			
<i>Exemplo de uso em português</i>	Pesquisas indicam que se metabolismo for mais lento, é possível que isto ocasiona uma futura obesidade.			
<i>Exemplo de uso em Libras</i>	https://www.youtube.com/watch?v=ZWqJlsW5heE			
<i>Descrição dos parâmetros fonológicos na mão esquerda:</i>				
CM: Ativa 	PA: Palma das mãos.	M: Circular horizontal – fechar dedos.	OP: Para cima.	ENM: Murchar bochechas.
<i>Descrição dos parâmetros fonológicos na mão direita:</i>				
CM: Ativa 	PA: Palma das mãos.	M: Circular horizontal – fechar dedos.	OP: Para baixo.	ENM: Murchar bochechas.

Quadro 9 - Fotografia da tradução/interpretação feita por SILVA, V. R.

Nº 6	FICHA TERMINOLÓGICA DO GLOSSÁRIO BILÍNGUE LIBRAS/PORTUGUÊS EM NUTRIÇÃO			
<i>Termo</i>	PROTEÍNA			
<i>Categoria e gênero</i>	S. f.			
<i>ELiS</i>				
<i>Definição em português</i>	As combinações e aminoácidos acoplados formam proteínas (da palavra grega que significa “de primordial importância”). A combinação de mais de 50 aminoácidos forma uma proteína , a partir da qual os seres humanos conseguem sintetizar uma grande variedade de tipos diferentes. AOKI, 1972, p.41.			
<i>Estratégia para interpretação em Libras.</i>	Proteína ter dentro alimentos e também dentro células corpo humano. Proteína muito importante várias funções corpo. Alimentos, exemplo: ovos, carnes, peixes leite, queijos ter muita proteína, ‘S-I’ comer proteínas distribuir corpo humano mais saudável.			
<i>Imagem do Sinal-Termo:</i>	 <p data-bbox="555 1093 1406 1149">Fonte: Print screen do sistema operacional Windows Media Player. Acesso em 26/09/2017.</p>			
<i>Fonte: origem do sinal.</i>	https://www.youtube.com/watch?v=0UvgBR--5x8			
<i>Sinal-Termo em Libras</i>	https://www.youtube.com/watch?v=Wo72YtmQrds			
<i>Exemplo de uso em português</i>	É possível encontrar proteína em vários alimentos, como por exemplo: carnes, leites, queijos e ovos.			
<i>Exemplo de uso em Libras</i>	https://www.youtube.com/watch?v=41vMhonnHE8			
<i>Descrição dos parâmetros fonológicos na mão esquerda:</i>				
CM: Passiva 	PA: Palma e dorso.	M: -	OP: Para medial.	ENM: Inflar bochechas
<i>Descrição dos parâmetros fonológicos na mão direita:</i>				
CM: Ativa 	PA: Ponta dos dedos.	M: Abrir para laterais – unir e separar dedos.	OP: Para medial e depois distal.	ENM: Inflar bochechas

3.7 Execução de filmagens e registro na plataforma

3.7.1 Filmagem da apresentação inicial, dos sinais-termo e exemplos de uso

A apresentação inicial foi realizada pela administradora do glossário, TILS e ouvinte. Realizada em LS de modo breve, porém, convidativa à participação e visualização dos consulentes ao glossário. Tentamos transmitir clareza, sempre respeitando as regras gramaticais da LS. Acreditamos que é possível discernir na apresentação, que o modelo de glossário em nutrição é apropriado para sinais-termo relacionados à alimentação e saúde nutricional. Os sinais-termo, o significado destes e o exemplo de uso foram filmados por dois atores surdos, cada um interpretou três (03) verbetes.

Seguimos algumas regras durante a realização das filmagens com base nos conhecimentos sociais como, as orientações dos TILS presentes, e as indicações dos surdos que são atuantes e acostumados com esse tipo de modalidade. E também em caráter científico, embasando nossas filmagens em Brasil (2009) e Nascimento (2016). Avaliamos o local, o contraste do plano de fundo com os atores surdos, suas posições e posicionamento da câmera. O enquadramento dos surdos intérpretes abrangeu um espaço necessário para sua movimentação, sendo focalizado da cintura para cima e não excedendo sua limitação espacial na sinalização. A iluminação também estava adequada, pois não havia ofuscamento nem sombras nos intérpretes.

Mantivemos a padronização formal da linguagem, assim fizemos algumas adequações nos sinais, além de não excedermos nas ENM, por não se tratar de um trabalho artístico, o que geralmente permite certa liberdade na utilização deste parâmetro. As mensagens foram emitidas de forma clara, precisa e expressiva. Dentre essas regras, nos atentamos para a acuidade visual dos surdos, obtendo uma postura mais ereta e discreta dos sinalizantes, assim como nas suas vestimentas, mais formal e com poucos acessórios. Observamos também quanto ao tempo que deveríamos nos limitar, dada à modalidade de um glossário, que visa conceituar de modo prático tal termo, mas fornecendo clareza e significação. De acordo com Brasil (2009) sugere-se que a pele deve contrastar com a roupa utilizada, ou seja, se a pessoa possui a pele clara deve usar roupas lisas mais escuras, sem decotes, golas e estampas. É importante também caso o cabelo seja grande, ele esteja preso para evitar interrupções no ato da sinalização e não cobrir a expressão facial.

As frases foram explicadas aos surdos atores, porém, os deixamos livres para adaptações naturais em sua L1, para que uma maior clareza fosse de fato transmitida no intuito do público compreender o uso do sinal-termo. Alguns equívocos foram cometidos no respeito ao espaço de sinalização e ao efeito espelho que é transmitido após as gravações. No término das filmagens, ao perceber que alguns vídeos não resultaram do modo como objetivamos, fizemos algumas seleções e gravamos novamente itens que julgamos necessários.

CAPÍTULO 4: CARACTERÍSTICAS DO GLOSSNUTRI

Este glossário bilíngue Libras/Português em nutrição foi intitulado como “GLOSSÁRIO BILÍNGUE DE NUTRIÇÃO, LIBRAS/PORTUGUÊS” (GLOSSNUTRI) e procuramos atingir às necessidades que compõem a Libras como prioridade por L1, em seguida a língua portuguesa. As ilustrações, dada à modalidade muito específica do termo e que não emitiam um conceito imagético, não foram inseridas a priori, o que não impede que futuramente, caso necessário, tal mudança seja adaptada.

Algumas mudanças significativas poderão de fato acontecer na plataforma que sustenta o GLOSSNUTRI, tais como: inserção de mais sinais-termo, mais vídeos em LS, mais imagens e outros itens que correspondam à caracterização de um glossário bilíngue. Dada essa fase de teste em que se encontra o material, abaixo seguem as características pertinentes ao presente momento em que ele foi estruturado.

4.1 Macro e micro estrutura do glossário

4.1.1 Macroestrutura do GLOSSNUTRI

Podemos destacar a princípio:

a) A nomenclatura

A nomenclatura é composta pelo termo em português, pela escrita em ELiS e pela realização de vídeos exemplificando o sinal que a compõe.

b) Sinais-termo

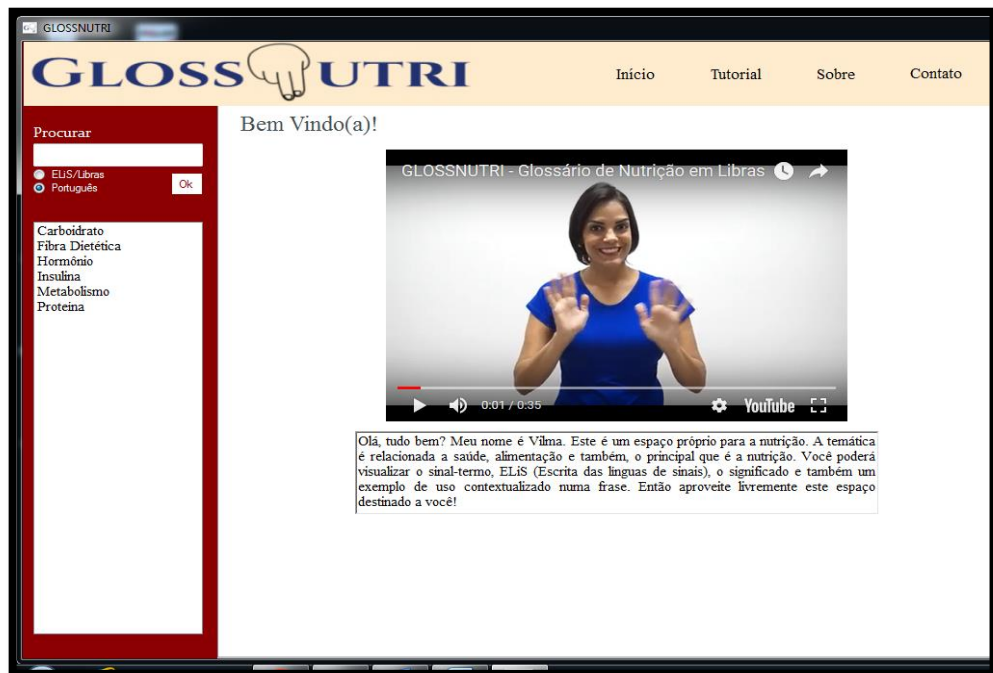
Os seis sinais-termo que integram o modelo do GLOSSNUTRI foram filmados por dois surdos, sendo uma do sexo feminino e outro do sexo masculino. Foram convidados, por serem usuários que representam a comunidade e cultura surda, e também pela naturalidade na sinalização.

Consequente, as opções de acesso, tais como: *início*, *tutorial*, *sobre* e *contato*.

a) Opção *início*

A página inicial fornece acesso à apresentação do GLOSSNUTRI em Libras feita pela administradora, e em seguida, conta com a tradução para o português escrito. O acesso ao vídeo é possível através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=VFgY-gUu0lc>;

Figura 55 - Apresentação inicial do GLOSSNUTRI.



Fonte: Print screen do sistema operacional Windows Media Player. Acesso em 14/10/2017.

b) Opção *tutorial*

Essa aba emite um tutorial explicativo sobre como utilizar o GLOSSNUTRI, é possível visualizá-lo na íntegra utilizando o link:
https://www.youtube.com/watch?v=m1fMx2Qm8_w;

Figura 56 - Opção “Tutorial” do GLOSSNUTRI.

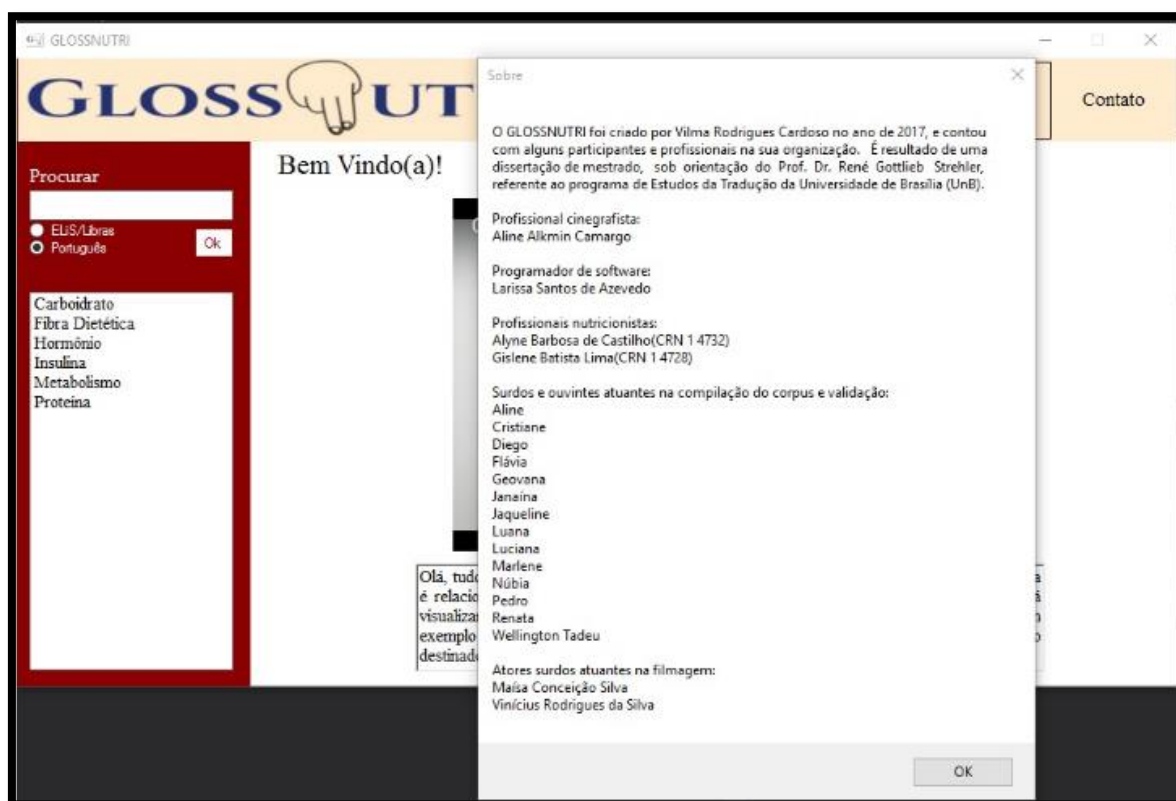


Fonte: Print screen do sistema operacional Windows Media Player. Acesso em 14/10/2017.

c) Opção *sobre*

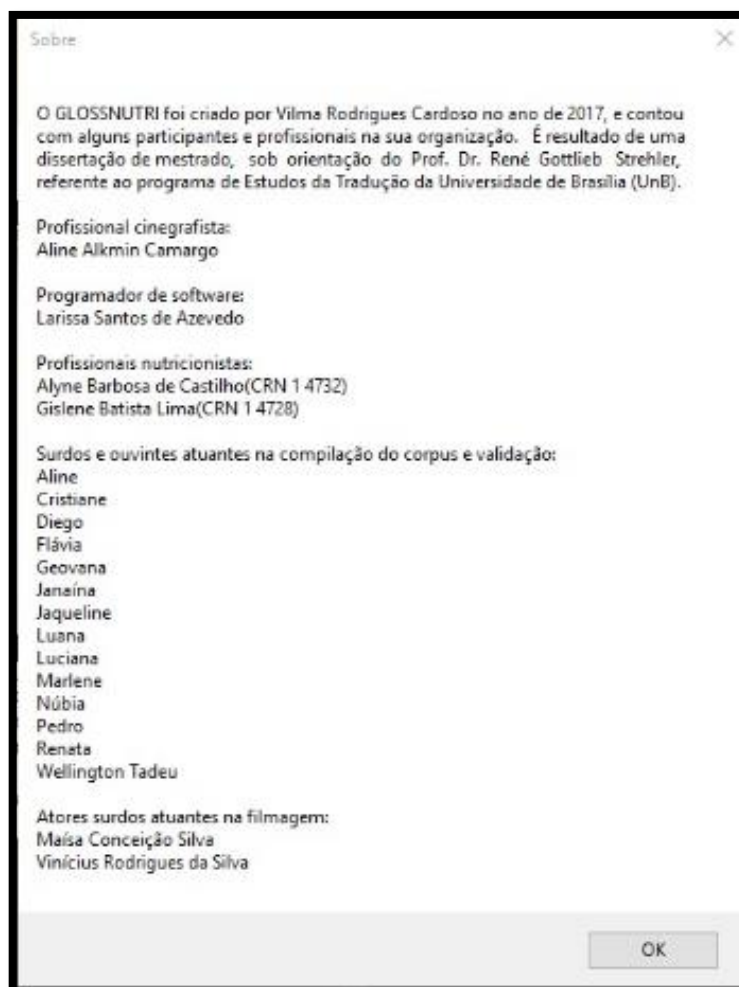
Aqui o consulente pode compreender melhor sobre a iniciativa, objetivo e expectativas do GLOSSNUTRI, e ainda, ter ciência de quais participantes e profissionais estavam envolvidos no projeto:

Figura 57 - Opção "Sobre" do GLOSSNUTRI.



Fonte: Print screen do sistema operacional Windows Media Player. Acesso em 14/10/2017.

Figura 58 - Texto informativo da opção "Sobre" do GLOSSNUTRI.

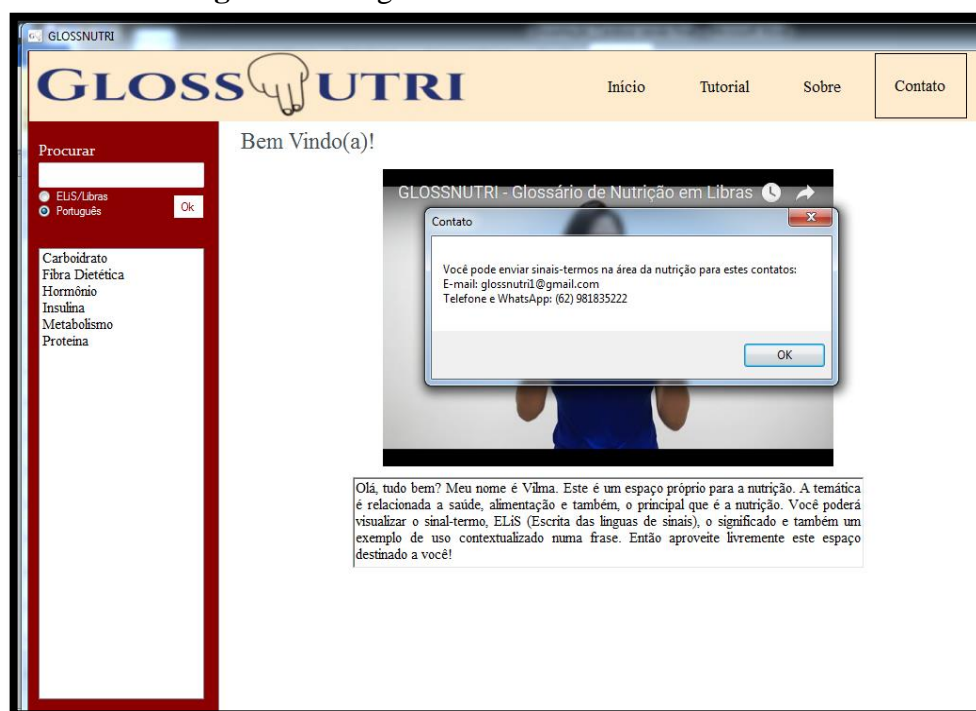


Fonte: Print screen do sistema operacional Windows Media Player. Acesso em 14/10/2017.

d) Opção *contato*

Essa opção informa o contato da administradora para que sejam enviadas sugestões, informações e principalmente envio de novos sinais-termo na área da nutrição. Após validação com toda a equipe do GLOSSNUTRI, os sinais-termo poderão ser devidamente inseridos.

Figura 59 - Página “Contato” do GLOSSNUTRI.



Fonte: Print screen do sistema operacional Windows Media Player. Acesso em 14/10/2017.

4.1.2 Microestrutura do verbete

Podemos destacar três abas informativas: *sinal*, *exemplo de uso* e a *descrição fonológica dos sinais-termo*.

- a) Na aba *sinal*, a esquerda da tela há: o termo em português, em ELiS, definição em português e definição com português simplificado. Na parte direita da tela há o vídeo com a realização em Libras do sinal-termo e abaixo a origem do sinal;

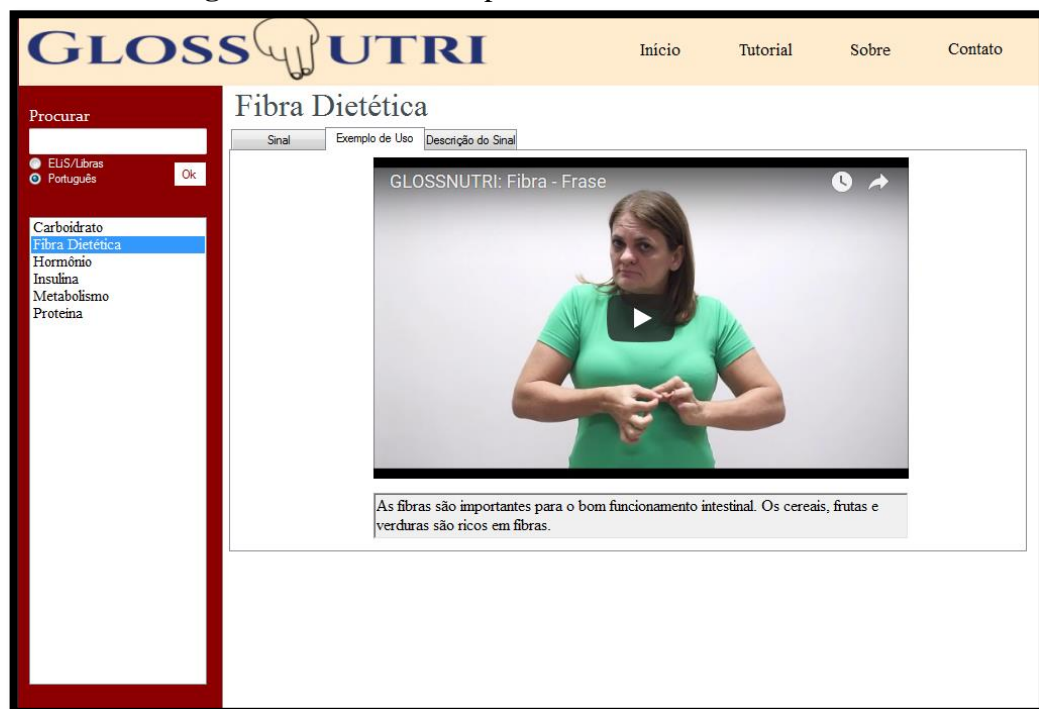
Figura 60 - Aba "Sinal" do GLOSSNUTRI.



Fonte: Print screen do sistema operacional Windows Media Player. Acesso em 14/10/2017.

- b) Na aba *exemplo de uso*, há: um vídeo sinalizado com um exemplo de frase em com o termo contextualizado e abaixo a tradução para o português.

Figura 61 - Aba "Exemplo de Uso" do GLOSSNUTRI.



Fonte: Print screen do sistema operacional Windows Media Player. Acesso em 14/10/2017.

- c) Na terceira aba *Descrição do sinal* há: Imagem dos sinais-termo de modo plausível em cada configuração e movimento e abaixo, as descrições dos parâmetros fonológicos da mão esquerda e da mão direita.

Figura 62 - Aba "Descrição do Sinal" do GLOSSNUTRI.

The screenshot shows the GLOSSNUTRI web application interface. The main content area is titled 'Carboidrato' and features four sequential images of a person demonstrating the sign. Below the images is a table describing the phonological parameters for the left and right hands.

Descrição dos Parâmetros Fonológicos da Mão Esquerda				
CM	PA	M	OP	ENM
Passiva.	Palma e dorso.	-	Para medial.	Inflar bochechas.

Descrição dos Parâmetros Fonológicos da Mão Direita				
CM	PA	M	OP	ENM
Ativa.	Ponta dos dedos.	Abrir para laterais - unir e separar dedos	Para medial e depois distal.	Inflar bochechas.

Fonte: Print screen do sistema operacional Windows Media Player. Acesso em 14/10/2017

4.2 O verbete

Priorizamos na composição do verbete características que fossem mais relevantes na Libras, como a *entrada* que é o sinal-termo, a opção de uma escrita de línguas de sinais: *ELiS* e a *descrição* das CMs, PA, MO, O e ENM de cada mão. Em LP o verbete contém a informação gramatical informando categoria e gênero abreviados, em seguida o significado e a fonte do significado. Embora os seis sinais-termo inseridos pertençam à mesma categoria, mantivemos as informações, na intenção de que o GLOSSNUTRI tenha uma amplitude maior se concretizando como um glossário completo. Na definição em Português, primeiramente está descrito a classe gramatical do verbete, sendo s. = substantivo; f. = feminino; m. = masculino.

Figura 63 - Modelo do verbete do GLOSSNUTRI.

The screenshot displays the GLOSSNUTRI website interface. At the top, the logo 'GLOSSNUTRI' is visible, along with navigation links for 'Início', 'Tutorial', 'Sobre', and 'Contato'. A search bar is located on the left side, with options for 'ELIS/Libras' and 'Português'. The main content area is titled 'Carboidrato' and features a video player showing a man holding a sign that reads 'GLOSSNUTRI: Proteína - Sinal'. Below the video, there is a link to the video's source: <https://www.youtube.com/watch?v=owpypLTymdY>. The page also includes a sidebar with a list of categories: 'Carboidrato', 'Fibra Dietética', 'Hormônio', 'Insulina', 'Metabolismo', and 'Proteína'.

Fonte: Print screen do sistema operacional Windows Media Player. Acesso em 14/10/2017.

4.3 Descrição fonológica dos sinais-termo

A descrição dos sinais-termo acompanha a imagem de cada alteração significativa do sinal, e ainda a explicação dos parâmetros na Libras que permeiam o sinal: CM de cada mão, o PA, o MO, a O e as ENM.

Figura 64 - Descrição fonológica dos sinais-termo do GLOSSNUTRI.

The screenshot shows the GLOSSNUTRI web application interface. The main content area displays the sign 'Metabolismo' with three video examples of a person performing the sign. Below the videos is a table describing the phonological parameters for the left and right hands. The table is organized into two sections: 'Descrição dos Parâmetros Fonológicos da Mão Esquerda' and 'Descrição dos Parâmetros Fonológicos da Mão Direita'. Each section has a table with columns for 'PA', 'M', 'OP', and 'ENM'. The 'Ativa.' row in both tables lists the parameters: 'Palma das mãos.', 'Circular horizontal - fechar dedos.', 'Para cima.', and 'Murchar bochechas.'

Descrição dos Parâmetros Fonológicos da Mão Esquerda				
CM	PA	M	OP	ENM
Ativa.	Palma das mãos.	Circular horizontal - fechar dedos.	Para cima.	Murchar bochechas.

Descrição dos Parâmetros Fonológicos da Mão Direita				
CM	PA	M	OP	ENM
Ativa.	Palma das mãos.	Circular horizontal - fechar dedos.	Para baixo.	Murchar bochechas.

Fonte: Print screen do sistema operacional Windows Media Player. Acesso em 14/10/2017.

4.4 Mecanismos de busca pelos sinais-termo

A busca pelo sinal-termo pode ser realizada através de três opções: o consulente pode selecionar os termos listados já existentes no programa, pode buscar por caracteres da língua portuguesa ou por ELiS.

4.4.1 Buscando por termos listados

Na aba principal há a opção “Procurar”, o consulente terá acesso aos termos existentes no GLOSSNUTRI, sendo que eles já estarão visíveis por ordem alfabética em língua portuguesa.

Figura 65 - Busca por sinal-termo no GLOSSNUTRI.

The screenshot shows the GLOSSNUTRI website interface. At the top, there is a navigation menu with 'Inicio', 'Tutorial', 'Sobre', and 'Contato'. The main header features the 'GLOSSNUTRI' logo. On the left, a search bar is present with options for 'ELIS/Libras' and 'Português'. Below the search bar, a list of categories is shown, with 'Proteína' highlighted. The main content area displays the search results for 'Metabolismo', including three video examples of the sign and a table of phonological parameters.

Metabolismo

Sinal Exemplo de Uso Descrição do Sinal

Descrição dos Parâmetros Fonológicos da Mão Esquerda

CM	PA	M	OP	ENM
Passiva.	Palma e dorso.	-	Para medial.	Inflar bochechas.

Descrição dos Parâmetros Fonológicos da Mão Direita

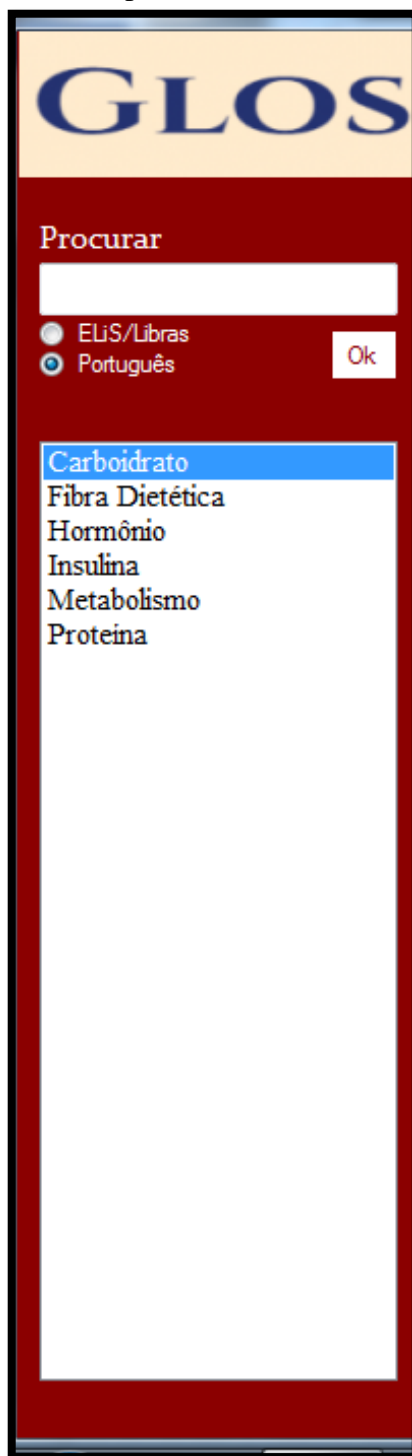
CM	PA	M	OP	ENM
Ativa.	Ponta dos dedos.	Abriu para laterais - unir e separar dedos	Para medial e depois distal.	Inflar bochechas.

Fonte: Print screen do sistema operacional Windows Media Player. Acesso em 14/10/2017.

4.4.2 Buscando por caracteres da LP

É possível que o consulente digite o início de uma palavra, ou mesmo um único caractere, e surgirão algumas opções dos verbetes inseridos no GLOSSNUTRI.

Figura 66 - Busca por caracteres no GLOSSNUTRI.

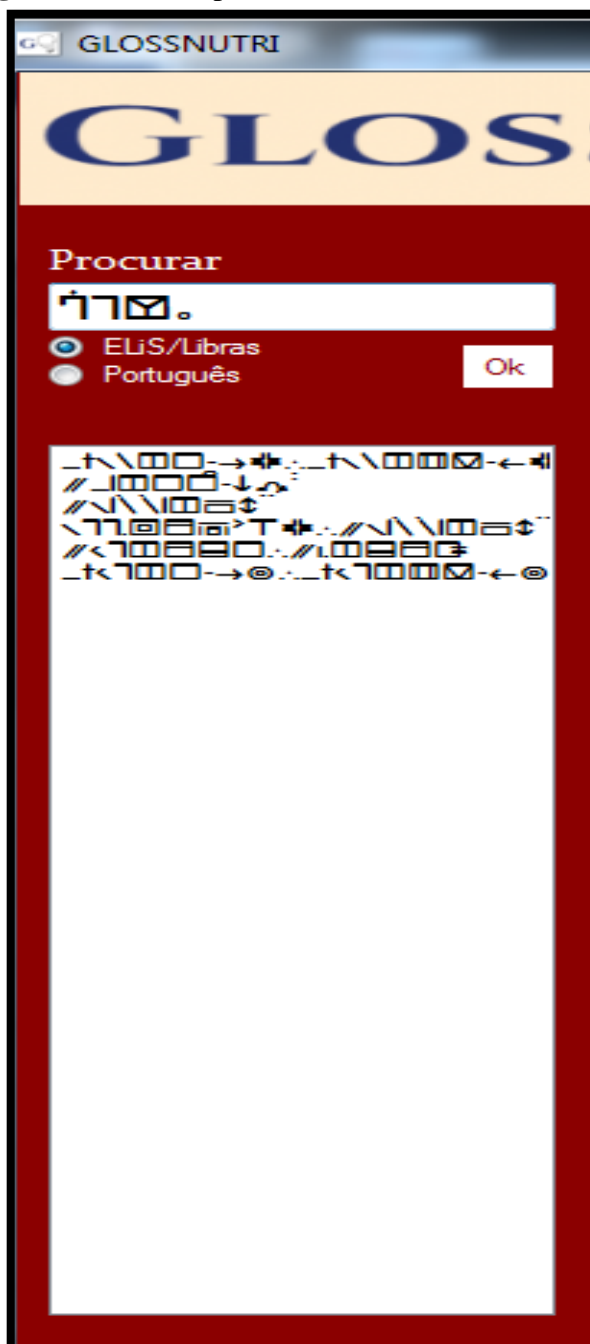


Fonte: Print screen do sistema operacional Windows Media Player. Acesso em 14/10/2017.

4.4.3 Buscando pelo sistema ELiS

A busca pelo sistema ELiS se faz possível pelos itens existentes no programa e que já estão listados na lateral esquerda, e também, caso o usuário tenha a fonte ELiS em seu computador, é possível que ele digite o caractere correspondente para realizar a busca pelo sinal-termo.

Figura 67 - Busca por ELiS no GLOSSNUTRI.

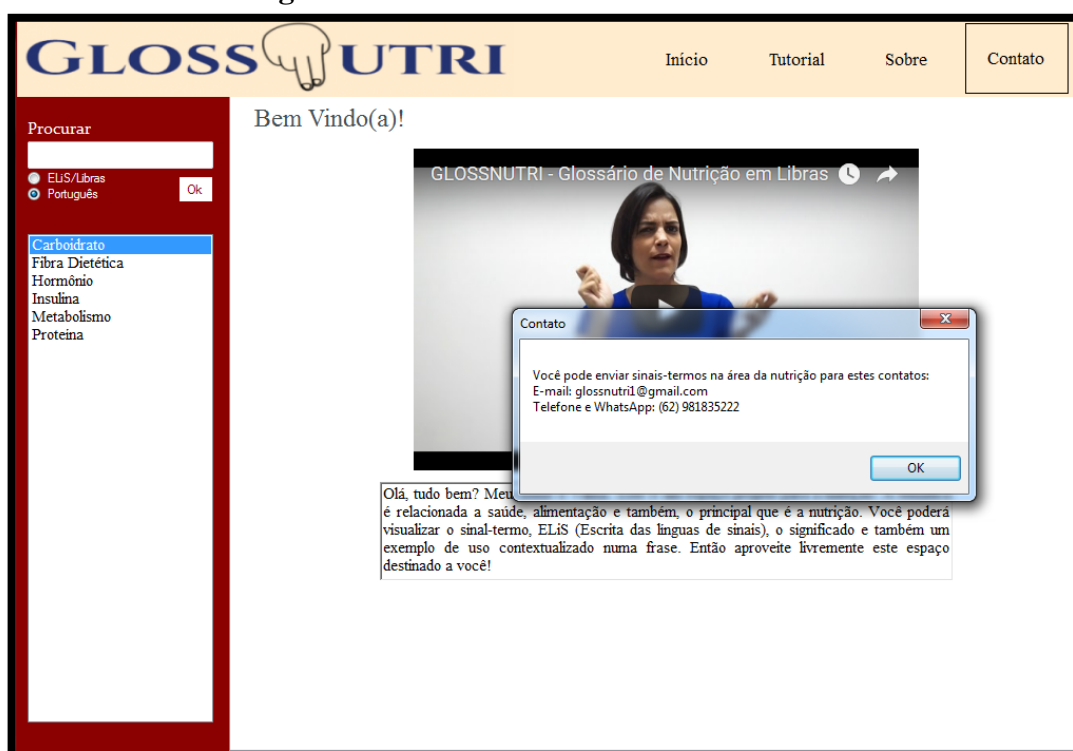


Fonte: Print screen do sistema operacional Windows Media Player. Acesso em 14/10/2017.

4.5 Registro de dados na plataforma digital

O registro de dados no GLOSSNUTRI é restrito à administradora, no entanto, os consulentes podem enviar sinais que condizem com a área da nutrição, através da área “contato”. Depois de enviadas as sugestões, a administradora fará o mesmo processo metodológico que fez para incluir os seis sinais-termo testes no GLOSSNUTRI, ou seja, irá verificar com a equipe de TILS e surdos o uso e validação dos sinais-termo. Posteriormente irá estruturá-los no mesmo padrão dos outros já inseridos, o que deverá contar com a participação de nutricionistas, cinegrafista e surdos atuantes na filmagem.

Figura 68 - Aba "Contato" do GLOSSNUTRI.



Fonte: Print screen do sistema operacional Windows Media Player. Acesso em 14/10/2017.

4.6 Acesso ao glossário

O acesso ao GLOSSNUTRI é possível através do uso de qualquer navegador que dê acesso a internet. Para utilizar o GLOSSNUTRI o usuário dispõe de três opções:

- 1 Baixar a versão final do glossário no computador através do link: <https://github.com/laazevedo/GLOSSNUTRI>. Esse processo é bem explicativo e de fácil acesso.
- 2 Pesquisar na página do Google com palavras chaves, tais como: glossário de nutrição em libras, glossário libras, libras nutrição, GLOSSNUTRI libras, entre outras opções, e;
- 3 Acessar as páginas Letras Tradução UFG Libras ou glossnutri1 no YouTube pelo sistema de busca ou diretamente pelos links:
<https://www.youtube.com/channel/UCPYAlv7TWADmtIQFHUoItUQ>
<https://www.youtube.com/?gl=BR>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos resgatar inicialmente neste trabalho proposto, alguns conhecimentos que permeiam a terminologia e a língua de sinais, no intuito de levar o leitor a ter reflexões sobre a necessidade na ampliação de materiais lexicográficos que auxiliem os usuários das línguas de sinais. Ao tratarmos da problemática que permeia as tentativas de criação de sinais para termos de especialidade, ressaltamos também, a problemática da ausência de sinais-termo na área da nutrição, e que ainda, caso contrário a essa realidade e for concretizada a existência de sinais, a maior recorrência é seu uso em determinado local e com poucas formas de divulgação e/ou acesso. Tentamos assim, promover a reflexão de uma possível união entre os falantes de Libras, para que ocorra uma ampla divulgação dos novos sinais criados para termos técnicos e que estes possam ser utilizados nacionalmente, e em vista disso, propomos o GLOSSNUTRI.

Podemos afirmar que este glossário é um recurso auxiliador na divulgação dos sinais já criados, e que, contribui significativamente na praticidade em caso de busca dos TILS e surdos interessados em nutrição. O GLOSSNUTRI, dada especificidade que são estruturados os itens lexicais, contribui nas análises linguísticas das línguas de sinais, transmitindo informações precisas ao consulente. Além disso, promove a divulgação de uma escrita de línguas de sinais, a ELiS, que está sendo difundida também, nas universidades em que os surdos estão inseridos, o que fortalece ainda mais o avanço dessa língua.

O GLOSSNUTRI é um modelo de glossário bilíngue em nutrição (Libras/Português) que fornece características que visam atender aos usuários das línguas de sinais: professores, TILS, surdos e demais interessados. Ele permite um sistema de busca por termos inseridos e listados no sistema, permite a busca por caracteres da língua portuguesa, e de modo inovador, a busca por ELiS. Acrescentamos que para que este sistema de busca se tornasse possível, foi preciso orientação de Barros, professora doutora responsável pela criação do sistema ELiS. E também como outro diferencial inovador, elaboramos algumas estratégias de interpretação em Libras que auxiliaram os atores surdos na filmagem da compreensão dos conceitos de cada sinal-termo, e no intuito de favorecer ao público essas estratégias foram inseridas no GLOSSNUTRI.

Certamente muitas foram as dificuldades no decorrer deste trabalho, que iam desde a definição do corpus e até mesmo com barreiras tecnológicas. Mesmo se tratando de uma proposta árdua, conseguimos inserir alguns aspectos inovadores no intuito de contribuir com a

expansão terminológica e divulgar os sinais-termo na área da nutrição. Buscamos sempre validar os sinais inseridos no sistema com base nas decisões da equipe, estudos acadêmicos e seguindo um padrão, que de fato, pudesse atender melhor o público alvo. Claramente em uma pesquisa de mestrado não conseguiríamos inserir muitos sinais-termo no GLOSSNUTRI, no entanto, os seis sinais-terminos vigentes foram bem estruturados, de modo que auxiliam a diminuir a defasagem na aquisição de sinais e conhecimento na área nutricional.

É fato que almejamos a consolidação e divulgação deste material para que os sinais-termo inseridos possam ser utilizados quando necessários, e que seja uma ferramenta de busca acessível no momento em que for cabível. Intencionamos isto, por compreendemos que o GLOSSNUTRI é capaz de contribuir acima de tudo, em caráter acadêmico, no saber dos discentes surdos, fugindo assim, ao fracasso e ao aprendizado tardio quando se trata de terminologias específicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, F. H. *Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngue*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.

AGUIAR, T. C. *Nova proposta de sílaba em Libras*. 2013. 99 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Pós-Graduação em Letras e Linguística.

ALBANO, N. M. *Macro and Micro Structure of the Terminological Glossary of Aromatherapy (Glotear)*. In: UNOPAR. *Cient., Ciênc. Human. Educ.*, v. 10, n. 2. Londrina, out. 2009, p. 17-22.

ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. – 3. ed. – São Paulo: Ática, 2007.

ALVES, M. M. *Estudos lexicais em diferentes perspectivas [recurso eletrônico]* / São Paulo: FFLCH/USP, 2014. 107 p. Trabalhos apresentados durante o 8. Colóquio. *Os Estudos Lexicais em Diferentes Perspectivas, realizado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, nos dias 6 e 7 de dezembro de 2012*. Disponível em:

AOKI, M. S. *Nutrição no Esporte*. Marcelo Saldanha Aoki, Reury Frank Pereira Bacurau – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, COB Cultural, 2012.

BARROS, L. A. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.

BARROS, M. E. *ELiS: sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais*. Porto Alegre: Penso, 2015.

_____. *Escrita das línguas de sinais: proposta teórica e verificação prática*. 2008. 192 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

_____; AGUIAR, M. S. *Metonímia e iconicidade nos nomes de espécies animais na Libras*.

Disponível em: <http://www.simelp.letras.ufg.br/anais/simposio_44.pdf>. Acesso em: 12/10/2016.

BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

_____. *Formação e Classes de Palavras no Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. *A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos*. In: BAUER, martin; GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BEZERRA, L. G.; CARDOSO, V. R.; CAMARGO, A. A.; OLIVEIRA, J. C. *Dicionário específico: vocabulário saudável*. Disponível em:

<<http://www.congressotils.com.br/anais/anais2014.html>>. Acesso em: 12/09/2016.

BRASIL. Ministério da Educação. *Decreto nº 5626*. Brasília: MEC, 2005.

_____. Secretaria Nacional de Justiça. *A Classificação Indicativa na Língua Brasileira de Sinais/ Organização: Secretaria Nacional de Justiça*. – Brasília: SNJ, 2009.

_____. Decreto-lei nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10436 de 22/04/02 e o art. 18 da Lei 10.098 de 19/12/00.

_____. Lei nº 10436 de 22 de abril de 2002. Oficializa a LIBRAS. BIDERMAN, M. T. C. *A Ciência da Lexicografia*. Alfa, São Paulo. 28 (supl.): 1-26, 1984.

BIBLIOTHÈQUE NATIONAL. Disponível em: <gallica.bnf.fr>. Acesso em: 19/08/2017.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro; LTC, 1978.

BORBA, F. S. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia* / Francisco da Silva Borba. – São Paulo: editora UNESP, 2003.

CABRÉ, M. T. (1999) *La Terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Barcelona: IULA/UPF.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. São Paulo, SP: EDUSP, 2009. v. 1.

CARDOSO, V. R. *Os dicionários da língua brasileira de sinais e suas contribuições*. 2017. Revista Sinalizar, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 50-66, jan./jun., 2017. Disponível em:

<<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/46235>>. Acesso em: 12/04/2017.

CARMONA, J. C. C. *A dicionarização de termos em língua Brasileira de Sinais (Libras) para o ensino de biologia: uma atitude empreendedora*. Londrina: 2015. Dissertação de mestrado.

CASTRO J. G. *Variação Linguística em Língua de Sinais Brasileira – Foco no Léxico*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP – Universidade de Brasília – 2011. Cad. Trad., Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 557-588, jul-dez, 2015 586.

Chapter 9. *Um capítulo da história da SignWriting. A History of SignWriting written in Brazilian Portuguese*. Disponível em:

<<http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html>>. Acesso em 18/04/2017.

CORREIA, M. *Os Dicionários Portugueses*. Lisboa: Editorial Caminho, 2009.

ECO, U. *Quase a mesma coisa. Experiências de tradução*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007. Tradução de Eliana Aguiar.

FAULSTICH, E. *Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação*. Brasília: Universidade de Brasília/LIV, 1995a.

_____, E. *Como ler, entender e redigir um texto*. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____, E. *Metodologia para Elaboração de Dicionários, Glossários e Léxicos, com Modelo de Fichas de Terminologia e de Verbetes*. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP- IL - UNB. Centro de Estudos Lexicais e TerCad.Trad., Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 557-588, jul-dez, 2015 587.

_____, E. *Modalidade oral-auditiva versus Modalidade Vísuo-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez*. In: LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira (Org.). *Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007.

_____, E. *Para gostar de ler um dicionário*. In: RAMOS, C. de M. de A; BEZERRA, J. de R. M.; ROCHA, M. de F. S.. (Org.). *Pelos caminhos da Dialetoleologia e da Sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas*. 1ed.São Luís: UFMA, 2010,v. 1, p. 166-185.

_____, E. *Português para quem sabe português*. Laboratório de treinamento revisão teórica e prática. Terceira edição. Brasília. 2012. 14 p.

_____, E. *Proposta metodológica para elaboração de léxicos, dicionários e glossários*. Brasília, 2001. Disponível em:
http://canaluniversitario.desenvolvimento.gov.br/monografias/ja_disponiveis.htm, acesso em: 05 de fevereiro de 2013.

_____, E. *Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina*. Ciência da Informação (Impresso), Brasília, v. 24, n.3, p. 281-288, 1995.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. *Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002. PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo/RS: Feevale, 2013.

Disponível em: <<http://migre.me/eqVxf>>. Acesso em 18/04/2016.

GIL, I. T. M. *Algumas considerações sobre línguas de especialidades e seus processos lexicogênicos*. Máthesis, 2003 (113-130).

HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. *Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. Editora: Ciranda Cultural. São Paulo, 2009. ISBN 978-85-380-0492-9.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

_____. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

KLEPARSKI, Grzegorz A.; ODARCZYK-STACHURSKA, Anna W. *Towards the main highlights in the history of Modern Lexicography*. Studia Anglica Rsoviensia 5. Seria Filologiczna Zeszyt. M. 51, 2008.

Disponível em: <https://www.ur.edu.pl/file/1319.sar_v5_07.pdf>. Acesso em 18/04/2017.

KRAUSE, S.: *alimentos, nutrição e dietoterapia* / L. Kathleen Mahan, Sylvia Escott-Stump, Janice L. Raymond; [tradução Claudia Coana et al.]. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 1227p.: il. ; 28 cm Tradução de: Krause's food, nutrition care process, 13th ed. Inclui bibliografia,

índice e apêndice ISBN 978-85-352-5512-6 1. Dietoterapia. 2. Nutrição. 3. Alimentos. I. Mahan, L. Kathleen. II. Escott-Stump, Sylvia III. Raymond, Janice L. 12-4688.

KRIEGER e MACIELI, A. M. B. *Temas de Terminologia*. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/ UFRGS/ Humanitas/USP, 2011.

LIMA, V. L. S. *Língua de Sinais: proposta terminológica para a área de Desenho Arquitetônico*. 2014. 278 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

LUTERO, M. “*Carta aberta sobre a Tradução*”. Trad. De Mauri Furlan. In: *Clássicos da Teoria da Tradução*. Antologia bilíngue, vol. 4, Renascimento. Florianópolis: NUPLITT, 2006. (p.95-115).

MAHAM, L. K.; ESCOTT-STUMP, S. Krause: *Alimentos, nutrição e dietoterapia*. 13ª edição. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 1227p.

MARINHO, M, L. *O ensino da Biologia: o intérprete e a geração de sinais*. Dissertação de Mestrado, Brasília, 2007.

_____. *Língua de Sinais Brasileira: proposta de análise articulatória com base no banco de dados LSB – DF*. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília. Instituto de Letras. Departamento de Linguística. Português e Línguas Clássicas. 2014.

MCARDLE, W.D. *Fisiologia do exercício: nutrição, energia e desempenho humano*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 7. ed., 2013.

NASCIMENTO, C. B. *Empréstimos Linguísticos do Português na Língua de Sinais Brasileira – LSB: Línguas em Contato*. Brasília, 2010. 109 f. Dissertação (mestrado) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

_____. *Terminografia em língua de sinais brasileira: proposta de glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente, em mídia digital*. Brasília, 2016. Dissertação (doutorado – Instituto de Letras, Universidade de Brasília).

NORD. C. *Text analysis in translation*. 1991. Amsterdam: Rodopt.

_____. *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*. Manchester: St Jerome, 1997.

OLIVEIRA, J. S.; STUMPF, M. R. *Desenvolvimento de glossário de Sinais Acadêmicos em ambiente virtual de aprendizagem do curso Letras- Libras*. Informática na Educação: teoria e prática- Porto Alegre, v. 16, n.2, jul/dez. 2013.

_____. *Glossário Letras – Libras como ferramenta para Formação/ Consulta de Tradutores – II Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira*, UFSC, 2010.

OLIVEIRA, M. P. P.; ISQUERDO, A. N. *As Ciências do léxico. Lexicologia, lexicografia e terminologia*. Organizadoras, 2. Ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. 268 p.: 21cm.

OTTONI P. *Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.

OUSTINOFF, M. *Tradução: história, teorias e métodos*. Trad. De Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2011.

_____. *Tradução: história, teorias e métodos*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PAVEL, S.; NOLET, D. *Manual de Terminologia*. Trad. Enilde Faulstich. (Translation Bureau: www.translationbureau.gc.ca) PERROTTI. Disponível em http://www.octante.net/arquetipo/pt/docs/terminologia_presport.pdf. Acesso em: fevereiro de 2017.

PEIXOTO, A. A. *Design de Fontes Tipográficas na Inclusão Social de Surdos-Mudos*. 72f. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Design) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

QUADROS. R. M.; KARNOPP L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

_____. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. v. 1. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SAGER, J. C. *A practical course in terminology processing*. Amsterdam-Philadelphia, John Benjamine Publishing company, 1990.

SANTOS, S. A. dos. *Tradução/Interpretação de língua de sinais no Brasil: Uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010*. Tese – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. 2013.

SKLIAR, C. *Educação & Exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial/* org. de Carlos Skliar. – Porto Alegre: Mediação, 1997. 112p. (Cadernos de Autoria).

STOKOE, W., CASTERLINE, D., CRONEBERG, C. *A dictionary of American Sign Language linguistic principles* Washington, Gallaudet, 1965.

STREHLER, R.G.; GOROVITZ, S. *Manual do RepLET, acompanhado de elementos de lexicologia e de terminologia*. Brasília: Thesaurus, 2011. v.1. 96 p.

STUMPF, M. *Aprendizagem De Escrita De Língua De Sinais Pelo Sistema Signwriting: Línguas De Sinais No Papel E No Computador*. Porto Alegre: Ufrgs, 2005. Tese (Doutorado Em Informática Na Educação), Pós-Graduação Em Informática Na Educação, Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, 2005.

_____. *Sistema Signwriting: Por Uma Escrita Funcional Para O Surdo*. In: Thoma, A. S. Et Al. *A Invenção Da Surdez: Cultura, Alteridade, Identidade E Diferença No Campo Da Educação*. Santa Cruz Do Sul: Edunisc, 2004.

_____. *Transcrições de Língua de Sinais Brasileira em SignWriting*. In: III Congresso IberoAmericano de Informática na Educação Especial; Fortaleza, 2002. Anais

SUTTON, V. *Lições sobre o SignWriting: um sistema de escrita para língua de sinais*. Tradução: Marianne Rossi Stumpf - Tradução Parcial e Adaptação do Inglês/ASL para Português LIBRAS do livro “Lessons in SignWriting”, de Valerie Sutton, publicado originalmente pelo DAC – Deaf Action Committe for SignWriting. Disponível em: Acesso em 29 jul. 2016.

TODHUNTER, E.N. *Some aspects of the History of Dietetics*. World review of nutrition and dietetics. 5: 32-78, New York, 1965.

TORRES, A. *Nutrição Humana. Vamos falar sobre nutrição?* Brasília – UnB. 2011. Disponível na internet em:

<https://www.ideiasnamesa.unb.br/upload/biblioteca/292/Livro%20NHS.pdf>. Acesso em: 06/07/2017.

TUXI, S. P. *A Terminologia na língua de sinais brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos no meio acadêmico em glossário bilíngue. Tese de Doutorado em Linguística.* Universidade de Brasília, 2017. 278p.

VASCONCELOS, F. A.G. *Origem e conformação do campo da nutrição em saúde pública em Pernambuco: uma análise histórico-estrutural.* Revista de Nutrição. [on line]. 2001a, v.14, supl., p.15-28.

Disponível na internet em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em 18/09/2017.

VERONEZ, D. A. L.; VIEIRA, M. P. M. M.; RREGATTIERI, N. A. T. *Abordagem morfofuncional do sistema endócrino.*

Disponível na internet:

<http://rle.dainf.ct.utfpr.edu.br/hipermidia/images/documentos/Abordagem_Morfofuncional_do_Sistema_Endocrino.pdf>. Acesso em 09/09/2017.

VENUTI, L. *The Translation Studies Reader.* Routledge, London and New York, 2000.

YPIRANGA, L.; GIL, M.F. *Formação profissional do nutricionista: por que mudar?* In: CUNHA, D. T. O.; YPIRANGA, L.; GIL, M.F (Org). II Seminário nacional sobre o ensino de nutrição. Goiânia: FEBRAN, p. 20-36, 1989.

WELKER, H. A. *Dicionários – uma pequena introdução à lexicografia.* 2.ed. revista e ampliada- Brasília: Thesaurus, 2004. Brasília, Brasília, 2009.